

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Migrações, Inter-etnicidades e Transnacionalismo, realizada sob a orientação científica da Prof^a. Doutora Margarida Marques

INTRODUÇÃO

As sociedades são mais do que somente “imagined communities”. Elas estão também envolvidas em relações sociais reais, onde trocas tangíveis e intangíveis de natureza recíproca tomam lugar. Na vida quotidiana as interações sociais ocorrem dentro de arenas sociais concretas. Estes espaços físicos estão ligeiramente ligados a domínios de vida como as amizades.

As amizades são primeiramente relações diádicas, que através de uma pertença a um grupo com normas e regras de acção compartilhadas (Eve 2002) e por vezes integração de terceiros nesse círculo de amizades, podem conduzir a laços de amizades e redes sociais.

As redes de amizade podem assim crescer e tornarem-se estruturas de grupo e redes, onde embora parte dos seus membros possam não se conhecer ou ter relações entre si, essas redes de amizade dão-lhe acesso a diferentes sectores da sociedade unindo deste modo até sistemas sociais. (Grätz; Meier; Pelican 2004:17)

As relações de amizade podem ainda em campos étnicos heterogéneos ter um efeito potencialmente integrador e atenuador de conflitos. Para tal será necessário, que os factores de exclusão sejam fracos e que haja um mínimo de normas compartilhadas e contactos quotidianos intensos. (Horstmann; Schlee 2001)

Tendo portanto assim em conta a importância dos laços de contactos e de amizades interétnicos para o encastramento social, é precisamente neste âmbito que vou centrar a investigação.

Esta dissertação baseia-se em evidências empíricas, obtidas a partir da observação de estudantes estrangeiros que frequentam a FCSH, com o propósito de investigar, até que ponto a faculdade, como espaço social, tem um impacto significativo no alcance de relações interétnicas pelos alunos estrangeiros, ou seja em práticas de relacionamento destes, com os demais estudantes de origem portuguesa.

A base de dados foi fornecida por um inquérito gerido autonomamente, levando em consideração a associação complexa de elementos teóricos da análise de

redes sociais e da investigação da integração. A integração social é medida através de características das redes de relacionamento. Estas englobam todas as relações, tanto aquelas com membros do mesmo país de origem, como as com membros do país de acolhimento ou com membros de outros países de origem

As marcas da integração social manifestam-se nos padrões de interacção. Estes padrões de relacionamento vão ser medidos através de indicadores de contactos quotidianos e redes de amizade.

O primeiro objectivo do presente trabalho foi investigar a integração social dos estudantes estrangeiros dentro da FCSH e para esse fim fazer a designação dos determinantes da integração social. O segundo foi determinar o papel da FCSH, como espaço social, no fenómeno da integração social, através da comparação dos padrões de relacionamento dentro e fora da FCSH.

A importância do meu trabalho pode ser compreendida debaixo de um sentido informativo acerca do panorama de interacção positiva no espaço social que é a FCSH, uma vez que Portugal é um país de imigração, que defende um modelo de sociedade intercultural com a finalidade de alcançar uma coesão social.

Segue-se a estrutura do presente trabalho e uma curta informação sobre o conteúdo dos capítulos:

O primeiro capítulo refere brevemente a história da migração em Portugal, a fase de mutação de país de emigração para país de imigração e os passos dados na formação de um modelo de sociedade intercultural. É apresentado junto aos conceitos de assimilação e multiculturalismo, o conceito de interculturalidade como processo de integração dos imigrantes na sociedade de acolhimento.

O capítulo dois ocupa-se com alguns dados e informações relevantes sobre o terreno da pesquisa, a FCSH, e define o objecto de estudo, os estudantes estrangeiros da FCSH.

Uma vez que a investigação se baseia numa associação muito complexa de elementos teóricos sobre a análise das redes sociais e da investigação da integração, no capítulo três vão ser esclarecidos os conceitos teóricos mais fundamentais, os

conceitos de redes sociais, capital social, capital social em redes sociais, capital social e integração e integração social que constituem o contexto da minha análise.

O modelo da análise, baseado nas quatro dimensões de integração social de Esser (2001) e na tipologia de “modos de incorporação” de Portes e Rumbaut (1990) é apresentado no capítulo quatro. Este modelo permitiu a designação de variáveis que podem funcionar como determinantes de encastramento social, tal como: planos migratórios depois completar os estudos, habilitações linguísticas, estudante trabalhador/não estudante trabalhador, duração de ocupação profissional, preexistência da comunidade étnica, pertença à comunidade étnica, existência de muitas pessoas do mesmo país de origem, dupla nacionalidade, país de origem, ascendência lusófona, género, idade, estado civil, ciclo de estudo, duração de estadia, idade de entrada, língua e religião.

Depois de uma escolha prévia das variáveis mais significantes (nível de significação: $p < 0,05$), estas são cruzadas em tabelas de contingência com outras variáveis, que se referem a relações interétnicas, ou seja relações com portugueses, pessoas do país de origem e pessoas de outros países, em forma de frequência de contacto, amizades e círculo de amigos. Também são analisados o número de amigos e a pertença a um círculo de amigos, como indicadores de sociabilidade. Os resultados são atestados através de medidas de associação (Teste χ^2 /Fisher's Exact Test/Cramer's V), medidas de correlação (Kendall's Tau b), teste t, análise de variância ANOVA, Tamhane post-hoc análise. É portanto a análise dos resultados o conteúdo do capítulo cinco.

E finalmente, na conclusão são interpretados estes resultados de acordo com os objectivos do estudo.

Capítulo I: Portugal – “ País de imigração”

1.1 Cenário da migração em Portugal

As Nações Unidas estimaram que o número total em 2010 de migrantes internacionais por todo o mundo era de cerca de 214 milhões, correspondendo este valor a 3,1% da população mundial.

Também em Portugal se sente esta experiência de crescimento dos movimentos migratórios, uma vez que se vem registando nas últimas décadas alterações importantes, seja em termos absolutos de fluxos migratórios, com a inversão do saldo migratório ou na composição étnica-cultural das comunidades migrantes instaladas no território nacional.

Assim Portugal depois de já ter sido confrontado no início de século XX com a transformação progressiva da rota da emigração com destino às Américas e a África para fazer uma maior aposta no continente europeu (França, Alemanha, Luxemburgo, entre outros), vê-se então a viver uma transição dum país especialmente de emigração para um saldo migratório positivo onde o número de imigrantes que chegam é superior aos portugueses que partem como emigrantes. (Marques 2005:3-4)

Na realidade tendo sido Portugal durante muito tempo um país de emigração, encontra-se agora perante uma nova realidade de imigração estrangeira. Esta ideia de que o país se tornara num “país de imigração” foi anunciada em livro, pela primeira vez no início nos anos 90 (Esteves 1991).

Com a descolonização para além do regresso de cerca de meio milhão de portugueses que viviam nas antigas Colónias, Portugal foi escolhido também por muitos africanos de novos países de língua oficial portuguesa entre 1975 a 1980, atingindo em 1989 um valor de 101.011 imigrantes, ou seja 1% da população total. Esses imigrantes com baixas qualificações tiveram de enfrentar condições precárias e aceitar empregos indiferenciados. No entanto fixaram-se e só poucos regressaram ao seu país de origem. Os seus descendentes na segunda e terceira geração já constituem

uma realidade socialmente muito distinta dos pais e representam um dos maiores desafios a uma política de gestão de diversidade étnico-cultural em Portugal.

Nos anos 90 um novo fluxo de imigrantes com origens diversificadas chega a Portugal. No ano 2002 além de haver um aumento quantitativo no número de imigrantes para 413.487, são observadas alterações na estrutura das nacionalidades de origem. Já não são só pessoas provenientes dos países africanos de língua lusófona, especialmente cabo-verdianos, mas também brasileiros e imigrantes dos Países de Leste Europeu, primariamente Ucrânia. (Marques 2005:4-5)

Este crescimento verificado nos números de imigrantes na última década, teve uma quebra nos anos de 2005 (414.599) e de 2010 (445.262) devido a diversos factores, designadamente ao aumento de atribuição de nacionalidade, à crise económica e financeira enfrentada por Portugal, que tinha levado à redução de investimento e emprego e também à alteração nos processos migratórios em alguns países de origem, como o Brasil e Angola.

As nacionalidades mais representativas dos estrangeiros residentes são Brasil 26,8%, Ucrânia (11,12%), Cabo-Verde (9,88%), Roménia (8,27%), Angola (7,28%). Também constituem comunidades de dimensão assinalável Guiné-Bissau (4,45%), Reino Unido (3,86%), China (3,53%), Moldávia (3,51%), São Tomé e Príncipe (2,36%). (Serviço de Estrangeiros e Fronteira 2010:18,19).

Esta chamada de atenção para fluxos emigratórios e para o quadro antigo da emigração portuguesa, que levou à formação duma diáspora, de mais de três milhões de portugueses espalhados por todo o mundo, podem parecer à primeira vista descabidos no âmbito do meu tema de dissertação, no entanto ela tem uma justificação primária: embora Portugal seja um país que travou só mais tarde contacto com a imigração, a sua experiência, assim como a dos portugueses com o contexto dos movimentos internacionais de população não é nova, ou seja já existia uma certa proximidade de consciência colectiva nacional relativamente ao fenómeno de migração. Assim eu penso que deste modo se foi formando uma sensibilidade específica para o problema por parte da sociedade portuguesa, que implica uma

atitude predominante positiva e tolerante em relação aos imigrantes. Não quero afirmar que os portugueses sejam menos racistas do que os outros europeus ou até particularmente anti-xenófobos, mas sim destacar que o trabalho a ser realizado por parte do governo no sentido de promover a interculturalidade e a integração dos imigrantes, tem mais possibilidades de encontrar uma aceitação mais favorável por parte da sociedade maioritária.

Portugal teve de aprender a ser um país de acolhimento de imigração e passa a ter que gerir uma diversidade étnico-cultural no território nacional e se adaptar a esta nova configuração. Na sua responsabilidade acrescida na concepção das suas políticas de integração conhece as reivindicações e anseios dos imigrantes nos países de destino. (Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007:6)

“[...] uma política de integração, que tanto em termos de legislação, como ao nível dos serviços teve ao longo dos últimos 15 anos respostas progressivamente melhores e de mais qualidade, a ponto de justificarem um profundo reconhecimento internacional [...]” (Malheiros 2011:9)

Assim Portugal registou alguns dos melhores progressos desde o MIPEX II (Index de Políticas de Integração de Migrantes), por ser um dos países que mais se esforçou para assegurar o exercício do direito à residência de longa duração (lei de imigração 2007) e dar resposta específica à situação laboral dos imigrantes. A lei da nacionalidade baseada na reforma de 2006, concede aos seus residentes estrangeiros um percurso favorável à obtenção da cidadania e foi eleita a melhor entre os outros 31 países em análise do MIPEX III. Os residentes beneficiam de leis antidiscriminação, de oportunidades de participação na vida política e de políticas de educação mais eficazes. (Niessen, J. et al. 2011:22,26)

1.2. Modelo de sociedade no caso português

Assimilação e multiculturalismo são muitas vezes apontados de certa maneira como os dois processos extremos da integração de imigrantes e minorias étnicas nas sociedades de acolhimento.

Segundo Gordon (1964) a assimilação é o processo em que os imigrantes adoptam todas as características sociais, económicas e culturais da sociedade maioritária, perdendo aqueles elementos que estavam relacionados com a sua cultura de origem, ou seja aquela dos seus antepassados.

Nos anos setenta e oitenta este processo, traduzindo um desrespeito e um apagamento intencional dos valores e elementos culturais e sociais dos imigrantes e das minorias étnicas caiu fortemente nas críticas e só no fim do século XX alguns dos seus princípios foram retomados, especialmente pelas democracias do Norte da Europa, nos seus programas de integração. Na Áustria, na Holanda, na Alemanha e na Bélgica havendo a necessidade de responder ao crescimento dos movimentos políticos sociais xenófobos e anti-imigrantes, os governos assumiram ser problema de imigração, o facto das políticas de imigração não incorporarem aspectos de aculturação mais explícitos. Desta maneira alguns estrangeiros e os seus descendentes começam a ser obrigados a frequentarem programas de formação linguística e cívico-cultural, cujos valores são naturalmente os da sociedade de acolhimento e que têm como objectivo funcionar como plataformas de acesso à cidadania. Embora estas iniciativas tenham um lado positivo na medida em que reforçam os recursos linguísticos e jurídicos dos imigrantes, elas desvalorizam os elementos socioculturais originais e obrigam os imigrantes a assimilarem novos valores e práticas e com isto evidenciam uma falta de respeito significativa pelos conceitos de tolerância e diferença. (Malheiros 2011:22))

Mas não só as opções assimilacionistas e neo-assimilacionistas mostraram ser desajustadas, assim também a aplicação dos princípios multiculturalistas sobretudo os denominados por alguns autores (Hall 2000; Sandercock 2004) rigorosamente

pluralistas, carece de reparos. Assim neste último sentido há necessidades de desenvolver uma política multicultural, que se baseia não apenas no respeito pelos elementos socio-culturais dos diversos grupos étnicos coexistentes na sociedade, mas também na sua protecção e até promoção. O objectivo é conferir centralidade aos direitos dos grupos étnicos garantindo-lhes uma representação política e social em vários níveis de decisão institucional. Apesar do aspecto aparentemente positivo que reveste estes princípios é fácil perceber os riscos que este tipo de políticas comporta, uma vez que acentuando as diferenças étnico-culturais, elas promovem uma sociedade de grupos étnicos fragmentados, em que a defesa de cada grupo muitas vezes se sobrepõe à defesa da unidade global da sociedade, a qual está assente em princípios universais de cidadania aplicáveis a cada um dos seus membros independentemente da sua pertença étnica. (Machado 2003)

Concluindo a promoção do multiculturalismo em sentido estrito (pluralismo), parece tornar mais difícil a coesão social, que é entendida como um conjunto de processos que contribuem para que todos os indivíduos tenham o sentimento de pertença a uma comunidade e que sejam conhecidos como membros dela. (Malheiros 2011:23)

Do ponto visto empírico o conceito multiculturalismo e acima de tudo o de sociedade multicultural têm vindo a ser aplicados em relação à ideia de sociedades étnicas e culturalmente diversificadas, em que há uma coexistência de vários grupos culturais minoritários, a maior parte das vezes associados à presença dum grupo dominante. (Rocha-Trindade 2001)

Foi com o processo de descolonização na África, América Latina e Ásia e o fluxo de inúmeros emigrantes vindos das ex-colónias para o continente europeu, que a questão da diversidade cultural começa a ser um tema de interesse dos cientistas sociais. Este movimento migratório, que especialmente nos anos setenta e oitenta do século XX alcançou o seu auge e motivou uma transformação demográfica em várias cidades europeias e o aparecimento de situações limites de tolerância. A sociedade europeia foi então obrigada a conviver com “o outro”, que até aqui morara distante e “seguramente controlado”. “O outro”, o ex-colonizado utiliza os mesmos espaços

públicos como ruas e praças, mercados, igrejas, escolas e cinemas diariamente, luta por lugares no mercado de trabalho, submete-se à tutela do estado que é responsável pela sua saúde, pela educação dos seus filhos e pela segurança social e traz incorporado valores que podem pôr em perigo as suas tradições, em especial a instituição familiar e a monogamia. (Moura 2005)

É neste âmbito que nasce o conceito da interculturalidade, que é empregado para mostrar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, procurando a integração entre elas, não apagando a sua diversidade, mas sim fomentando o conceito de multiculturalidade, que indica apenas a coexistência de vários grupos culturais na sociedade, não a forçando para uma política de convivência. (Fleuri 2005)

Na medida que as sociedades contemporâneas, tal como a portuguesa, se destacam cada vez mais pela sua diversidade étnica e cultural, torna-se fundamental que haja uma partilha e relações entre os grupos étnicos distintos para evitar uma coexistência e interação, muitas vezes feitas sob sentimentos de estranheza e incompreensões mútuas (Rocha-Trindade 2001) e em casos extremos sob conflito ou até violência.

Surge daqui o recurso ao conceito de interculturalidade, como um mecanismo de promoção da comunicação e da interação positiva entre os diversos grupos culturalmente distintos, étnica ou linguisticamente, que constituem a sociedade. (Malheiros 2011:24)

Tomando em conta o perfil cultural e social do povo português, a sua história de diáspora e a sua sempre distinguida capacidade de diálogo com outros povos e culturas, é óbvia a necessidade dum modelo de sociedade intercultural onde possam coexistir e interagir positivamente várias matrizes culturais e religiosas. (Marques 2005:6,7)

Este modelo como processo interactivo com base na vontade mútua dos imigrantes e da sociedade de acolhimento, exige uma plataforma de acolhimento, que implique a adesão ou pelo menos o respeito pelos valores da sociedade de

acolhimento por parte dos imigrantes e simultaneamente também o respeito pela preservação e promoção da identidade cultural dos imigrantes por parte da sociedade maioritária.

Esta plataforma de acolhimento baseia-se evidentemente num quadro democrático do Estado do direito:

“Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei” (Constituição da Republica Portuguesa, artº 13), ou seja “Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social.” (Constituição da Republica Portuguesa, artº 13) e possibilita estabelecer um projecto social comum e um destino partilhado num âmbito de respeito pelas diferenças e de diálogo entre diversidade. (Marques 2005:7)

O conceito de interculturalidade, cujo desenvolvimento se situa dum certo modo no quadro de promoção de comunicação entre culturas diferentes, ficou com o tempo associado às questões de comunicação e especialmente da educação, originando uma linha de pensamento na área da pedagogia intercultural (Perotti 2004). Segundo Perotti educação intercultural é a capacidade de partir do ponto de vista do outro. Esta mudança de paradigma reflecte-se necessariamente na prática, ou seja na maneira de agir e se relacionar com os outros.

Se valorizamos as vantagens da interculturalidade, enquanto processo da promoção da interacção entre os vários grupos existentes nas sociedades, podemos afirmar que ela contribui para o fortalecimento da cidadania e para a formação da coesão social.(Malheiros 2011:24,25)

A escolha duma sociedade intercultural exige uma total participação social, cultural e económica por parte dos imigrantes na sociedade de acolhimento. Um dos espaços fundamentais para tal participação existe ao nível comunitário, ou seja nas redes de proximidade. Desta maneira o sucesso da integração tem os seus fundamentos na faculdade, pois é nela que se faz sentir mais ou menos fortemente a

existência ou não-existência de disponibilidade em estabelecer contactos e amizades por parte dos portugueses.

Na medida em que não existem micropolíticas que sejam capazes de contrariar eficazmente o perfil de acolhimento das comunidades locais, caso a xenofobia ou racismo ou meramente a desconfiança, se estabeleçam, não há nenhum decreto ou lei que possa mudar o essencial. Isto destaca que a interculturalidade não será eficaz sem a aceitação não só da parte do Estado, mas também acima de tudo da parte dos cidadãos que formam a sociedade de acolhimento. Neste processo de integração é essencial a vontade de aprendizagem, da cultura e língua, hábitos e tradições da sociedade maioritária por parte dos imigrantes. (Marques 2005:7,8)

“O processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e/ou global nos objectivos, funções e ofertas de educação pós-secundária”, define Knight a internacionalização académica. (Knight 2004:11)

Sendo a internacionalização um fenómeno global que se vai acentuando desde da década oitenta, ela funciona hoje em dia como um barómetro da adaptação e sobrevivência económica, social, cultural e académica das instituições de ensino superior em todo o mundo. (Gonçalves 2009:140)

Segundo Varela (2005) as funções da educação superior podem ser mais facilmente reconsideradas quando se analisa a dimensão educativa deste fenómeno sobretudo em relação a sociedades multiculturais. A homeostasia e a coesão social nestas sociedades não tomarão lugar se as competências interculturais dos cidadãos e instituições não forem fortalecidas. Através da internacionalização e de acções de educação intercultural, o ensino superior tem um papel primário nessa educação social para um convívio positivo e cooperação internacional e intercultural.

Capítulo II: Definição do terreno de pesquisa e objecto de análise

2.1 A escolha da Faculdade Ciências Sociais e Humanas como terreno de pesquisa

Também o Director Professor Doutor João Sàágua vê o futuro de uma universidade europeia directamente ligado com a sua internacionalização, assim a internacionalização é uma das maiores preocupações por parte da FCSH. Desta maneira ele acentua “A nossa preocupação com a internacionalização vem de acreditarmos que sem esta não é possível atingir os níveis de qualidade no ensino e na investigação que procuramos. As comunidades de ensino e de investigação, professores, alunos e investigadores, são cada vez mais comunidades internacionais, que se conhecem, reconhecem e interagem das mais diversas formas, e não se podem, de modo nenhum, confinar a uma escola ou mesmo a um país. Temos, por isso, na Faculdade professores e investigadores de 9 países diferentes, recebemos mais de 300 estudantes estrangeiros por ano e enviamos por ano mais de 200 estudantes para universidades estrangeiras” (<http://www.fcsch.unl.pt/faculdade>)

Sendo a preocupação da FCSH a internacionalização, e tendo eu frequentado a mesma durante alguns anos, depois de ter chegado como estudante Erasmus e decidido terminar aqui os meus estudos, achei adequado escolhe-la como terreno de pesquisa para a realização duma investigação no âmbito da migração.

2.2 Informações e dados prévios acerca da FCSH

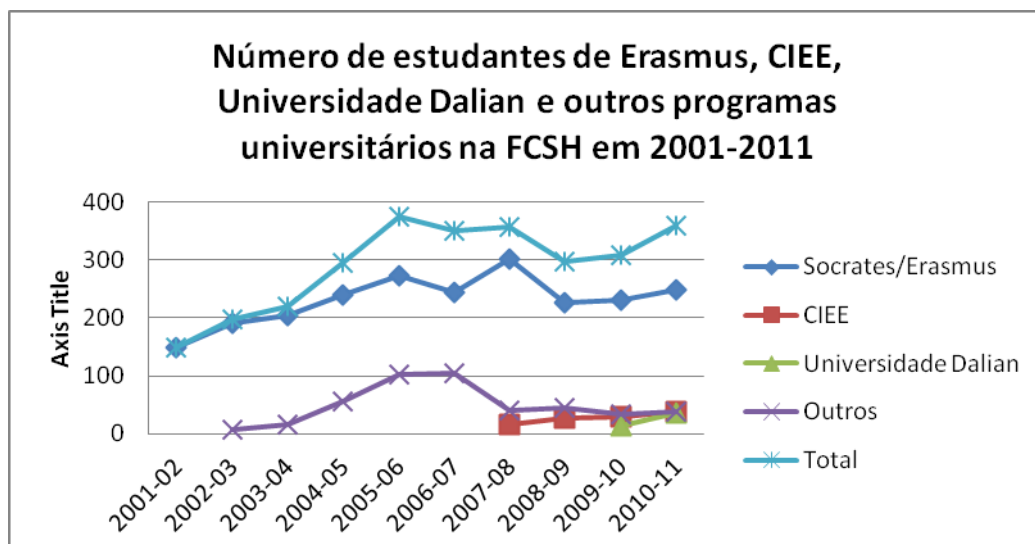
A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, também conhecida pelas iniciais FCSH foi criada em 10 de Novembro de 1977 e localiza-se na Avenida de Berna, no centro de Lisboa. Ela faz parte da Universidade Nova de Lisboa (UNL), que consiste em mais oito Unidades Orgânicas – Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Faculdade de

Economia (FE), Faculdade de Ciências Médicas (FCM), Faculdade de Direito (FD), Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação (ISEGI), Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT), Escola Nacional da Saúde Pública (ENSP), Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB). (Relatório de actividades 2009, Universidade Nova de Lisboa:11)

Em relação ao ensino na FCSH, a FCSH preencheu os *numeri clausi* das 13 licenciaturas (Antropologia; Arqueologia; Ciências de Comunicação; Ciências Musicais; Ciências Políticas e Relações Internacionais; Estudos Portugueses e Lusófonas; Filosofia; Geografia e Planeamento Regional; História; História da Arte; Língua, Culturas e Literaturas Modernas; Sociologia; Tradução), teve funcionar 32 mestrados e 14 doutoramentos (ebd.:34)

No âmbito de número de alunos inscritos em licenciaturas na Universidade Nova de Lisboa, a FCSH é a seguir à FCT a faculdade com o maior número de alunos inscritos em licenciaturas, a FCT conta com 48% e a FCSH com 23% do total de alunos inscritos em licenciaturas na UNL. Face aos números dos alunos inscritos em Pós-Graduações (Mestrados e Doutoramentos) a FCSH representa a faculdade de UNL com o maior número de alunos, em 2009/2010 38% dos alunos inscritos em Pós-Graduações na UNL eram alunos da FCSH, seguida pela FCT com 26%. (ebd. 54,55,57)

Em comparação com a FCT, FE, FCM, FD e ISEGI, a FCSH recebeu o maior número de estudantes Erasmus da UNL de 2004/2005 a 2008/2009. (Relatório de actividades 2009, Universidade Nova de Lisboa:53). Uma comparação com os anos lectivos seguintes não pôde no entanto ser feita devido à inexistência de dados relativos às outras unidades orgânicas. Contudo sendo a FCSH o foco de interesse da investigação, as informações recolhidas pela divisão académica da FCSH possibilitam uma observação periódica nos últimos 10 anos dos números de estudantes Erasmus recebidos na FCSH.



Fonte: Divisão académica FCSH (2011) (Tabela 1.1 anexo)

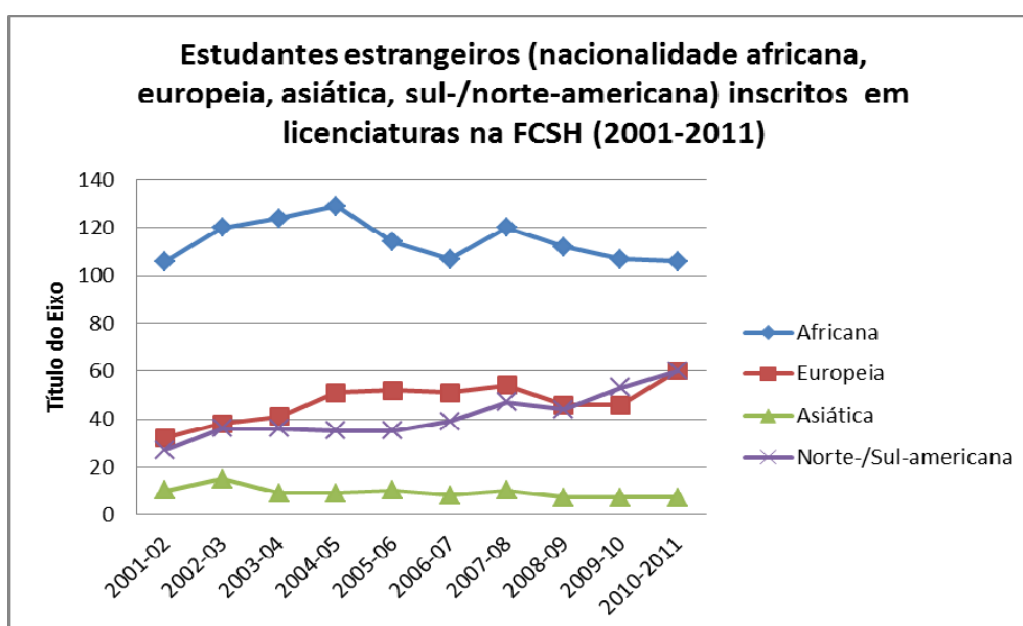
A partir do ano lectivo 2001/2002 até ao ano lectivo 2005/2006 o número de estudantes Erasmus aumentou de 149 para 274 estudantes. No ano lectivo 2006/2007 houve um ligeiro decréscimo de 29 alunos que foi recuperado em 2007/08 quando se somam um número de 302 estudantes Erasmus. Segue-se uma decaída em 2008/09 para 227 alunos, que é recuperada ligeiramente a partir de 2009/2010 e que monta em 2010/2011 a um número de 248.

Além do Erasmus a FCSH tem várias outros programas universitários, assim por exemplo recebe a FCSH desde 2007/2008 alunos norte-americanos (CIEE) cujo número vem a aumentar e atinge em 2010/2011, 37 alunos norte-americanos na FCSH. Em 2009/2010 teve início um outro programa universitário com a chegada de 14 alunos chineses da Universidade Dalian e só um ano mais tarde também eles somam 36 alunos. Neste contexto é importante dizer que os alunos da Universidade Dalian têm ao contrário dos estudantes Erasmus e CIEE a oportunidade de poder prolongar a sua estadia de um ano para dois ou três anos.

Face aos estudantes estrangeiros (excluindo os Erasmus) regista-se em 2009/2010 a maior percentagem de estudantes estrangeiros (EU, PALOP's e Outros Países) entre os estudantes inscritos em Licenciaturas na FCSH com 7,7%, seguido pela

FD com 6,2%, a FCT com 6,1%, ISEGI 3,1%, FE com 2,5% e FCM com 1,8%.(Universidade Nova de Lisboa 2009:54,55,66)

Considerando os dados adquiridos pela divisão académica da FCSH observamos no ano lectivo 2010/2011, que 8,1% dos estudantes não Erasmus inscritos em licenciaturas tinham uma nacionalidade estrangeira. São os estudantes com uma nacionalidade africana que são mais representativas com 46%, enquanto só 26% dos estudantes estrangeiros têm uma nacionalidade europeia, 25% uma nacionalidade sul-/norte americana e 3% uma nacionalidade asiática. Para a elevada percentagem de estudantes com nacionalidade africana é sobretudo o grande número dos PALOP's responsável. O grupo dos estudantes com uma nacionalidade sul-/norte-americana é constituído quase só por brasileiros enquanto que o grupo de estudantes com nacionalidade europeia apresenta uma existência dum grande diversidade de países.

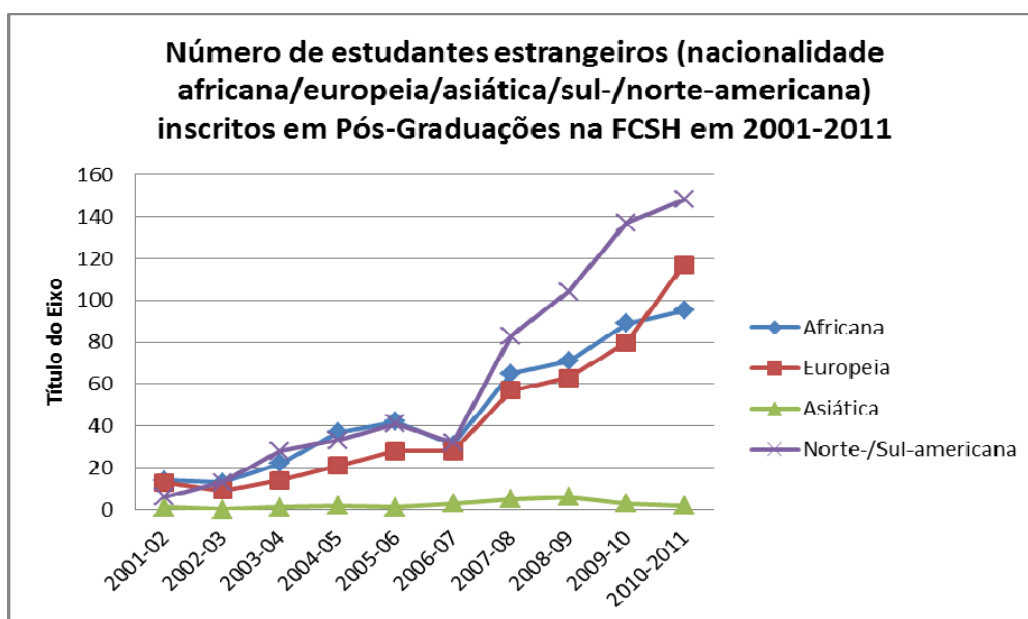


Fonte: Divisão académica da FCSH (2011) (Tabela 1.2 anexo)

Na comparação periodical regista-se nas licenciaturas de 2001/2002 a 2010/2011 o maior número para os estudantes com uma nacionalidade africana porém este número mostra um decréscimo nos últimos anos enquanto que o número de estudantes com uma nacionalidade europeia e com uma nacionalidade sul-/norte-americana embora com altos e baixos atinge em 2010/2011 o seu auge. O grupo de

estudantes com uma nacionalidade asiática representa uma minoria constante em termos de número.

Face à percentagem dos estudantes estrangeiros em Pós-graduações da EU, PALOP's e outros países (excluindo os Erasmus) em 2009/2010 é a FCSH que regista a quota mais alta de 13% a seguir à ISEGI com 19% e à FE com 15,5%.



Fonte: Divisão académica FCSH (2011) (Tabela 1.3 anexo)

Na comparação periodical regista-se nas Pós-Graduações de 2001/2002 a 2010/2011 um aumento acentuado, sobretudo a partir do ano lectivo 2007//2008 do número de estudantes norte-/sul-americanos, seguidos por aqueles com uma nacionalidade europeia. Os estudantes com nacionalidade africana mostram um acréscimo no seu número mais vagaroso e menos significativo. O grupo de estudantes com uma nacionalidade asiática é quase inexistente durante quase todo esse período.

Para a elevada percentagem de estudantes com nacionalidade sul-/norte-americana é sobretudo o grande número de brasileiros responsável. O grupo dos estudantes com uma nacionalidade africana é constituído quase só por estudantes dos

PALOP's, enquanto que o grupo de estudantes com nacionalidade europeia apresenta uma existência dum grande diversidade de países.

2.3. O objecto de estudo

O meu objecto de estudo são estudantes estrangeiros da FCSH inscritos em licenciaturas e Pós-Graduações ou pertencentes ao programa universitário da Universidade Dalian. Os estudantes Erasmus e de CIEE não são por mim considerados, uma vez que a sua estadia, o máximo um ano lectivo, não pode ser prolongada e como tal estão sob um estatuto de imigrantes temporários.

É compreendido como estudante estrangeiro, aquele que não seja português em termos de nacionalidade ou país de origem.

Ao verificar que se considerasse no meu inquérito, muitos dos estudantes PALOP's segundo a sua nacionalidade, eles perderiam o seu estatuto de africanos e passariam a ser europeus, decidi-me pela categoria "País de origem" como linha selectiva mais significativa.

Capítulo III - Fundamento teórico

Uma vez que a investigação se baseia numa associação complexa de elementos teóricos da análise de redes sociais e da investigação da integração, tento nos seguintes parágrafos esclarecer os conceitos mais fundamentais, que conjuntamente constituem o contexto da minha análise.

3.1 Redes sociais

A ideia que as estruturas sociais podiam ser representadas como redes, ou seja como um conjunto de nós (participantes do sistema social) e conjuntos de laços que simbolizam as interconexões, dirige o olhar dos analistas para as relações sociais e faz com que eles deixem de ver os sistemas sociais como aglomerações de indivíduos, díades, grupos restritos ou simples categorias. Em geral os estruturalistas associavam «nós» a indivíduos, muito embora eles possam igualmente representar grupos, corporações, agregados domésticos, ou outras colectividades. Os «laços» são assim os fluxos de recursos, relações simétricas de amizade, transferências ou relações estruturais entre «nós». (Wellman e Berkowitz 1991:4) Portes (1999:12) descreve também as redes sociais como conjuntos de associações recorrentes entre grupos de pessoas ligadas por laços ocupacionais, familiares, culturais e afectivos.

Em vez de estudar os efeitos independentes de atributos individuais ou relações duais, a análise de redes fornece uma explicação do comportamento social, baseada em modelos de interacção entre os actores sociais. Ela permite segundo Degenne e Forsé (1994) passar das categorias às relações, no entanto a realidade não é concebida em termos de relações, uma vez que os dados empíricos são feitos a partir de categorias construídas a priori por meio de agrupamento de indivíduos com

características semelhantes – os jovens, os licenciados etc. Há que determinar em que ponto as categorias descritivas se relacionam com as variáveis a explicar, tendo em conta o problema em análise. São observadas relações entre as variáveis e não relações entre os indivíduos. Os indivíduos pertencem não só a categorias, mas também a redes relacionais, sendo as categorias somente a imagem das relações estruturais que os interligam (Degenne e Forsé 1994:6,7). O ponto de partida da investigação não pode ser assim um conjunto de unidades independentes, mas sim um conjunto de relações que as liga entre si. Não se pode perceber a estrutura quando se ignora as relações, existentes entre os seus elementos. Para esse fim a análise das redes tenta encontrar regularidades, grupos, categorizações, de um modo indutivo, através da análise do conjunto de relações.(Portugal 2007:7)

Já para Mercklé (2004:97), a teoria das redes constitui uma “terceira via”, meso-sociológica. A sua abordagem pretende não só explicar o comportamento dos indivíduos através das redes em que estão incorporados, mas também explicar a estruturação das redes a partir da análise das interações entre os indivíduos e das suas motivações. Ou seja “os indivíduos fazem a sociedade, a sociedade faz os indivíduos”.

Na análise do entrelaçamento social podem ser postos em primeiro plano aspectos muito diferentes e em consequência disto é possível recorrer a diversos indicadores de encastramento social. A abordagem egocentrada representa o tipo das estratégias metodológicas de abordagem das redes mais utilizada. Compreende-se como rede egocentrada a rede social consolidada em volta de uma pessoa focal, o “ego”. A esta rede pertencem os chamados “alteri”, as relações entre “ego” e “alteri”, e as relações entre “alteri”. Além disso são recolhidas adicionalmente características absolutas do “ego” e dos seus respectivos “alteri”. (Jansen 1999:74)

As redes egocentradas possibilita-nos uma visão ptolomeica das redes, ou seja obtemos uma perspectiva dos indivíduos que se encontram no seu centro, em vez duma percepção do observador exterior. (Portugal 2007:26)

Schenk (1984: 30ff. e 1995:98) diferencia para a análise das redes egocentradas as variáveis de redes entre as características relacionais e estruturais. As características relacionais são duração do contacto, frequência do contacto, distância espacial,

proximidade emocional, intensidade (grau de relação interpessoal – laços fracos, laços fortes), uni- e multiplexidade, e contexto do papel social. As características estruturais são tamanho, número de pessoas, cliques e clusters, intensidade, densidade, coesão, balanço, homogeneidade ou heterogeneidade da rede (variação das características sociodemográficas).

Para quantificar as características das redes sociais é tomado muitas vezes como base o conceito do capital social (Haug 2003:97), que será apresentado no parágrafo que se segue.

3.2 Capital social

Apesar da sua popularidade hoje em dia, o conceito “Capital Social” não incorpora na realidade nenhuma ideia nova para os sociólogos. Que o envolvimento e a participação em grupos possa ter consequências positivas para o indivíduo e para a comunidade, é uma noção corrente e já mencionada na obra de Durkheim, quando ele realça a vida em grupo como um antídoto à anomia e autodestruição, e também na obra de Marx, em que ele faz uma distinção entre uma atomizada “classe em si” e uma mobilizada e efectiva “classe por si”. Neste sentido o conceito “Capital Social” simplesmente recapitula o que já foi revelado nos inícios da disciplina. (Portes 1998:2)

Na investigação social, o capital social tornou-se um conceito corrente e muito espalhado (veja Ostrom e Ahn 2003; Lin, Cook e Burt 2001; Flap e Völker 2003; Haug 1997; Portes 1998).

O capital social é por um lado segundo a abordagem micro-analítica caracterizado como stock de recursos dum individuo e por outro, segundo a abordagem macro-analítica é também definido como um bem colectivo, quer dizer, como recurso dum grupo, comunidade ou sociedade. (Haug, Pointner 2008:367)

Estamos portanto perante dois olhares fundamentais sobre o capital social: o daqueles que o vêem como um bem público e o daqueles que tentam analisar as vantagens privadas dos recursos acessíveis através de redes. Os primeiros

operacionalizam o capital social através das normas, valores e atitudes, visíveis em unidades macrosociais; os segundos realizam uma abordagem sócio-estrutural, através das redes e laços sociais. (Dekker 2004)

Em várias abordagens individualistas (Bourdieu e Coleman) e teóricas das redes (Lin, Faist, Portes) o capital social é visto como um recurso individual, a que se pode recorrer instrumentalmente, mas que não está à disposição independentemente doutras pessoas. (Haug 1997:1)

O stock individual do capital social está dependente do encastramento nas relações sociais e da estrutura das redes e aumenta o seu volume com o travar de relações. Bourdieu (1983) e Coleman (1991) consideram o capital social como possibilidade de um indivíduo de gerar recursos na base da sua pertença a redes.

Pierre Bourdieu, por muitos considerado como um pioneiro na conceptualização moderna do capital social (Portes 1998:3) define-o como “o conjunto de recursos, efectivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e reconhecimento, ou por outras palavras tratam-se de recursos, que têm como base a pertença a um grupo.” (Bourdieu 1983:190ff.)

Para o autor o volume de capital social está dependente da extensão da rede das relações realmente mobilizadas e do capital económico, cultural e simbólico das pessoas acessíveis. (Bourdieu 1980:2)

O seu tratamento do conceito é instrumental, focando os benefícios postos ao dispor dos indivíduos, devido à sua pertença a grupos e à construção deliberada de sociabilidade com o fim de criar este recurso. Na versão original ele vai tão longe, ao ponto de afirmar, que “the profits which accrue from membership in a group are the basis of solidarity which make them possible” (Bourdieu 1985:249). Assim a perspectiva de Bourdieu mostra não serem as redes sociais um dado natural, mas sim serem construídas através de estratégias de investimento nas relações sociais, possíveis de serem utilizadas como fontes de benefício.

Actos constantes de trocas ou de comunicação, causam um reconhecimento mútuo e recorrente, e estes conhecimentos de relações são necessários. Com esta

aceitação recorrente não só é reproduzido o sentimento de pertença, como também são formadas fronteiras de relações com outros grupos. (Bourdieu 1983:192-193)

A definição de Bourdieu torna claro, que o capital social é composto de dois elementos: primeiro a relação em si, que permite aos indivíduos ter acesso a recursos possuídos pelos seus associados e segundo o volume e a qualidade destes recursos.

Embora o trabalho de Bourdieu não seja citado por James Coleman as suas concepções de ambos têm bastantes pontos comuns. O capital social é definido por Coleman a partir da sua função e assim afirma que “como outras formas de capital, o capital social é produtivo, tornando possível alcançar certos fins, que não seriam atingíveis na sua ausência” (Coleman 1990:320).

Há semelhança do capital económico e humano, também o capital social pode ser visto como um recurso individual, originado através de um investimento em relações sociais. (Coleman 1991:392ff.)

Coleman acentua no entrelaçamento relacional entre pessoas as presentes obrigações sociais e expectativas mútuas, tal como relações de confiança. (Coleman 1990:304-313) O capital social aqui consiste numa expectativa justificada de ajuda e apoio, ou seja na confiança de ter uma compensação por parte da soma de conhecidos, amigos e familiares no caso de cumprimento de obrigações sociais. O capital social resulta neste caso do encastramento nas redes de relação, que são úteis como recurso para o indivíduo, na medida em que elas podem ser activadas no caso de necessidade (Lin 2001:12). Fala-se de capital social sobretudo, quando este acesso é possibilitado através de relações com pessoas, que possuem estes recursos (Flap 2002). A sua utilidade consiste assim sobretudo na transformação da relação social noutras formas de recursos.

Na investigação de migração o conceito de capital social já há muito que está presente (Portes/Sensenbrenner 1993; Portes 1995; Faist 1997; Haug 1997). Especialmente a abordagem microanalítica do capital social é utilizada e o capital social é visto como uma construção ao plano meso.

Portes também vê o capital social orientado por recursos, ou seja como possibilidade de ter acesso a meios escassos e assim ele define capital social como: "Ability to command scarce means by virtue of membership in social structures" (Portes 1995:13). A capacidade de obter estes oferecimentos (capital social) não reside no indivíduo, como a posse de dinheiro (capital material) ou a educação (capital humano), mas antes no conjunto de relações, que o indivíduo mantém com terceiros. O capital social é produto de encastramento (Portes 1999:17).

Como fontes do capital social ele distingue entre os valores, a solidariedade confinada, a reciprocidade e a confiança exigível (Portes 1995:15; Portes/Sensenbrenner 1993).

O capital social pode ser um recurso gerado familiarmente, assim como também um resultado de fontes não-familiares (Portes 1998).

Para Portes (2000) o papel do capital social é um pouco discordante, pois além dos seus efeitos positivos nos indivíduos, famílias e comunidades étnicas, também existem consequências negativas do capital social. Desta maneira a sociabilidade é uma rua com dois sentidos, em que os recursos obtidos através de pessoas pertencentes a uma mesma comunidade ou a uma mesma rede social, mesmo que à primeira vista pareçam gratuitos, ocultam na realidade custos implícitos (Portes 1999:19). Assim pode haver na comunidade a expectativa que para os sucessos económicos dos membros (que têm a sua base no capital social já disponibilizado) tenha de ser paga uma compensação. Isto é o que acontece frequentemente nas comunidades étnicas. É também possível que a comunidade imponha limitações aos seus membros. Por exemplo pode estar interdito o contacto com outras pessoas fora da comunidade e deste modo ser impedida a integração social no país de acolhimento. Assim também uma sanção rigorosa no caso de incumprimento das normas de comunidade pode constituir uma barreira para sucessos individuais (Portes 1995:14, 1998). Redes sociais podem portanto ser úteis para migrantes, mas também significar limitações nas opções de acção (Pohjola 1991:437).

Faist, que também vê o capital social orientado por recursos, localiza entre o plano micro dos indivíduos e o plano macro das estruturas, o plano meso das redes e relações sociais. (Faist 1995:29) Ele define o capital social de seguinte maneira: "Social

capital here means the capacity of individuals to employ (scarce) resources such as information, contacts and money because they are participants and members in social networks and organizations.” (Faist 1995:4)

As relações sociais consistem em transacções entre actores. Os conjuntos de relações sociais resultam em redes sociais e os padrões das redes sociais representam o contexto de acção dos actores. As redes podem ser utilizadas para a acumulação e utilização de capital social (Faist 1995:4).

A tipificação do capital social utilizada por Faist está apoiada em Portes, mas destaca no entanto a intensidade da relação, diferenciando entre “laços fortes” e “laços fracos” segundo Granovetter (1973).

	Orientação	
Relação social	Com base em interesses (instrumental)	Com base em normas (normativo)
Laços fracos	Cálculo dos custos e benefícios	Conservação de valores
Laços fortes	Reciprocidade	Solidariedade

Fonte: Faist 1995:30

A intensidade da relação determina assim a espécie de capital social, que provavelmente será gerado. Mas também pode ser que relações fortes sejam substituídas por “imagined communities” (Faist 1995:32) de modo que também em redes com relações fracas, por exemplo grupos étnicos com um “cultural background” em comum, também possam surgir reciprocidade e solidariedade.

3.3 Capital Social em Redes Sociais

O conceito teórico do capital social é frequentemente tomado como base para quantificar as características das redes sociais.

Segundo Burt (1992:11f.) questões acerca do capital social no que respeita as redes podem ser contempladas sob duas perspectivas:

- 1.) Quem? Redes sociais como capital social: O capital social é aqui definido como recurso, para o qual se tem acesso através de certos contactos. A pergunta, a que pessoas há que se obter acesso e quais têm de ser os seus stocks de recursos, está aqui em primeiro plano.

Granovetter (1974) cunhou a expressão “strength of weak ties” para se referir ao poder de influências indirectas fora do círculo imediato da família e amigos próximos, a fim de servir como um sistema informativo de referência para emprego. A conversão do capital humano só é possibilitada ou facilitada através do capital social, isto pode ser especialmente visto na procura de emprego, onde laços fracos frequentemente a facilitam. Conhecidos afastados dão muitas vezes informações sobre vagas ou actuam como mediadores na procura de emprego; este apoio leva em geral a ter um rendimento mais elevado, um maior contentamento e um status profissional mais elevado (Granovetter 1974).

- 2.) Como? Estruturas sociais como capital social: Aqui a estrutura global da rede de contacto, que determina através da constelação característica a disponibilidade de recursos para um individuo, é definida como capital social.

O argumento de laços fracos de Granovetter (1973) diz neste contexto, que especialmente laços fracos, portanto relações fracas, também possibilitam às pessoas doutras redes o fluxo informativo entre grupos não relacionados e deste modo podem ser de grande utilidade para cada um. A razão é, que estas pessoas antes constroem improvavelmente redes densas com conhecidos mais próximos e através deste contacto pode ser ganho o acesso a outras partes do sistema social.

Woolcock (2003) distingue dois tipos diferentes de capital social – “Bonding/Bridging social capital” – esta terminologia é semelhante à distinção de Granovetter entre laços fortes e fracos. “Bonding social capital” são laços com pessoas que são similares nos termos das suas características demográficas (etnicidade, idade, classe social). “Bonding social capital” dá em primeiro lugar apoio social, tal como ajuda emocional ou física numa crise e ajuda a manter identidade e status. “Bridging social capital” descreve pessoas que não partilham muitas das características em cima descritas. “Bridging social capital” é acima de tudo instrumental e gera um fluxo mais diverso de recursos para interesses e aspirações progressivas.

A utilidade de relações sociais manifesta-se em diferentes situações de vida como por exemplo na procura de emprego (Laços fracos/ Bridging social capital) e no dia-a-dia (Laços fortes/ Bonding social capital). A composição de redes sociais pode por isso servir como indicador para o stock de recursos sociais, ou seja o “capital de relações” (Esser 2000:241)

3.4. Capital social e Integração

Anteriormente o meu trabalho apresentou em detalhe que o facto do capital social ser orientado por recursos torna explícita a influência dele na integração. O capital social é considerado como um indicador importante em termos da integração de migrantes e de comunidades migrantes (Portes 1998; Portes/Sensenbrenner 1993).

Na investigação da integração o capital social é analisado em conexão com o encastramento social e integração social no país de acolhimento.

Indicadores de integração social e elementos do capital social de migrantes:

No contexto da integração social faz sentido distinguir entre o capital social específico do país de origem e aquele do país de acolhimento (Haug 2000:113ff.). Esta distinção do capital social também já foi eficaz na explicação de decisões de migração (Haug 2000:96, 2004, 2006).

Relações com membros de próprio grupo étnico podem ser definidas como capital social específico do país de origem (Haug 2003). O capital social específico do país de origem resulta de relações sociais com membros da família ou pessoas com a mesma origem regional ou étnica. Por consequência ele pode ser geralmente igualizado com o capital social familiar e é indispensável para a integração interna (Nauck e Kohlmann 1998:217). O capital social representa assim um recurso que se alimenta de valores, solidariedades, reciprocidades e confiança dentro de comunidades étnicas (Portes 1995; Portes/Sensenbrenner 1993). Segundo o argumento do fechamento das redes de Coleman (1988) o capital social é originado através do encastramento familiar e étnico. Devido ao fechamento das redes está assegurado um maior grau de obrigação mútua, uma maior confiança e cumprimento da norma de reciprocidade através do controlo social. O volume do stock do capital social (recursos potenciais) aumenta segundo este argumento com a intensidade da relação assim como também com a densidade e homogeneidade da rede. A disponibilidade de recursos da própria etnia correlaciona-se também com a dimensão da integração interna na comunidade étnica.

Contudo é preciso não esquecer, que uma orientação forte na comunidade étnica também pode afectar a integração. Geralmente os efeitos negativos do capital social são ocultados devido uma espécie de “romantismo do capital social” (Diekmann 1993:31). O capital social traz, como também já em cima foi referido, vantagens, mas

também desvantagens. Uma consequência negativa do encastramento é o dificultar dos contactos fora da própria etnia e assim também da integração social na sociedade de acolhimento.

Contactos com membros da sociedade de acolhimento podem ser definidos como capital específico do país de acolhimento. A maior parte das vezes, estes contactos manifestam-se de uma maneira fraca¹, o que pode ter efeito num menor grau de controlo e obrigação social e igualmente numa menor probabilidade de acesso aos recursos específicos do país de acolhimento, no entanto eles podem oferecer também um capital social útil. Segundo os argumentos da investigação das redes o capital social resulta do acesso aos recursos através de uma grande rede de relações fracas. A tese de Granovetter “strength of weak ties” (1973), já anteriormente apresentada, atesta que o capital social vantajoso provem de contactos com pessoas com recursos não redundantes. A própria rede íntima compõe-se especialmente de pessoas, que têm à disposição informações semelhantes. Na rede alargada encontram-se contudo pessoas que têm acesso a outras redes e que por isso possuem novas informações não redundantes e outros recursos. Redes alargadas são de grande utilidade para a integração na sociedade de acolhimento. O capital social aumenta com o número de contactos úteis, ou seja com o número de contactos com a sociedade de acolhimento, quer dizer com os contactos fora do nicho étnico e com a heterogeneidade da rede.

Contactos com membros do país de acolhimento são vistos em geral como um indicador da integração social (Esser 2001:21; Preisendörfer 2003:525; Klein 2000:305). Contactos sociais com pessoas da sociedade de acolhimento são necessários para a integração social, na medida, que um menor grau de homogeneidade étnica das redes de relação pode ser interpretado como uma integração social bem-sucedida, enquanto pelo contrário a ausência de contactos interétnicos simultaneamente com a conservação dos contactos com membros da sociedade de origem pode ser vista como segmentação étnica (Esser 2001:19).

¹ Ainda é discutível, quando um contacto social pode ser designado fraco. Por vezes isso é medido através da frequência do contacto ou também através da proximidade de relação

A distinção entre o capital social específico do país de origem e do país de acolhimento é útil para evitar afirmações contrárias e para poder descrever e explicar mais precisamente os mecanismos de acção do capital social na integração. Esta distinção não resolve a questão se uma pessoa possui um capital social mais elevado no caso de ela estar encastrada numa rede, cujos membros têm recursos limitados, mas os partilham entre eles solidariamente, ou se ela com um certo investimento em relações sociais pode ter acesso a um grande pool de recursos.

Concluindo, duas variantes de definição do capital social são possíveis e aqui têm a homogeneidade e a densidade um papel fundamental. Entre ambas as formas do capital social há um “Trade-off”: Redes homogenias e densas são mais provavelmente constituídas por membros com um stock semelhante de recursos e oferecem desta maneira ganhos de troca relativamente baixos. Apesar tudo devido a uma maior confiança e obrigações sociais elas oferecem boas condições para a recuperação e comportamento recíproco. Nas redes heterógenas e lassas, nas quais os membros dispõem de vários recursos e na medida em que há uma menor redundância deles, o valor destes a trocar na rede têm de ser avaliado elevado, mas a oferta de confiança é demasiado arriscado. A distinção entre capital social específico do país de origem e do país de acolhimento pode servir para descrever diferenças entre indivíduos ou grupos étnicos relativamente ao stock de capital social e para as analisar relativamente à integração na sociedade do país de acolhimento. (Haug, Pointner 2008:389-391)

3.5. Integração social

Inúmeros sociólogos clássicos se ocuparam intensivamente com perguntas acerca da integração social. Especialmente os primeiros teóricos (Emile Durkheim, Herbert Spencer, Georg Simmel, Ferdinand Tönnies) descrevem sempre as mudanças na sociedade, também como uma mudança do respectivo modo de integração. Nas primeiras sociedades primitivas a coesão social em espaço reduzido e pequenas comunidades era estabelecida através da afinidade e semelhança (homogeneidade).

Durkheim chamou a esta forma de integração social solidariedade mecânica. O tipo de sociedade que assenta nessa solidariedade mecânica foi chamado por Spencer sociedade militante, que com uma diferenciação interna pequena atende sobretudo à protecção do exterior. Em Tönnies isto representa a “Gemeinschaft” a qual ele na sua obra principal, “Gemeinschaft und Gesellschaft”, delimita da “Gesellschaft”. Com o decorrer do tempo a sociedade primitiva homogénea torna-se numa sociedade heterogénea, funcional e diferenciada. Enquanto em pequenos grupos homogéneos, semelhança e afinidade eram suficientes, para providenciar a integração social, sociedades de massa complexas necessitam um outro modo de integração. Durkheim chama a esta forma solidariedade orgânica. Spencer por sua vez fala duma sociedade industrial e Tönnies de “Gesellschaft”. Todos os três são da opinião – com diferenças no detalhe – de se tratar grosseiramente de uma forma de integração, que é anónima e tem base numa dependência funcional recíproca. Para Simmel esta forma de integração está simbolizada na cidade moderna, em contraposição com a vida rural. (Münch 1995)

A teoria da migração de Hartmut Esser, que foi desenvolvida nos anos 80, é considerada no espaço de língua alemã, um dos mais importantes conceitos na investigação da migração. Ele tem reformulado e ampliado até aos nossos dias a sua abordagem teórica, tomando em consideração processos históricos em relação às novas tendências da migração. Sustenta no seu conceito uma abordagem individualista, teórica de acção, que reduz todos os processos sociais à aprendizagem e à acção racional dos indivíduos. Em relação à migração isto significa, que Esser põe em foco os migrantes que abandonaram o seu sistema de referência social e que têm de reordenar os seus sistemas de relevância na sociedade acolhimento. (Latecheva et al. 2006:11)

Esser entende por integração a conexão de partes num conjunto “sistemático”, indiferentemente por enquanto, no que esta união se baseia. Através desta coesão das partes o sistema delimita-se então também de uma certo “meio” e torna-se possível de ser reconhecido como sistema nesse meio. O oposto é a segmentação das partes

em autonomias e não em unidades interrelacionadas que não formam neste meio um sistema identificável.

A integração de um sistema está definida através da sua interdependência ou seja através da existência de certas relações de dependência mútua entre as unidades e da delimitação do respectivo meio. Conforme a estrutura destas relações, um sistema está “mais” ou “menos” integrado. Sistemas sociais são formados através de relações sociais, ou seja através de orientações e acções recíprocas e interrelacionadas, contactos sociais, interacções, comunicações, relações sociais ou transacções de toda a espécie, o que também resumindo se pode chamar acção social. (Esser 2001:1)

Na definição geral do conceito de integração já ficou claro, que se fala sempre de duas unidades: o “sistema” como um todo e as “partes”, que o compõem. Segundo Esser (2004) há por isso que distinguir em primeira linha entre a integração do “sistema” e a integração “social” (veja Lockwood 1964). Integração do sistema significa, que um sistema social constituído por partes diferentes, funciona como sistema. Integração social significa o acolhimento de novos elementos ou actores num sistema existente.

Em seguida ocupar-me-ei com a integração social, especialmente importante para o meu modelo de análise, uma vez que esta forma de integração é segundo Hartmut Esser a mais nomeada, quando se fala relativamente à integração de migrantes e grupos étnicos.

Segundo Esser (2001:3,4) a integração social tem a ver directamente com os motivos, orientações, intenções e – em especial – relações dos actores. Dentro desta perspectiva, ela não se trata de um fenómeno passivo, mas sim dum processo para o qual o próprio actor tem de se esforçar activamente. Por outras palavras, não se fica automaticamente integrado, o individuo tem de se integrar. Esta visão individualista de integração social não significa, que Esser descuide as estruturas sociais da sociedade de acolhimento potencialmente delimitantes da integração. Pelo contrário, ele acentua que também a motivação de integração mais forte pode sofrer um

insucesso, devido a barreiras estruturais (Esser 1980:209ff.). A integração social é a “inclusão” do actor nos respectivos sistemas sociais e refere-se às diferenças entre os actores individuais na dimensão das suas relações e no grau variável de encastramento social atingido pelos actores individuais. (Esser 2001:4,5)

Esser (2001:8) define a integração social como “Inclusão dos actores no dia-a-dia social, como por exemplo na forma de garantia de direitos, na aquisição de conhecimentos de língua, na participação no sistema de ensino e no mercado de trabalho, no começo de aceitação social, no estabelecimento de amizades interétnicas, na participação na vida pública e política e também na identificação emocional com o país de acolhimento”.

O autor diferencia quatro dimensões de integração social: “Kulturation” (dimensão cognitiva), “Plazierung” (dimensão estrutural), “Interaktion” (dimensão social), e “Identifikation” (dimensão identificativa). (Esser 2001:8)

■ DIMENSÃO COGNITIVA:

Entende-se por “Kulturation”, que os actores possuem um conhecimento e certas competências necessárias para agir e interagir com sentido, compreensão e sucesso. O conhecimento e as competências referem-se ao conhecimento das regras mais importantes para situações típicas e ao domínio de habilitações para isso necessárias (culturais) em especial de tipo linguístico. Conhecimento, competências e habilitações (linguísticas) constituem assim uma espécie de capital humano, no qual os actores também podem e devem investir, no caso de quererem ser interessantes para os outros actores, e no caso de estarem interessados na ocupação de posições sociais conceituadas ou quererem tomar parte em interacções e transacções de interesse para si mesmo. A integração social como “Kulturation” é então especialmente um processo de aquisição do conhecimento respectivo, ou seja das competências respectivas. Ela é uma parte de socialização das pessoas na sociedade, mais precisamente uma parte de socialização cognitiva (Akkulturation). “Enkulturation” designa a “Kulturation” das pessoas no começo da sua vida, com ela são lhes dadas as estruturas básicas do individuo, incluindo especialmente a sua relação emocional com

o respectivo ambiente. A “Akkulturation” a um novo ambiente social é tanto mais difícil, quanto mais tarde ela aconteça, depois da “Enkulturation” e quanto mais diferentes as culturas forem (diversidade cultural). A “Kulturation” é um caso especial de aprendizagem e por isso está dependente em certa medida da estrutura de oportunidade. Este é o caso em especial da (Ak-)kulturation linguística. Isso só acontece no caso de haver oportunidades ou obrigações regulares de se ocupar com um ambiente linguístico. (idem. 8,9)

■ DIMENSÃO ESTRUTURAL

Entende-se como “Plazierung” a ocupação de uma determinada posição social através de um actor. Também isto representa uma forma de “inclusão” dos actores numa sociedade, até provavelmente a mais importante. Os actores estão através do processo de “Plazierung” incorporados num sistema social já existente. As formas mais importantes de integração social através de “Plazierung” são a concessão de certos direitos (nacionalidade, direito a voto), a posse de posições profissionais e doutro género, e o início de oportunidades sociais de travar e manter relações sociais com outros membros do sistema social. A integração social através do mecanismo de “Plazierung” é assim a condição mais importante para obter capitais utilizáveis em geral na sociedade, especialmente na forma de capital económico e do assim chamado, capital humano. (idem. 9,10)

■ DIMENSÃO SOCIAL:

Interaktionen (interacções) são um caso especial da acção social, na qual os actores se orientam uns nos outros reciprocamente através de conhecimentos e símbolos e deste modo através das suas orientações e acções travam relações uns com os outros. Há três casos especiais de interacções: co-orientação mental, a assim chamada interacção simbólica e a comunicação.

E ainda aquelas que são conhecidas como relações sociais, ou seja interacções com regras mais ou menos rígidas e obrigatórias, como por exemplo uma amizade. Elas são tipos e mecanismos importantes da integração social. Através delas é consumada a “Plazierung” dos actores nos âmbitos quotidianos da sociedade.

Por outro lado é preciso para a formação de interacções sócio-integrativas, que haja a disponibilidade e as aptidões dos outros respectivos actores. Os outros actores também têm de aceitar as respectivas ofertas de uma amizade.

Uma importante condição “estrutural” para a aceitação de interacções são desde já as oportunidades de encontro objectivamente dadas. Em segregações étnicas fortes, como em certas turmas de escola, são já as possibilidades menores de desenvolvimento de interacção interétnica. O domínio de certas habilitações culturais, especialmente da língua, pertence às condições técnicas de uma interacção com sucesso. Por outro lado as interacções estabelecidas ajudam por sua vez precisamente na aquisição destas habilitações (idem. 10-11)

■ DIMENSÃO IDENTIFICATIVA

A “Identifikation” (identificação) dum actor com um sistema social é aquela atitude especial dum actor em que ele se vê a si e ao constructo social, como uma unidade e se torna “idêntico” com ela. É uma relação mental e emocional entre o actor singular e o sistema social como um “todo”, ou seja como um colectivo, que existe em cada actor como uma orientação, com um conteúdo colectivo, como o orgulho nacional ou o sentido de “nós” para com os outros membros da sociedade ou grupo. (idem. 11-12)

As quatro dimensões da integração social dependem umas das outras, no entanto a “Plazierung” precede todas as outras dimensões na área de ensino e profissão.

Portanto Esser entende por integração social a inclusão² dos membros individuais dos grupos étnicos nas diferentes esferas da sociedade de acolhimento, seja isso em forma de concessão de direitos e a ocupação de posições, seja como o travar de contactos e relações interétnicas ou a identificação emocional com o país de acolhimento. (Esser 2001:18)

² Esser (1980:14ff.) descreveu a inclusão como o processo no qual os imigrantes abandonam os seus sistemas de referência social e têm de se organizar de novo os seus sistemas de relevância na sociedade de acolhimento.

Capítulo IV: Modelo de análise para a designação de indicadores de encastramento social

A abordagem de integração usada na minha análise foi estimulada por várias publicações de Sonja Haug (2003, 2006, 2010). Ela tem os seus fundamentos no conceito teórico da integração de Hartmut Esser (2001:16). Posteriormente Haug aprofundou ainda mais o desenvolvimento deste conceito no âmbito da integração social.

A dimensão social ou interacção representa um campo especial na integração e questiona o volume, a frequência, a intensidade e o tipo de contactos e amizades interétnicos. (Haug 2003:98)

Na minha análise empírica a dimensão social é recolhida através de perguntas acerca da frequência de contactos, da dimensão da rede de amizades e da pertença a um círculo de amigos na relação de interacções interétnicas. Como relação interétnica é entendido uma relação entre estudantes de uma origem étnica diferente (Mangold 2009:7). Na minha análise refiro-me a uma relação entre um indivíduo de origem portuguesa e um com uma origem ou nacionalidade diferente da portuguesa, assim como entre indivíduos sem origem ou nacionalidade portuguesa entre si.

Estes indicadores para a integração social de migrantes podem, como já foi mencionado detalhadamente na parte teórica, ser diferentes. Específicos do país de acolhimento, que resultam de contactos com portugueses, e específicos do país de origem, que resultam por sua vez de contactos com pessoas com a mesma origem étnica, ou seja no meu estudo do mesmo país de origem. Isto pode favorecer a integração mas também pode delimita-la, o que se torna dificultoso na análise e

interpretação. Pois, para a análise de redes já um pequeno grau de homogeneidade étnica pode ser interpretado como uma integração bem-sucedida nas relações de redes. A ausência de contactos interétnicos e a manutenção simultânea de contactos com membros da sociedade de origem, pode ser considerada como “segmentação étnica” (Esser 2001:19). Parte-se do princípio que a interacção frequente com membros do país de acolhimento constitui uma parte importante na integração. A integração social é portanto investigada através da observação da composição das redes de relações e do aparecimento de contactos interétnicos.

O trabalho ocupa-se com a análise descritiva de integração social (dentro e fora da FCSH) e à pesquisa de determinantes de integração social.

Os determinantes para a análise aqui resultam da mistura de duas teorias. Primeiramente haverá uma orientação nas quatro dimensões de Esser (2001) e depois na tipologia de “modos de incorporação” de Portes e Rumbaut (1990), a que me até agora ainda não referi. A tipologia refere-se aos trajectos, nos quais os diferentes grupos nacionais se inserem a si próprios como imigrantes assalariados, empreendedores, ou profissionais. Estes trajectos são, segundo Portes e Rumbaut, determinados pelo contexto de saída, como por exemplo a motivação, capital humano, recursos económicos e materiais, que os imigrantes trazem consigo e pelo contexto de recepção, como por exemplo a preexistência de comunidades étnicas, as políticas governamentais e a recepção social.

Uma vez que estes autores, em cima mencionados, se completam, decidi-me utilizar as respectivas teorias conjuntamente para a pesquisa das determinantes do encastramento social no meu estudo.

CONTEXTO DE SAÍDA:

Motivos, orientações, intenções

Segundo Esser (2001:3,4) a integração tem haver directamente com os motivos, orientações e intenções dos actores.

Neste âmbito, a intenção do decurso da estadia não pode passar para um segundo plano, seja a intenção inicial de permanência, de retorno ou de migração para outro país de acolhimento. Esta intenção é uma medida fundamental para os migrantes, e por conseguinte um factor chave para a motivação individual de integração e finalmente também para o seu sucesso (Diehl, Preisendörfer 2007:5). Assim também Esser fala do significado da orientação geral e da integração da estadia no plano de vida. No caso de estadias a curto prazo ou temporalmente determinadas são feitos planos de investimento de acordo com a finalidade de estadia. Em norma só são feitos os investimentos interétnicos que parecem necessários para a finalidade particular da estadia. Uma estadia a longo prazo, sem determinação temporal, é portanto uma condição primária para qualquer comportamento de investimento eficaz no travar de relações interétnicas e deste modo também para qualquer integração social eficaz na sociedade de acolhimento. (Esser 2001:25)

Esta determinante foi assim, devido à sua provável importância, aplicada no meu questionário³ por meio de pergunta da pergunta: “Quais os planos do seu decurso de estadia depois de completar os estudos?” Havia a possibilidade de uma única categoria de resposta (Ficar em Portugal/ Voltar ao meu país de origem/Imigrar para outro país/Não sei).

Capital Humano

Por capital humano entende-se o stock de aptidões, competências, experiências e conhecimento.

(<http://blogsocinova.fcsh.unl.pt/djustino/files/CapHumano2.pdf>)

Segundo Esser, o conhecimento, as competências e as habilitações linguísticas são um tipo de capital humano. O conhecimento e as competências referem-se aqui ao conhecer das regras mais importantes para situações típicas e o domínio das habilitações (culturais), especialmente de tipo linguístico, para tal necessário. (Esser 2001:8)

³ Questionário anexado

O conhecimento da língua é uma vertente fundamental para a integração social. Para Esser o conhecimento da língua do país de acolhimento é condição para uma acção e interacção bem-sucedida. (Esser 2000:207)

Informações de habilitações linguísticas (falar/perceber) foram pedidas no questionário aos estudantes estrangeiros em estudo, sendo a resposta uma auto-avaliação (muito mal/mal/suficiente/bom/muito bom).

Neste ponto são significativas em especial as estruturas de oportunidade: A aprendizagem de línguas é tipicamente um efeito secundário de contactos sociais interétnicos, que só insuficientemente pode ser substituído por prevenções intencionais, como cursos de língua (Esser 2001:25).

Esser (2001:8,9) distingue entre “Enkulturation” e “Akkulturation”. “Enkulturation” significa a “Kulturation” das pessoas no começo das suas vidas, “Akkulturation” representa a “Kulturation” tardia a outros e a novos contextos sociais. Neste sentido podemos considerar estudantes com ascendência lusófona como pessoas que já no começo da sua vida tiveram contacto com a cultura portuguesa através de uma ou ambas as partes paternas. Segundo Haug (2005:81), eles aprendem no decorrer da socialização normas étnico-culturais específicas do país de acolhimento, que lhes vão facilitar o estabelecimento de relações sociais com portugueses. Eles herdaram com a sua ascendência lusófona, capital social específico do país de acolhimento e deste modo um potencial mais elevado de integração social.

Como já foi dito, Esser (2001:9) acentua que a “Akkulturation” tardia a um novo ambiente social é tanto mais difícil, quanto mais tarde ela ocorre depois da “Enkulturation” e quanto mais diversas forem as culturas, a que se aplicam a “Enkulturation” e “Akkulturation”. Neste caso é importante que nos informemos acerca da idade de entrada dos estudantes e a dimensão da distância cultural (língua, religião).

Recursos económicos

Os recursos económicos podem ser de interesse, pensando na necessidade de se inserir no mercado de trabalho do país de acolhimento, para por exemplo financiar

o seu estudo. Neste caso o indivíduo não está só incorporado como estudante, na instituição de ensino, mas também no mercado de trabalho. Desta maneira o tempo de estar na faculdade pode ser limitado. O interesse de estabelecer contactos e amizades dentro da faculdade pode ser menor, tendo em conta, que pode no lugar de trabalho estabelecer outros contactos e amizades.

Neste âmbito foram recolhidas informações através da questão se o inquirido era estudante trabalhador e no caso de uma resposta afirmativa, se trabalhava em part- ou full-time.

CONTEXTO DE RECEPÇÃO

Comunidades étnicas

Esser (2001:25) vê a comunidade étnica e o país de origem como uma alternativa, com a qual são comparadas as opções oferecidas pelo país de acolhimento. Estas comunidades oferecem alguma protecção contra os preconceitos exteriores e contra o choque da aculturação (Portes 1999:29), no entanto também é possível, que a comunidade imponha restrições aos seus membros. Assim por exemplo, o contacto com outras pessoas fora de comunidade pode ser interdito e com isso impedida a integração social no país de acolhimento (Portes 1995:14, 1998).

Algumas vezes também não há alternativas à sociedade de acolhimento, uma vez que os imigrantes pertencem a nacionalidades demasiado pequenas para formarem comunidades distintas, sendo assim obrigados a espalharem-se entre a população nativa (Portes 1999:29).

As comunidades étnicas têm portanto um grande impacto na questão da integração social. Desta maneira é importante saber se há uma comunidade preexistente ou não, e se houver saber, se o imigrante tem ligações com essa comunidade.

Neste modelo de análise é a minha intenção tratar separadamente as comunidades étnicas e a estrutura das oportunidades (tamanho do grupo étnico e mistura étnica), a que me referirei mais tarde no parágrafo da recepção social. Razão para esta separação é o facto de eu ser da opinião, que as comunidades étnicas

constituem um caso especial, uma vez que nelas podem existir dentro da rede social expectativas normativas para o estabelecimento de relações interétnicas.

Políticas governamentais

A política governamental afecta a probabilidade da imigração ser bem-sucedida e o enquadramento legal em que ocorre (Portes 1999:89).

A diversidade da idade de chegada dos inquiridos pode ter um impacto na maneira como poderão usufruir das políticas governamentais em Portugal.

Como já foi mencionado Esser (2001:9) compreende por “Plazierung” a ocupação de uma certa posição social por um actor. Os actores são incorporados através do processo de “Plazierung” num sistema social já existente. As formas mais importantes da integração social através de “Plazierung” são a concessão de certos direitos, várias posições, como a profissional e o início de oportunidades sociais de travar e manter relações sociais com outros membros do sistema social.

Uma das políticas governamentais mais importantes será a concessão da nacionalidade. A lei da nacionalidade regula, quem é cidadão nacional, quem a pode adquirir e quais as condições necessárias para a obter.

O actual regime português alargou significativamente o acesso à nacionalidade portuguesa, na medida em que reconheceu o estatuto de cidadania àqueles que tenham fortes laços com Portugal. Assim a nacionalidade portuguesa de origem é atribuída aos nascidos no território português, filhos de estrangeiros, se pelo menos um dos progenitores tiver nascido em Portugal e aí residir na altura do nascimento do filho, bem como aos nascidos no território português, filhos de estrangeiros que declaram que querem ser portugueses e já residem em Portugal há pelo menos cinco anos, ou caso que o menor tenha concluído em Portugal o primeiro ciclo do ensino básico. (SEF 2010:27)

Ao estrangeiro é possível conservar a nacionalidade estrangeira original, passando a ter dupla nacionalidade.

As pessoas naturais dos antigos territórios portugueses na África – Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe – têm garantida a nacionalidade originária portuguesa, até ao descendente de terceiro grau do português. (<http://www.wikipedia.org/w/index.php?oldid=26664378>)

“[...]a posse de uma situação de cidadania plena é uma condição inerente à integração. Isto significa que o défice formal ou efectivo de direitos se traduz em situações de exclusão e numa capacidade limitada de reivindicar uma posição mais justa na sociedade.” (Malheiros 2011:48)

Por conseguinte, a dupla nacionalidade parece também constituir um ponto significativo para a minha análise e como tal ela será uma das minhas determinantes.

A integração não pode ser apenas o produto da vontade pública, ou seja de acções conscientemente tomadas pelo Estado. A integração é apenas parcialmente o resultado de políticas feitas e postas em prática. Pois, nenhuma macropolítica pode contrair eficazmente o perfil de acolhimento das comunidades locais. Se a xenofobia, o racismo ou simplesmente a desconfiança se afirmarem nenhuma lei poderá mudar o essencial.

Recepção social

Segundo Esser o individuo tem de se integrar. Esta visão individualista da integração social não significa que Esser descuide as estruturas sociais da sociedade de acolhimento, potencialmente impeditivas de integração. Pelo contrário, ele acentua sim, que a mais forte motivação de integração pode falhar devido a barreiras estruturais. A integração social depende também da possibilidade situacional, ou seja a integração através da sociedade maioritária (Esser 1980:209ff.).

As relações sociais são tipos e mecanismos importantes da integração social. Através delas é consumada a “Plazierung” dos actores nas áreas quotidianas, não formais, e não baseadas em mercados da sociedade. (Esser 2001:11)

Importante para a interacção, como já foi dito, a estrutura de oportunidades, que influencia a probabilidade de estabelecimento de contacto e depende por exemplo duma mistura étnica no bairro de residência, universidade, lugar de trabalho

e parentesco ou do tamanho dum grupo étnico. Assim por exemplo, segundo Friedrichs (2008), a probabilidade que numa rede de amizade hajam nativos ou membros doutros grupos étnicos é mais elevada, num lugar onde não existam outras pessoas com a mesma origem, do que num lugar de residência com uma maior densidade de população pertencente ao próprio grupo étnico.

Com o fim de abordar esta temática os estudantes foram questionados acerca da existência de estudantes/pessoas com o mesmo país de origem dentro e fora da FCSH. (Categorias de resposta: Sim/Não/Mais ou menos/Não sei)

A distância social por parte dos interlocutores potenciais representa mais um factor estrutural, que pode impedir a própria decisão de estabelecer contactos étnicos (Friedrichs 2008). Assim, como já mencionado, segundo Esser (2001:11) é preciso para a formação de interacções sócio-integrativas, que haja a disponibilidade e as aptidões dos outros respectivos actores, de também aceitarem as respectivas ofertas de uma amizade. A dimensão da tolerância, a ausência de distâncias sociais por lado dos membros do país de acolhimento têm um papel importante para a integração social dos migrantes. A dimensão da distância cultural, que já foi mencionada face à aculturação, pode também ter importância para os potenciais interlocutores de interacção.

Face ao objectivo do meu trabalho, investigar até que ponto a faculdade como espaço social tem um impacto significativo no alcance de relações interétnicas pelos alunos estrangeiros ou seja em práticas de relacionamento destes com os demais estudantes de origem portuguesa, vou, como já referido inicialmente, efectuar uma comparação das redes de relacionamento (contactos quotidianos e redes de amizade) dos estudantes estrangeiros dentro e fora de FCSH. Importante é distinguir no contexto da estrutura de oportunidade (tamanho dum grupo étnico, mistura étnica) e a disponibilidade dos outros respectivos actores, de aceitarem as respectivas ofertas de uma amizade, dentro e fora da FCSH.

Segundo este modelo podem portanto as determinantes seguintes influenciar o encastramento social (é de ter em conta, que outras características sociodemográficas e a biografia de imigração, que não pertencem ao modelo, foram adicionados devido à sua possível importância):

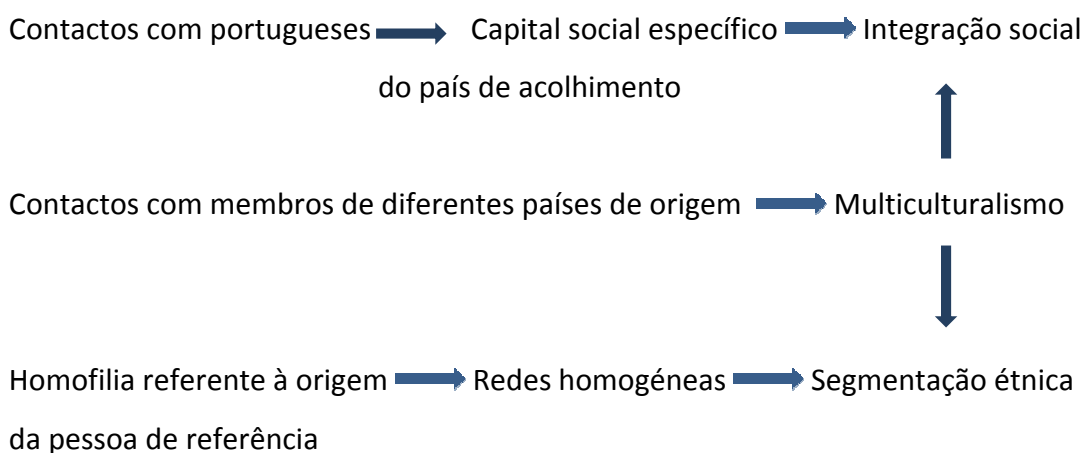
- **MOTIVAÇÃO** (intenção de permanência ou seja planos migratórios depois de completar os estudos)
- **CAPITAL HUMANO** (habilitações linguísticas)
- **RECURSOS ECONÓMICOS** (estudante/estudante-trabalhador/duração da ocupação)
- **COMUNIDADES ÉTNICAS** (preexistência da comunidade étnica/pertença à comunidade étnica)
- **POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS** (dupla nacionalidade)
- **ESTRUTURA DE OPORTUNIDADE** (existência de muitas pessoas ou estudantes com o mesmo país de origem/disponibilidade dos membros da sociedade de acolhimento em estabelecer contactos e amizades)
- **CARACTERÍSTICAS SOCIO-DEMOGRÁFICAS** (país de origem, ascendência lusófona, género, idade, estado civil⁴, ciclo de estudo)
- **BIOGRAFIA DE MIGRAÇÃO** (duração de estadia até agora/idade de entrada)
- **CARACTERÍSTICAS CULTURAIS** (língua/religião)

O encastramento social (interacção social) tem pelo seu lado repercussões em todas as áreas de vida e assim também no stock de recursos. Parte-se portanto da ideia, que a interacção frequente e bem-sucedida com membros da sociedade de acolhimento é uma parte importante da integração. A integração social é por isso

⁴ Utilização de tempo específica

analisada através da medição da constituição das redes relacionais e da incidência de contactos interétnicos. Das reflexões teóricas resultam vários questionamentos, que se referem a indicadores do encastramento social (contactos com portugueses, multiculturalismo, homofilia). (veja quadro 1)

Quadro 1: Encastramento social: Indicadores de integração social na base de amizades interétnicas (segundo Haug (2003:100) e adoptado ao meu objecto de investigação)



Questionamentos:

- Como se pode descrever a integração social (dentro e fora da FCSH)? (Análise descritiva)
- Tem o país de origem influência na integração social, quer dizer, podem-se verificar diferenças entre os vários grupos nacionais? (Análise bivariada)
- Que influência tem a motivação, o capital humano, os recursos económicos, as comunidades étnicas, a estrutura de oportunidade, as características sociodemográficas, a biografia de migração e as características culturais na integração social? (Análise bivariada)

Capítulo V: Indicadores da integração social: Contactos

interétnicos

5.1. Inquérito autónomo

A minha investigação tem por base um inquérito por mim feito num período de 3 meses, de Fevereiro a Abril de 2011, a 201 estudantes estrangeiros inscritos em licenciaturas e Pós-graduações na FCSH. O inquérito foi realizado por meio de um questionário de administração directa, ou seja os questionários foram entregues por mim nas aulas e noutras instalações da faculdade e preenchidos pelos próprios estudantes inquiridos.

O maior número de estudantes inquiridos é constituído por estudantes com países de origem africanos (74 alunos), a maior parte deles PALOPs. O grupo de estudantes com países de origem europeus (48 alunos) tem uma origem diversificada. Os estudantes brasileiros são a parte essencial do grupo norte-sul americano com 35 alunos. Finalmente o grupo asiático no número de 44 alunos é formado na sua maioria por estudantes da Universidade Dalian. (tabela 2.1 anexo)

São examinados dois aspectos da integração social:

1. Os contactos quotidianos dos estudantes estrangeiros com os portugueses dentro e fora da FCSH e com pessoas do país de origem e pessoas de outros países dentro da FCSH
2. As amizades dos estudantes estrangeiros dentro e fora da FCSH com outros migrantes e portugueses.

A integração social de migrantes é medida através do tipo, da intensidade, da frequência e da dimensão das relações sociais de migrantes entre si, assim como entre os migrantes e a população nativa. (Haug 2010:12)

São os contactos quotidianos com portugueses dentro e fora da FCSH e os contactos com outros migrantes dentro da FCSH, a dimensão da rede de amizades dentro e fora da FCSH, a existência de amizades com portugueses dentro e fora da FCSH, a pertença a um círculo de amigos dentro e fora da FCSH que fornecem as variáveis dependentes para a minha análise.

5.2. Analisando contactos quotidianos

Uma vez que a definição do termo “amigo” está dependente da interpretação de cada um, resolvi analisar também os contactos quotidianos além das amizades, para evitar conclusões erradas face à integração social. Os contactos quotidianos dos estudantes estrangeiros dentro⁵ e fora⁶ da FCSH serão só analisados quanto à frequência do seu contacto. A frequência do contacto mede neste contexto a intensidade do contacto.

Seguidamente serão apresentados os resultados do inquérito feito. As perguntas feitas acerca da frequência de contactos no questionário são: “Com que frequência tem contacto com portugueses?” “Com que frequência tem contacto com pessoas do país de origem?” “Com que frequência tem contacto com pessoas de outros países?” Entende-se por contacto encontros pessoais, e não uma pura saudação.

Frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH

⁵ Entende-se por contacto, contactos tidos com estudantes na FCSH ou contactos com pessoas conhecidas através de colegas da FCSH

⁶ Entende-se por contacto, contactos tidos com pessoas, que não são estudantes da FCSH e contactos com pessoas não conhecidas através de colegas da FCSH

72,5% dos inquiridos responderam ter contacto diário com portugueses dentro da FCSH, 12% admitiram ter contacto várias vezes por semana, só 5% uma vez por semana a várias vezes durante o mês, e 10,5% raramente ou nunca. Comparando a frequência de contacto com portugueses fora da FCSH com a frequência do contacto dentro da FCSH pode-se observar, que a quota dos estudantes com contacto diário com portugueses diminui ligeiramente para 61,7%, enquanto o contacto tido várias vezes por semana aumenta de 12,0% para 19,9%. (Tabela 2.2 anexo)

Embora os valores pouco se diferenciem, parece no entanto que os estudantes estrangeiros tendem a manter mais contacto diário com portugueses dentro do que fora da FCSH, ou seja a intensidade de contacto dentro da FCSH tem inclinação a ser mais forte.

Frequência de contacto com portugueses dentro da FCSH por ciclo de estudo

Se compararmos as respostas dadas pelas estudantes estrangeiros inscritos em licenciaturas, com aquelas dadas pelos estudantes inscritos em Pós-Graduações, pode-se dizer que os primeiros tendem a ter um maior contacto diário (80,4%) do que os segundos (52,6%), embora apresentem uma percentagem mais alta de contactos com portugueses várias vezes por semana (24,6% vs. 7,0%). (Tabela 2.2.1 anexo)

Se tivermos em conta que os alunos de mestrado e doutoramento não frequentam diariamente as aulas como os de licenciatura, poderíamos concluir não ser esta diferença elucidante, mesmo que a associação entre as variáveis sejam segundo o coeficiente de V de Cramer 0,316 significativo (Teste χ^2 $p=0,000$).

Frequência de contacto com portugueses dentro e fora da FCSH por grupos de país de origem

Considerando o país de origem dos questionados pode se registar, que entre os pertencentes aos países europeus existe a quota mais alta de contactos diários com portugueses dentro da FCSH (90,3%), enquanto a quota mais baixa é alcançada pelos países asiáticos (39,5%). Os estudantes com países de origem africanos com um valor de 73,0% e os de países sul-/norte-americanos com um valor de 77,1% estão próximos

da média total e têm um comportamento semelhante. Muito acentuada a presença de estudantes asiáticos na categoria de contactos raramente/nunca (31,6%) enquanto a percentagem dos estudantes europeus é zero.

Neste caso podemos falar devido ao valor 0,242 de Cramer de uma associação até certo ponto significativa (Teste χ^2 $p=0,000$) entre as variáveis grupo de país de origem e a frequência de contacto com portugueses dentro da FCSH.

O comportamento dos inquiridos nos contactos fora da faculdade, embora mostre uma descida das percentagens na categoria de contacto diário, as percentagens sobem todavia na categoria várias vezes por semana, pelo que não existe uma diferença distintiva na atitude de contacto com portugueses dentro da FCSH.

Tabela 2.2.2 – Frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH por grupos de país de origem em percentagem

	Dentro da FCSH				Fora da FCSH			
	África	Europa	Ásia	América do Norte/Sul	África	Europa	Ásia	América do Norte/Sul
Diariamente	73,0	91,7	46,5	77,1	64,4	85,4	27,5	62,9
Várias vezes por semana	17,6	4,2	16,3	5,7	17,8	12,5	35	17,1
Uma vez por semana a várias vezes por mês	1,4	4,2	9,3	8,6	6,8	2,1	15	11,4
Raramente ou nunca	8,1	0	27,9	8,6	11	0	22,5	8,6
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

* Valores baseiam-se em 200 casos válidos dentro da FCSH e 196 casos válidos fora da FCSH, Dentro da FCSH: Cramer's V=0,242, Teste χ^2 $p=0,000$; Fora da FCSH: Cramer's V=0,241, Teste χ^2 $p=0,000$

Frequência de contacto com portugueses dentro e fora da FCSH por nacionalidade dupla

É visível que no grupo dos inquiridos com dupla nacionalidade (sendo uma delas a portuguesa) a quota daqueles que têm contacto diário com portugueses dentro da FCSH é maior do que a do grupo de inquiridos sem dupla nacionalidade (92,5% vs. 62,4%). Comparando a frequência de contactos dentro e fora da FCSH pode-se

observar para ambos os grupos (inquiridos com e sem dupla nacionalidade), na categoria de contactos diários uma ligeiramente maior percentagem dentro da faculdade do que fora. O coeficiente de V de Cramer é dentro da FCSH de 0,242 e fora da FCSH de 0,241.

Tabela 2.2.3 – Frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH por dupla nacionalidade em percentagem

	Dentro da FCSH			Fora da FCSH		
	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa	Total	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa	Total
Diariamente	62,4	92,5	71,3	51,2	83,0	60,9
Várias vezes por semana	14,4	5,7	11,8	23,1	11,3	19,5
Uma vez por semana a várias vezes por mês	8,0	0	5,6	10,7	5,7	9,2
Raramente ou nunca	15,2	1,9	11,2	14,9	0	10,3
Total	100	100	100	100	100	100

* Valores baseiam-se em 178 casos válidos dentro e 174 casos válidos fora da FCSH. Nesta análise foi feita uma filtração dos estudantes de só nacionalidade portuguesa. Dentro da FCSH: Cramer's V=0,242, Teste $\chi^2=0,000$; Fora da FCSH: Cramer's V=0,241, Teste $\chi^2=0,000$

Frequência de contacto com portugueses dentro e fora da FCSH por ascendência lusófona

Enquanto as variáveis da frequência de contacto com portugueses dentro da FCSH e ascendência lusófona/não ascendência lusófona são independentes ($p > 0,05$), as variáveis da frequência de contacto com portugueses fora da FCSH e ascendência lusófona/não ascendência lusófona são dependentes ($p=0,001$) e a associação entre elas até é significativa (V de Cramer=0,306). 82,9% dos estudantes estrangeiros com ascendência portuguesa têm contacto diário com portugueses fora da FCSH, em contrapartida esta quota é sob os estudantes estrangeiros sem ascendência lusófona só de 53,3%. No entanto é de realçar que 25% dos inquiridos sem ascendência lusófona têm várias vezes por semana contacto com portugueses fora da FCSH.

Comparando as frequências de contacto dentro e fora da FCSH pode-se dizer não haver quase diferenças para os estudantes com ascendência lusófona, enquanto para os estudantes sem ascendência lusófona a quota do contacto diário é maior dentro da FCSH (71,6% vs. 53,6%) e a quota do contacto várias vezes por semana é maior fora da FCSH (25% vs. 12,1%). Isto parece indicar terem os estudantes estrangeiros sem ascendência lusófona uma maior tendência para ter mais frequentemente contacto com portugueses dentro da FCSH do que fora.

Tabela 2.2.4 – Frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH por ascendência lusófona em percentagem

	Dentro da FCSH			Fora da FCSH		
	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona	Total	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona	Total
Diariamente	71,6	84,3	76,3	53,6	82,9	64,8
Várias vezes por semana	12,1	7,1	10,2	25,0	8,6	18,7
Uma vez por semana a várias vezes durante o mês	4,3	4,3	4,3	8,9	5,7	7,7
Raramente ou nunca	12,1	4,3	9,1	12,5	2,9	8,8
Total	100	100	100	100	100	100

* Valores baseiam-se em 186 casos válidos dentro da FCSH e em 182 casos válidos fora da FCSH, Dentro da FCSH: Cramer's V=0,183, Teste χ^2 p=0,162; Fora da FCSH: Cramer's V= 0,306, Teste χ^2 p=0,001

Frequência de contacto com portugueses dentro e fora da FCSH por idade de chegada a Portugal

Analisando a frequência de contacto com portugueses dentro da FCSH pela idade de chegada a Portugal, com uma idade inferior a 18 anos ou 18 anos ou mais, pode-se reconhecer que 94,4% dos estudantes da primeira categoria e somente 60,2% da segunda têm contacto diariamente com portugueses dentro da FCSH. Entre a idade de chegada e a frequência de contacto com portugueses dentro da FCSH existe uma correlação positiva fraca (Kendall's Tau $b=0,351$). Parece portanto, que tendencialmente e com algumas excepções, uma frequência de contacto elevada com portugueses dentro da FCSH, implica antes uma idade de chegada mais baixa, ou seja com o aumento da idade de chegada diminui a frequência do contacto.

Uma correlação semelhante pode ser observada entre as variáveis frequência de contacto com portugueses fora da FCSH e idade de chegada a Portugal (Kendall's Tau $b=0,349$). A quota daqueles que têm contacto diário com portugueses é para ambos os grupos ligeiramente mais elevada dentro da faculdade do que fora. Em contrapartida, a quota daqueles que têm contacto várias vezes por semana com portugueses é um pouco mais alta fora da FCSH do que dentro.

Tabela 2.2.5 – Frequência de contacto com português dentro/fora da FCSH por idade de chegada a Portugal em percentagem

	Dentro da FCSH		Fora da FCSH	
	Idade de chegada <18 anos	Idade de chegada ≥ 18 anos	Idade de chegada <18 anos	Idade de chegada ≥ 18 anos
Diariamente	94,4	60,2	84,5	48,8
Várias vezes por semana	2,8	17,2	12,7	24
Uma vez por semana a várias vezes por mês	1,4	7,0	1,4	12
Raramente ou nunca	1,4	15,6	1,4	15,2
Total	100	100	100	100

*Valores baseiam-se em 200 casos válidos dentro e 196 casos válidos fora da FCSH. Dentro da FCSH: Kendall's Tau $b=0,351$, Nível de significação $p=0,000$; Fora da FCSH: Kendall's Tau $b=0,349$, Nível de significação $p=0,000$

Frequência de contacto com portugueses dentro e fora da FCSH por duração de estadia em Portugal

Tomando em conta a duração de estadia em Portugal, podemos reconhecer que nos grupos com uma estadia mais curta (< 1ano e 1-3 anos) se registam percentagens mais elevadas tanto dentro como fora da FCSH, nas categorias de contacto com portugueses várias vezes por semana, uma vez por semana a várias vezes por mês, raramente ou nunca, do que nos grupos com uma estadia mais longa (4-11 anos e ≥ 12 anos), os quais apresentam por sua vez quotas mais altas na categoria diariamente.

Também são quase idênticas a intensidade e a direcção da correlação entre as variáveis frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH e duração de estadia em Portugal (Kendall's Tau b : Dentro FCSH= $-0,335$ /Fora FCSH= $-0,337$).

Portanto parece que tendencialmente e com algumas excepções, uma frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH antes implica uma duração de estadia

em Portugal mais longa. Comparando os valores obtidos dentro e fora da FCSH pode-se afirmar, que enquanto para os estudantes estrangeiros com uma estadia de quatro a onze anos mal há diferenças, para os outros grupos a quota de contacto com portugueses é mais alta dentro do que fora da FCSH, e a quota de contacto com portugueses várias vezes por semana é mais alta fora da FCSH.

Tabela 2.2.6 – Frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH por duração de estadia em Portugal em percentagem

	Dentro da FCSH				Fora da FCSH			
	<1ano	1-3anos	4-11anos	≥12anos	<1ano	1-3anos	4-11anos	≥12anos
Diariamente	50	58,8	87,2	93,6	40	43,6	82,6	83
Várias vezes por semanas	19,2	17,5	8,5	2,1	24	30,8	4,3	14,9
Uma vez por semana a várias vezes por mês	7,7	8,8	0	2,1	16	11,5	6,5	0
Raramente ou nunca	23,1	15	4,3	2,1	20	14,1	6,5	2,1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

* Valores baseiam-se em 200 casos válidos dentro e 196 casos válidos fora da FCSH, Dentro da FCSH: Kendall's Tau b=0,335, Nível de significação p=0,000; Fora da FCSH: Kendall's Tau b=0,337, Nível de significação p=0,000

Frequência de contactos com portugueses dentro e fora da FCSH por planos migratórios depois de completar os estudos

Entre os inquiridos que tencionam ficar em Portugal, imigrar para outro país ou ainda não sabem, a quota do contacto com portugueses dentro da FCSH apresenta um nível acima da média, enquanto só pouco mais que a metade daqueles que pretendem voltar ao seu país de origem têm contactos diários com portugueses dentro da FCSH. No entanto é este grupo, que planeia voltar para o país de origem, que é mais representativo nas outras categorias, sobretudo na categoria do contacto raramente ou nunca.

Pode-se portanto afirmar que aqueles que não tencionam voltar ao seu país natal ou aqueles que pelo menos não o sabem estão mais inclinados a manter relações de contacto mais frequentes com portugueses na FCSH do que os estudantes que têm em mente voltar ao seu país de origem.

Um comportamento semelhante pode ser observado nos contactos fora da FCSH, ou seja os estudantes que tencionam voltar ao país de origem têm a quota mais baixa de contactos diariamente com portugueses e quotas mais elevadas nas restantes categorias e os outros grupos mostram uma maior disposição de contacto diário com os portugueses fora da FCSH.

Comparando a frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH é visível, que a quota de todos os grupos que estão diariamente em contacto com portugueses é maior dentro da faculdade do que fora, apresentando as maiores diferenças de valores aqueles que pretendam ficar em Portugal ou voltar ao seu país de origem. Ao mesmo tempo também a quota de contacto várias vezes por semana é para todos os grupos mais elevada em contactos fora da FCSH, muito embora seja esta diferença menor entre os estudantes que tencionam voltar ao seu país de origem. Observa-se portanto que especialmente os estudantes que planeiam voltar ao seu país de origem, tendem a ter mais frequentemente contacto com portugueses dentro do que fora da FCSH.

Tabela 2.2.7 – Frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH por planos depois de completar os estudos

	Dentro da FCSH					Fora da FCSH				
	Ficar em Portugal	Voltar ao país de origem	Imigrar para outro país	Ainda não sabe	Total	Ficar em Portugal	Voltar ao país de origem	Imigrar para outro país	Ainda não sabe	Total
Diariamente	82,4	53,9	86,2	81	70,8	66,7	40,3	79,3	73	60,4
Várias vezes por semanas	5,9	18,4	10,3	7,9	12,4	16,7	23,6	17,2	17,5	19,8
Uma vez por semana a várias vezes por mês	5,9	6,6	3,4	4,8	5,4	5,6	13,9	3,4	6,3	8,8
Raramente ou nunca	5,9	21,1	0	6,3	11,4	11,1	22,2	0	3,2	11,0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

* Valores baseiam-se em 185 casos validos dentro da FCSH e 182 casos validos fora da FCSH, Dentro da FCSH:

Cramer's V=0,195, Teste χ^2 p=0,012; Fora da FCSH: Cramer's V=0,226, Teste χ^2 p=0,001

Frequência de contacto com portugueses dentro e fora da FCSH por habilitações linguísticas (falar)

A quota mais alta daqueles que têm contacto diariamente com portugueses dentro da FCSH é alcançada por parte do grupo de estudantes com habilitações linguísticas (falar) boas ou muito boas, enquanto esta quota é mais reduzida entre os estudantes com habilitações linguísticas suficientes e ainda de um nível mais inferior entre aqueles com habilitações linguísticas más/muito más. Ao mesmo tempo é entre os estudantes que falam suficientemente que surge a percentagem mais elevada de contacto várias vezes por semana com portugueses e entre os, que falam mal ou muito mal português, que surge a percentagem mais elevada de contacto raramente ou nunca com portugueses dentro da faculdade.

Existe uma correlação negativa significativa entre as habilitações linguísticas (falar) e a frequência de contacto com portugueses dentro da FCSH (Kendall's Tau $b=-0,478/p=0,000$), ou seja com o aumento das habilitações linguísticas cresce a frequência de contactos com portugueses dentro da FCSH.

É entre os estudantes, que falam bem/muito bem português, que se atinge a percentagem mais alta em contacto diário com portugueses fora da FCSH. Na categoria de contacto várias vezes por semana, a maior percentagem é obtida por inquiridos com habilitações linguísticas (falar) suficientes. Os estudantes com habilitações más /muito más, alcançam a maior quota na categoria de contacto raramente ou nunca com portugueses fora da FCSH. Estamos perante uma correlação negativa pouco significativa entre as habilitações linguísticas (falar) e a frequência de contacto com portugueses fora da FCSH (Kendall's Tau $b=-0,347/p=0,000$). Parece assim portanto que tendencialmente e com algumas excepções uma frequência alta de contacto com portugueses fora da FCSH antes implica melhores habilitações linguísticas (falar).

Comparando assim os contactos dentro e fora da FCSH parece que os estudantes que falam bem ou muito bem português, tendem mais fortemente para ter mais contactos diários com portugueses dentro da faculdade do que fora, enquanto que os estudantes com habilitações linguísticas suficientes só apresentam esta tendência num grau mais fraco. Os estudantes que falam muito mal (trata-se de um grupo sub-representado) tendem a ter mais contacto diário com portugueses fora do que dentro da faculdade.

Tabela 2.2.8– Frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH por habilitações linguísticas (falar) em percentagem

	Dentro da FCSH			Fora da FCSH		
	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom
Diariamente	12,5	34,5	83,4	33,3	26,7	70,1
Várias vezes por semanas	12,5	31	8,3	0	36,7	16,9
Uma vez por semana a várias vezes por mês	0	10,3	3,8	0	16,7	7,1
Raramente ou nunca	75	24,1	4,5	66,7	20	5,8
Total	100	100	100	100	100	100

* Valores baseiam se em 194 casos validos dentro da FCSH e em 190 casos validos fora da FCSH, Dentro da FCSH: Kendall's Tau b=-0,478, Nível de significação p=0,000; Fora da FCSH: Kendall's Tau b=-0,347, Nível de significação =0,000

Frequência de contacto com portugueses, pessoas do país de origem e pessoas de outros países dentro da FCSH

Já foi analisada a frequência de contacto dos estudantes estrangeiros com portugueses dentro e fora da FCSH. Seguidamente tentarei mostrar o comportamento dos estudantes também em relação com pessoas do seu país de origem e com migrantes de outros países. Isto só no âmbito dentro de FCSH, uma vez que este é também o fulcro de interesse do meu estudo.

Comparando a frequência de contacto com portugueses, pessoas do país de origem e pessoas de outros países, vemos que enquanto 72,5% dos estudantes estrangeiros têm diariamente contactos com portugueses, 54,0% ou seja mais do que a metade dos inquiridos têm contactos diários com pessoas do país de origem e só 26,5% têm contactos com pessoas de outros países.

Observando a tabela 2.2 (anexo) podemos concluir que tanto os contactos diários, como os várias vezes na semana são feitos na maioria com portugueses ou com pessoas do país de origem. Em contrapartida destaca-se a categoria de contacto raramente ou nunca na frequência de contacto com pessoas de outros países.

Frequência de contacto com portugueses, pessoas do país de origem e pessoas de outros países dentro da FCSH por grupos de países de origem

Focando os grupos de países de origem, observamos que os inquiridos de países de origem africanos mostram uma percentagem de contacto diário com portugueses (73,0%) mais elevada que aquela alcançada com pessoas do seu país de origem (66,2%) e com outros imigrantes (27,0%). Mesmo que os contactos várias vezes por semana (32,4%) sejam os mais altos em relação ao contacto com pessoas de outros países, também há que destacar, que isso também é observado na categoria de contacto raramente ou nunca (23,0%). Os estudantes de países africanos portanto tendem ter mais frequentemente contacto com portugueses, seguidamente com pessoas do seu país de origem e mais escassamente com pessoas de outros países. Esta situação é diferente entre os estudantes europeus, que se inclinam a ter em primeiro lugar contactos mais frequentes com portugueses, em segundo com pessoas de outros países e por último com estudantes do país de origem. Assim observamos que a quota de contactos diários com portugueses é mais alta (91,7%) do que a obtida com pessoas do país de origem e com pessoas de outros países (ambos 37,5%). Há no entanto que acentuar que entre os estudantes europeus 27,1% têm raramente ou nunca contacto com pessoas do país de origem. Os estudantes de países de origem asiáticos fazem-nos defrontar uma situação totalmente diferente. Visto que menos do que a metade dos estudantes (46,5%) têm contacto diário com portugueses, enquanto 65,1% têm diariamente contacto com pessoas do país de origem e somente 11,6% têm contacto diário com outros migrantes. Ao mesmo tempo 27,9% têm raramente ou nunca contacto com portugueses e 58,1% com outros migrantes. Consequentemente bem visível a tendência dos estudantes dos países de origem asiáticos a terem mais frequentemente contacto com pessoas do país de origem e com menos regularidade com portugueses e outros migrantes. A preferência dos estudantes da América do Norte/Sul destaca-se no valor de 77,1% em contactos diários com portugueses. A frequência de contacto diário com pessoas do país de origem com 37,1% está um pouco acima da percentagem atingida nos contactos diários com pessoas de outros países (28,6%), no entanto há que destacar que os valores do contacto várias vezes por semana apagam esta diferença (respectivamente 25,7% e 34,3%). Resumindo

verifica-se que os estudantes da América do Norte/Sul tendem a ter mais frequentemente contacto com portugueses e menos com pessoas do país de origem e de outros países. (Tabela 2.2.9 anexo)

Frequência de contacto com portugueses, pessoas do país de origem e pessoas de outros países por dupla nacionalidade

A dupla nacionalidade é significativa só para contactos com portugueses e com pessoas do país de origem. Os estudantes com dupla nacionalidade, seja uma delas a portuguesa, tendem a ter muito mais frequentemente contacto com portugueses do que com pessoas do país de origem, enquanto pessoas sem dupla nacionalidade inclinam-se a ter a mesma frequência de contacto com portugueses e pessoas do seu país de origem. (Tabela 2.2.10 anexo)

Frequência de contacto com portugueses, pessoas do país de origem e pessoas de outros países dentro da FCSH por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH

A disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades só tem uma influência significativa em contactos com portugueses e pessoas do país de origem.

Comparando os três grupos de estudantes que consideram a disponibilidade dos portugueses dentro da FCSH como muito mal/mal, suficiente, bom/muito bom, pode-se reconhecer que os dois primeiros grupos têm uma frequência semelhante de contacto com pessoas do país de origem e se diferenciam nesta atitude dos estudantes do terceiro grupo. Assim a quota daqueles que têm um contacto diário com pessoas do país de origem nos grupos dos estudantes que avaliam a disposição como muito má/má (61,5%) e nos estudantes que a avaliam de suficiente (63,0%) é maior do que entre os estudantes, que consideram a disponibilidade boa/muito boa, com somente 47,5%. Se observamos as outras frequências de contacto várias vezes por semana, uma vez por semana a várias vezes por mês e raramente e nunca, não são visíveis quaisquer grandes diferenças entre os restantes valores para os estudantes que avaliam a disponibilidade como suficiente ou mal/muito mal. Kendall's Tau b é de 0,164,

portanto estamos perante uma correlação positiva pouco significativa entre as variáveis. Parece assim que tendencialmente e com muitas excepções, uma pior disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH implica uma frequência de contacto com pessoas do país de origem dentro da FCSH mais elevada.

Relativamente à frequência de contacto com portugueses dentro da FCSH é entre os estudantes que avaliam a disponibilidade dos portugueses de boa/muito boa, que a quota mais alta é alcançada na categoria diariamente com 85,1%, seguidamente atingem aqueles que a acham suficiente 68,5% e por último os que a vêem como mal/muito mal 48,7%. Kendall's Tau b é de -0,316, parece portanto que tendencialmente e com algumas excepções existe uma maior frequência de contacto com os portugueses dentro da FCSH por parte dos que avaliam melhor a disponibilidade dos portugueses dentro da FCSH em estabelecer contactos e amizades. (Tabela 2.2.11 anexo)

Frequência de contacto com portugueses, pessoas do país de origem e pessoas de outros países dentro da FCSH por existência de estudantes do país de origem dentro da FCSH

A existência de estudantes com o mesmo país de origem é só significativa em relação a contactos com portugueses e com pessoas do país de origem.

89,4% dos estudantes que indicam não ter muitos compatriotas na FCSH têm diariamente contacto com portugueses, enquanto só 40,4% têm diariamente contactos com pessoas do país de origem e 34% afirma ainda ter somente raramente ou nunca contacto com compatriotas dentro da FCSH.

Em contrapartida apenas 57,6% dos estudantes que têm muitos colegas compatriotas dentro da FCSH, têm contactos diários com portugueses, mas 72,9% destes estão diariamente em contacto com pessoas do país de origem dentro da FCSH.

Resumindo pode-se afirmar que os estudantes que não têm muitas pessoas do país de origem dentro da FCSH tendem a ter mais frequentemente contacto com portugueses e menos com pessoas do país de origem, enquanto os estudantes que têm muitos

compatriotas dentro da FCSH tendem a ter mais frequentemente contacto com pessoas do seu país de origem do que com portugueses. (Tabela 2.2.12 anexo)

5.3 Analisando as redes de amizade

5.3.1 Dimensão da rede de amigos

Segundo Haug (2003:101) indicadores da dimensão do encastramento social são o tamanho da rede de amizades, a intensidade da relação, a intensidade de contacto e a distância. O tamanho da rede de amizade é o indicador mais simples da dimensão do encastramento social e a disponibilização de capital social (Haug 1997:21).

Pode-se partir da suposição, que os recursos sociais crescem conforme o número de amigos. Isto pode naturalmente não ser assim. Há diversas hipóteses para o significado da intensidade das relações com vista ao capital social. Na procura de trabalho, como já foi mencionado várias vezes, parece ser vantajoso um número elevado de relações fracas, uma vez que estas, independentemente uma das outras podem fornecer informações diferentes (Granovetter 1974). Em contrapartida nas relações de amizade é plausível, que um elevado número de relações fortes tenha as suas vantagens, tendo em vista a ajuda e o apoio. Motivo disso é o aumento do grau de obrigação social, quer dizer não é importante ter uma rede de amigos tão grande quanto possível, mas sim uma tão grande quanto possível de amigos com que se pode contar. (Haug 2003:101, 102)

Na verdade no meu questionário só foram feitas perguntas acerca do tamanho da rede de amigos, ou seja o número de amigos, e acerca do país de origem dos amigos dentro e fora da FCSH. O número de amigos pode estar em conexão com a formação de relações de amigos e apontar para sociabilidade (Haug 2003:129). Não foram adquiridas informações sobre outras características das relações de amizade, daí que

não possam ser feitas análises acerca da intensidade da relação ou frequência de contacto.

Seguidamente vai ser analisado o tamanho das redes de amizade dentro e fora da FCSH. Foi questionado “Quantos amigos tem dentro da FCSH?”⁷ e “Quantos amigos tem fora da FCSH?”⁸.

Se compararmos a dimensão da rede de amizade dentro e fora da FCSH, pode ser observado, que o número médio de amigos dos estudantes estrangeiros dentro da faculdade é de 14,8, nitidamente mais baixo do que fora da FCSH com um número médio de 32,4. A definição do conceito “amigo” é dependente da interpretação e por isso pode acontecer que os resultados apresentem médias mais altas (Diewald 1986:69). Se contudo for comparado a mediana, parece não haver uma diferença tão drástica. Assim metade dos inquiridos têm dentro da FCSH mais do que oito amigos e fora mais do que dez, e a outra metade tem menos que oito dentro da FCSH e menos que dez fora da FCSH. A diferença das médias resulta especialmente dos outliers ligeiros e severos. O desvio padrão é em ambos casos muito elevado (Dentro da FCSH:23,6; Fora da FCSH:75,8), o que quer dizer que os valores dos números de amigos estão muito dispersados dentro da FCSH e fora ainda mais. (Quadro 2.3.1 anexo)

Número médio de amigos por grupo de país de origem

É evidente, que o número de amigos não difere devido à pertença a um grupo de país de origem. As diferenças do número de amigos entre os estudantes com origem africana, europeia, asiática e norte-/sul-americana não são significantes, nem fora (Anova, $p=0,234$), nem dentro (Anova, $p=0,111$) da FCSH.

Número médio de amigos por escalão etário

É visível que o número de amigos dentro e fora da FCSH difere conforme o escalão etário.

⁷ Quer dizer amigos que também são estudantes da FCSH ou amigos que conheceu através de colegas da FCSH

⁸ Quer dizer amigos que não são estudantes da FCSH e que não conheceu através de colegas da FCSH

Comparando os escalões etários, ou seja o grupo dos inquiridos segundo a sua idade, com 19 anos ou menos, 20 até 24 anos, 25-30 anos e com 31 anos ou mais podemos verificar diferenças significativas no número de amigos dentro da FCSH entre eles (ANOVA, $p=0,005$). Na amostra total o número de amigos na FCSH apresenta uma média de 14,8 amigos. Consideramos no entanto o grupo dos inquiridos com 18 anos ou mais jovens, adquirimos um valor superior de 31,7 amigos, enquanto que os outros grupos daqueles com uma idade entre os 25 e 30 anos só alcançam uma média de 10,9 amigos e também daqueles com uma idade entre os 20 e 24 anos só atingem um valor de 12,6 amigos abaixo da média. Só os questionados entre os 31 e mais anos obtêm um valor médio de 15,0, que está perto de média total. O desvio padrão é sobretudo no primeiro (38,9) e no último (28,1) grupo etário mais elevado. Também a mediana é mais alta nestes dois grupos.

Também fora da FCSH o escalão etário implica a média de número de amigos. Na amostra total a média do número de amigos é de 32,4 amigos. Como anteriormente observado nos valores dentro da FCSH também é aqui o grupo mais novo, que atinge uma média mais alta (81,1 amigos), enquanto os outros grupos apresentam valores mais baixos. Também a mediana deixa-nos observar o mesmo caso.

Tem de se ter em consideração que o número dos amigos varia dependentemente da idade e que em regra os mais novos possuem maiores círculos de amigos (Bruckner et al. 1993:40, Höllinger 1989:528).

Número médio de amigos por dupla nacionalidade (Tabela 2.3.2 anexo)

A dupla nacionalidade, sendo uma delas a portuguesa, mostra ter um efeito significativo sobre o número de amigos dentro da FCSH ($t=0,026$), embora fora tal não possa ser observado. Os estudantes estrangeiros com nacionalidade dupla têm em média mais amigos na FCSH, do que os estudantes com uma só nacionalidade que não seja a portuguesa – pelo menos na presente amostra os estudantes sem nacionalidade dupla têm em média 13,2 amigos menos do que aqueles com nacionalidade dupla.

Número médio de amigos por ascendência lusófona (Tabela 2.3.3 anexo)

Segundo os resultados obtidos, os estudantes sem ascendência portuguesa têm dentro da FCSH em média 12,2 amigos e fora 35,4 amigos menos que os estudantes com ascendência portuguesa. A ascendência lusófona actua sobre o número de amigos tanto dentro ($t=0,005$) como fora ($t=0,024$) da FCSH. Se compararmos a média do número de amigos dos estudantes com e sem ascendência lusófona dentro e fora da FCSH, verifica-se que têm em média mais amigos fora da FCSH.

Número médio de amigos por idade de chegada a Portugal em escalões (Tabela 2.3.4 anexo)

Examinando a implicação da idade de chegada a Portugal na dimensão da rede de amizades dos estudantes estrangeiros notamos uma diferença significativa na média do número de amigos tanto dentro ($t=0,010$) como fora ($t=0,004$) da FCSH, conforme a idade de chegada. Assim a média do número de amigos dentro da FCSH, no grupo de estudantes que chegaram a Portugal com uma idade inferior a 18 anos, monta a 21,8 amigos e em contrapartida, no grupo dos estudantes que chegaram com uma idade 18 ou superior é só de 10,9 amigos. Fora da FCSH a média do número de amigos é também mais elevada no grupo dos estudantes que chegaram com uma idade inferior a 18 anos (61,7) do que no grupo de estudantes que imigraram para Portugal com uma idade de 18 anos ou mais (16,28). Comparando o número médio e a mediana dos amigos dentro e fora da FCSH, é de interesse registrar, que ambos os grupos têm em média mais amigos fora da FCSH, mas que especialmente os com uma idade de chegada inferior a 18 anos alcançam fora um número médio de amigos de 61,8 e uma mediana de 20, enquanto os valores dentro eram de 21,8 e uma mediana de 10. Em contrapartida os estudantes com uma idade de chegada superior a 18 anos tendo dentro da FCSH uma média de 10,9 amigos (Mediana=7), só alcançam a média de 16,3 (Mediana=10) fora da FCSH.

Número médio de amigos por duração da estadia em Portugal (Tabela 2.3.5 anexo)

Existe uma correlação positiva fraca (Coeficiente de correlação de Pearson=0,268;p=0,000) entre as variáveis número de amigos dentro da FCSH e a duração da estadia em Portugal. Parece que tendencialmente e com algumas excepções um elevado número de amigos dentro da FCSH implica uma duração mais longa da estadia em Portugal. Verifica-se a mesma situação para as variáveis número de amigos fora da FCSH e duração da estadia em Portugal (Coeficiente de correlação de Pearson=0,307, p=0,000)

Número médio de amigos por habilitações linguísticas (falar)

Focando os estudantes estrangeiros nas suas habilitações linguísticas (falar), observamos que segundo elas também o número médio de amigos varia (Anova:p=0,045). Assim segundo o teste post-hoc Tamhane os estudantes que falam muito bem/bem português têm uma maior média de número de amigos dentro da FCSH que aqueles que falam suficientemente ou mal/muito mal. Por sua vez aqueles que têm habilitações linguísticas suficientes têm uma maior média de número de amigos dentro da FCSH que os que falam mal/muito mal. (Quadro 2.3.6 anexo)

Fora da FCSH os resultados do teste post-hoc Tamhane são idênticos aos anteriores. (Quadro 2.3.7 anexo)

Número médio de amigos por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro/fora da FCSH

Na amostra total o número de amigos tem uma média de 14,5. Considerando somente o grupo de estudantes que avaliam a disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH como bom/muito bom, registamos uma média mais alta, ou seja de 19,0 amigos dentro da FCSH. Nos outros dois grupos, que consideravam a disponibilidade suficiente e mal/muito mal, as médias do número de amigos alcançadas são respectivamente 9,7 e 9,3. (Anova=0,024)

Segundo o teste post-hoc Tamhane pode-se concluir, que os estudantes que avaliam a disponibilidade dos portugueses bom/muito bom têm em média um número maior de amigos dentro da FCSH do que aqueles, que consideram a disponibilidade suficiente. (Quadro 2.3.8 anexo)

Examinando a implicação da disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades fora da FCSH pode-se observar, que também neste caso as médias dos três grupos são significativamente diferentes (Anova=0,023). O teste posthoc Tamhane permite-nos tirar por conclusão, que os estudantes que avaliam a disponibilidade como boa/muito boa têm em média mais amigos do que aqueles, que consideram a disponibilidade como mal/muito mal ou suficiente. (Quadro 2.3.9 anexo)

5.3.2 País de origem dos amigos

A análise dos contactos interétnicos vai examinar até que ponto as redes de amizades são multiculturais ou homofilas. Esta análise baseia-se no indicador “país de origem dos amigos”. Para adquirir tal informação foi questionado ao inquirido: “Qual o país de origem dos seus amigos dentro da FCSH?” e “Qual o país de origem dos seus amigos fora da FCSH?”.

O País de origem dos amigos – Amigos portugueses

78,1% dos estudantes estrangeiros indicaram Portugal como país de origem de amigos dentro da FCSH e 77,4% apontaram ter amigos portugueses fora da FCSH.

Amigos portugueses por grupos de países de origem (tabela 2.4.1 anexo)

A quota dos estudantes que afirmam ter amigos portugueses dentro da FCSH, alcança o seu maior valor (87,2%) entre os inquiridos incluídos no grupo de países de origem europeus. Esta quota monta entre os estudantes pertencentes ao grupo de países de origem norte-/sul-americanos 81,3%, entre os pertencentes ao grupo de países de

origem africanos 80,6% e entre aqueles que fazem parte do grupo de países de origem asiáticos somente 61,0%.

Parece que os estudantes pertencentes aos três primeiros grupos (Europa, Norte-/Sul-América, África) têm uma tendência semelhante a travar amizades com portugueses, ou seja com pessoas do país de acolhimento, ao contrário dos estudantes do grupo de países de origem asiáticos.

Segundo o teste χ^2 ($p=0,021$) pode-se provavelmente atestar, que os estudantes estrangeiros de diferentes grupos de países de origem, também escolhem diferentes amigos, pelo menos no que diz respeito aos amigos portugueses dentro da FCSH. O coeficiente de V de Cramer é neste caso de 0,226.

Comparando as quotas dos amigos portugueses dentro e fora da FCSH é possível observar que entre os estudantes do grupo de países de origem africanos e europeus, a percentagem daqueles que têm amigos portugueses dentro da FCSH é ligeiramente maior do que fora da FCSH, enquanto que no grupo de estudantes com países de origem sul-/norte-americanos essa mesma percentagem é quase igual e no grupo de estudantes com países de origem asiáticos até ligeiramente menor.

Amigos portugueses por dupla nacionalidade (Tabela 2.4.2 anexo)

96,1% dos estudantes com dupla nacionalidade, sendo uma delas a portuguesa, têm amigos portugueses dentro da FCSH, enquanto que aqueles sem nacionalidade dupla apresentam só uma quota de amigos portugueses dentro da FCSH de 69,2%. Segundo o Fisher's Exact Test ($p=0,000$) ser-nos-á possível concluir que os estudantes estrangeiros com uma nacionalidade dupla, sendo uma delas a portuguesa, mostram outras preferências em relação aos amigos que procuram do que os estudantes sem nacionalidade dupla, isto pelo menos em relação a amigos portugueses dentro da FCSH.

Fora da FCSH pode ser observada a mesma atitude (Fisher's Exact Test $p=0,001$).

Amigos portugueses por ascendência portuguesa (Tabela 2.4.3 anexo)

A quota daqueles que têm amigos portugueses dentro da FCSH é mais elevada no caso dos estudantes com ascendência lusófona. Assim esta equivale a 92,6%, enquanto a dos alunos sem ascendência lusófona é só de 73,6%. Pode-se neste caso também concluir, que a posse da ascendência portuguesa influi a escolha de amigos pelo menos no que diz respeito a amigos portugueses dentro da FCSH. (Fisher's Exact Test: $p=0,001$)

As variáveis, ascendência lusófona e amigos portugueses fora da FCSH são independentes (Fisher's Exact test= $0,052$).

Amigos portugueses por idade de chegada a Portugal em escalões (Tabela 2.4.4 anexo)

Entre os estudantes com uma idade de chegada a Portugal inferior a 18 anos a quota de questionados que têm amizades com portugueses dentro da FCSH é com 92,8% muito maior que a dos estudantes que entraram em Portugal com uma idade igual ou superior a 18 anos, com 69,9%. Fisher's Exact test= $0,000$ indica-nos uma dependência entre a idade de chegada e a escolha de amigos portugueses dentro da FCSH. O mesmo pode ser observado fora da FCSH (Fisher's Exact test= $0,048$).

Amigos portugueses por planos migratórios depois de completar os estudos (Tabela 2.4.5 anexo)

A quota daqueles, que têm amigos portugueses dentro da FCSH é com 93,3% a maior entre os estudantes que por enquanto não sabem quais são os seus planos de migração. Para os estudantes que tencionam ficar em Portugal ela é de 87,5%, de 78,6% um pouco abaixo da média a daqueles que pretendem imigrar para outro país e a mais baixa 69,9%, é a do grupo dos estudantes que pretendem voltar ao seu país de origem. Neste caso o coeficiente V de Cramer ($0,307$) indica uma associação significativa entre os planos migratórios e a escolha de amigos portugueses. (Teste χ^2 $p=0,001$)

Também a quota mais baixa dos inquiridos que têm amizades com portugueses fora da FCSH é constituída por estudantes que planeiam regressar ao seu país de origem com 62,9%. Entre os outros grupos de estudantes, ou seja os que ainda não sabem quais os seus planos migratórios no futuro, os que pretendem de ficar em Portugal e os que tencionam imigrar para outro país, as percentagens dos inquiridos que têm fora da faculdade amigos portugueses é quase igual, equivalentemente a 86,4%, 82,4% e 86,2%. O coeficiente V de Cramer é de 0,266 ($p=0,006$).

As diferenças entre as atitudes de preferência de amigos portugueses dentro e fora da FCSH são semelhantes ou seja as diferenças não são significantes.

Amigos portugueses por habilitações linguísticas (falar) (Tabela 2.4.6 anexo)

Quanto melhores as habilitações linguísticas, mais elevada é a quota dos estudantes que têm amigos portugueses dentro da FCSH. Assim 84,7% dos estudantes que falam bem ou muito bem, 58,6% dos estudantes que falam suficiente bem e somente 14,3% dos estudantes que falam mal ou muito mal português, travam amizades com portugueses dentro da FCSH. Neste âmbito o coeficiente V de Cramer ($=0,379$; $p=0,000$) indica-nos uma associação significativa entre as habilitações linguísticas e a posse de amigos portugueses dentro da FCSH.

Em relação aos amigos portugueses fora da FCSH verifica-se uma situação semelhante, desta maneira observamos também aqui, que a quota da posse de amigos portugueses depende das habilitações linguísticas (V de Cramer= $0,312$, $p=0,000$), ou seja quanto melhor os estudantes estrangeiros falam português tanto maior a quota de travar amizades com pessoas do país de acolhimento. É registada uma quota de 82,7% para os estudantes com habilitações linguísticas boas ou muito boas, uma de 64,3% para os que falam suficientemente bem, e uma de só 16,7% para os estudantes com habilitações linguísticas más ou muito más.

Amigos portugueses por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH (Tabela 2.4.7 anexo)

A quota dos inquiridos que têm amigos portugueses dentro da FCSH é tanto maior quanto melhor for a disponibilidade dos portugueses dentro da faculdade em estabelecer contactos e amizades. Portanto é notável que 91,8% é a quota dos estudantes que avaliam a disponibilidade de bom ou muito bom, 75% daqueles que avaliam de suficiente e de 48,6% daqueles que a consideram má ou muito má. A associação entre as variáveis é significativa (V de Cramer=0,401,p=0,000)

As variáveis disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades fora da FCSH e a posse de amigos portugueses fora da FCSH também são dependentes mesmo que a associação entre elas seja um pouco inferior àquela observada interiormente (V de Cramer=0,291, p=0,000). Uma comparação entre dentro e fora da FCSH não é realizada por não ser elucidativa.

País de origem dos amigos excluindo os portugueses

Vai ser analisado até que ponto são de preferência escolhidos amigos do mesmo país de origem.

“Homofilia” é uma característica duma díade; ela designa redes egocentradas, que são compostas por pessoas que em certas dimensões de características apresentam as mesmas características como o próprio inquerido (Beer/Liebe/Haug 2002; Jansen 1999; Wolf 1993:81ff.).

Exclusivamente relações homofilas dão origem a uma rede social homogénea. A formação de redes sociais homofilas pode estar relacionada com o facto de as pessoas de contacto serem escolhidas de preferência por apresentarem as mesmas características como o “ego”. A preferência por pessoas de contacto que apresentam as mesmas características e modos de comportamento dá origem às redes homogéneas. Estas podem também estar relacionadas com a ausência de oportunidades, de conhecer pessoas fora do próprio meio social (Reinders 2004).

Uma abordagem explicativa plausível para a tendência de homogeneidade nas amizades segundo o princípio “igual com igual se junta” tem base na teoria de escolha de amizade, que parte dum diferente grau de esforço em estabelecer relações com membros do mesmo grupo étnico e dum grupo diferente. O esforço resulta das diferentes possibilidades de travar contacto e dos interesses diferentes, que por sua vez dependem das habilidades de interação, expectativas normativas de grupo e distâncias sociais eventuais. (Esser 1990:192)

Para a análise da homofilia das redes de amigos relativamente à característica do país de origem dos amigos será feito um índice. O índice de homofilia será construído segundo uma simples definição operacional:

Homofilia está então presente quando o país de origem dos amigos é o mesmo que o país de origem do inquirido e além disso o índice de multiculturalismo é igual a um, quer dizer, quando entre os amigos só há um país de origem. Heterofilia significa pelo contrário, que na rede de amigos, existe pelo menos um membro com outro país de origem.

Para a análise do multiculturalismo é feito um índice que resulta do número das designações múltiplas face à pergunta sobre o país de origem dos amigos. Com uma pergunta semiaberta, os países de origem podem ser mais bem especificados. Primeiramente toma-se em conta, quantos países de origem foram designados. Depois vai ser feita uma comparação entre os diferentes grupos de países de origem. O índice varia entre 1 e X, 1 na existência de um único país de origem, X quando X países de origem são designados.

Os estudantes do grupo de países de origem africanos indicaram em média cerca de cinco diferentes países de origem dos amigos dentro da FCSH, o grupo de estudantes europeus e os norte-/sul-americanos indicaram cerca de quatro e o grupo asiático cerca de três. Podemos resumir que perante as médias obtidas não há nenhum caso de homofilia, mas em contrapartida de multiculturalismo. A mesma situação pode ser observada fora da FCSH. Assim têm os estudantes dos grupos africano, europeu e sul-/norte-americano em média amigos cerca de cinco amigos com países de origem diferentes, os do grupo asiático três.

Analisando o cruzamento entre os grupos de países de origem dos inquiridos e o país de origem dos amigos dentro da FCSH por eles mais nomeados, pode-se observar para o grupo africano, maioritariamente composto por alunos PALOP's, uma forte tendência a ter amizades com PALOP's, como por exemplo com angolanos 68,1%, com cabo-verdianos 77,8%, com moçambicanos 47,2%. A outra escolha mais significativa deste grupo foram os amigos brasileiros com 44,4%. Seria interessante lembrar que os africanos já tinham apontado uma quota de 80,6% em relação a amizades com portugueses. Uma tendência semelhante pode ser observada para os países de origem dos amigos fora da FCSH. Também neste caso constitui a quota daqueles que nomeiam amigos portugueses a mais elevada. (tabela 2.4.8 e tabela 2.4.9 anexo)

O grupo sul-/norte- americano mostra uma maior inclinação em travar dentro da FCSH amizades com pessoas que têm como país de origem o Brasil (65,9%), no entanto a maior parte deste grupo é também brasileira. E seguidamente essencialmente com pessoas PALOP's (Angola 28,1%, Cabo Verde 46,9%, Moçambique 18,8%). Dentro da FCSH a quota alcançada é de 81,3% para os amigos portugueses e fora de 83,9% o que representa as quotas mais elevadas no país de origem dos amigos apontados. De resto a situação que se nos defronta fora da FCSH é semelhante com a escolha preponderante de amigos com 80,6% de origem brasileira. (tabela 2.4.8 e tabela 2.4.9 anexo)

O grupo asiático, constituído na sua maior parte por alunos chineses da Universidade Dalian mostra também um favoritismo na escolha de amigos chineses dentro da FCSH (65,9%). A sua restante escolha está dispersada pelos restantes grupos, embora fosse nesta altura talvez de interesse acentuar, que são precisamente os alunos chineses, que alcançam uma das menores quotas de escolha pelos outros grupos de países de origem. Também a sua escolha de amigos com origem portuguesa alcança só uma quota de 61,0% dentro de FCSH e 67,5% fora da FCSH, onde as escolhas de amigos de resto se evidencia semelhante. (tabela 2.4.8 e tabela 2.4.9 anexo)

Finalmente o grupo europeu escolhe os seus amigos dentro da FCSH com diversidade, embora haja uma pequena preferência pelos de origem brasileira (44,7%) e de certo em especial pelos portugueses com 87,2% . Também fora da FCSH são os portugueses

os mais indicados com 83,0%, seguidos por aqueles com origem brasileira (46,8%) e os de origem espanhola (42,6%). . (tabela 2.4.8 e tabela 2.4.9 anexo)

5.3.3 Pertença a um círculo de amigos

Depois do tamanho de rede de amizade e os países de origem dos amigos terem sido foco da minha análise, neste parágrafo vou-me primeiramente concentrar na observação da pertença a um círculo de amigos, visto que tal pode estar em conexão com a formação de relações de amizade e deste modo apontar para a sociabilidade (Haug 2003:129), e seguidamente vou examinar quais os países de origem da maioria dos membros do círculo de amigos.

As perguntas feitas acerca do encastramento social em grupos são:

“Faz parte de um círculo de amigos dentro da FCSH⁹, onde todos se conhecem?” e
“Faz parte de um círculo de amigos fora da FCSH¹⁰, onde todos se conhecem?”

Fora da FCSH 76,1% pertencem a um círculo de amigos, isto representa ca 11% mais que dentro da FCSH em que só é atingida uma quota de 65,3%.

Pertença a um círculo de amigos por grupos de países de origem

Se compararmos os grupos de países de origem, pode-se verificar que a quota daqueles que têm um círculo de amigos na faculdade entre os inquiridos com um país de origem europeu é com 80,9% a maior, entre os inquiridos de países de origem africanos ela é de 71,2%. Percentagens ainda mais baixas podem ser observadas entre os inquiridos dos países de origem norte-/sul-americanos (57,1%) e em especial entre os questionados dos países de origem asiáticos com 45,5%. Segundo o teste chi² (p=0,002) pode-se pois afirmar que os estudantes provenientes de diferentes grupos

⁹ Quer dizer um círculo de amigos composto na sua maior parte por estudantes da FCSH

¹⁰ ou seja um círculo de amigos, que nada têm a ver com a FCSH

de países de origem se diferenciam também na pertença à um círculo de amigos, pelo menos em relação a um círculo de amigos dentro da FCSH. (Tabela 2.5.0 anexo)

Enquanto entre os estudantes da América do Norte/Sul, da África e da Europa a quota, daqueles que têm um círculo de amigos fora da FCSH (equivalentemente a 85,7%, 81,3%, 82,4%) é semelhante, esta está muito abaixo da média entre os estudantes do grupo asiático. ($p=0,000$) (Tabela 2.5.0 anexo)

Comparando com as percentagens alcançadas dentro da faculdade é visível, que para todos os países a quota dos inquiridos pertencentes a um círculo de amigos é maior fora do que dentro da FCSH, embora estas diferenças variem de grupo para grupo. Assim enquanto no grupo europeu a diferença é pouco significativa, no grupo sul-norte-americano é muito maior.

Pertença a um círculo de amigos por dupla nacionalidade (tabela 2.5.1 anexo)

Tendo em conta os estudantes estrangeiros com dupla nacionalidade, sendo uma delas a portuguesa, e aqueles sem dupla nacionalidade, reparamos que entre os primeiros a quota dos inquiridos que fazem parte a um círculo de amigos dentro da FCSH é com 82,7% muito maior que a dos estudantes sem dupla nacionalidade de 56,0%. Segundo o Fisher's Exact Test ($p=0,001$) as variáveis "dupla nacionalidade" e "pertença a um círculo de amigos dentro da FCSH" são dependentes enquanto fora não mostram dependência ($p=0,131$).

Pertença a um círculo de amigos por ascendência lusófona (Tabela 2.5.2 anexo)

Focando a ascendência lusófona, 78,6% dos estudantes estrangeiros com ascendência lusófona têm um círculo de amigos dentro da FCSH enquanto entre os estudantes sem ascendência lusófona a quota é só de 58,8%. Fisher's Exact test=0,006 indica-nos uma dependência entre a ascendência lusófona e a pertença a um círculo de amigos dentro da FCSH, o mesmo não acontece fora da FCSH ($p=0,854$).

Pertença a um círculo de amigos por idade de chegada a Portugal (Tabela 2.5.3 anexo)

A percentagem daqueles que dentro da faculdade fazem parte de um círculo de amigos é entre os estudantes que chegaram a Portugal com uma idade inferior a 18 anos com um valor de 80,3% maior do que a dos estudantes com uma idade de chegada a Portugal de 18 ou mais anos com 57,0%. (Fisher's Exact test=0,001)

Fora da FCSH pode-se observar que 90,3% dos estudantes com idade de chegada inferior a 18 anos e só 68,2% dos estudantes com idade de chegada igual ou maior de 18 anos, têm um círculo de amigos. (Fisher's Exact test=0,000)

Em ambos os casos a idade de entrada em Portugal é determinante para a pertença a um círculo de amigos.

Pertença a um círculo de amigos por duração de estadia em Portugal (Tabela 2.5.4 anexo)

Se comparamos os estudantes conforme os seus escalões de estadia, reconhecemos que a maior quota daqueles que fazem parte de um círculo de amigos é, com 85,1%, aquela alcançada pelos estudantes estrangeiros com uma duração de estadia de 4 a 11 anos. Uma quota mais baixa, contudo acima da média (79,6%), atingem os estudantes com uma duração de estadia de 12 ou mais anos. Os grupos de um a três anos de estadia e menos que um ano, têm valores abaixo da média, respectivamente 55%, 53,8%.

Parece que os estudantes estrangeiros que estão há mais tempo em Portugal têm uma maior tendência em pertencer a um grupo de amigos dentro da FCSH. ($p=0,003$)

A quota daqueles que pertencem a um círculo de amigos também é fora da faculdade, mais elevada entre os estudantes que têm uma estadia superior a 4 anos: Estadia para cima de 12 anos 89,4%, estadia de 4 a 11 anos 85,1, estadia a um a três anos 66,7%, estadia inferior a um ano 65,4% ($p=0,007$).

Pertença a um círculo de amigos por habilitações linguísticas (falar) (Tabela 2.5.5 anexo)

A percentagem daqueles que têm na FCSH um círculo de amigos é entre os estudantes que falam bem ou muito bem português (68,4%) e entre os que falam suficientemente bem (60,0%) maior do que entre os que falam mal ou muito mal português (12,5%).

Fora da FCSH encontra-se a maior quota daqueles que pertencem a um círculo de amigos no grupo dos estudantes com habilitações linguísticas (falar) boas ou muito boas, enquanto as quotas nos outros dois grupos é muito menor, ou seja regista-se uma quota de 53,3% no grupo de estudantes com habilitações linguísticas suficientes e 50,0% no grupo de estudantes com habilitações más ou muito más.

Pondo em paralelo os valores obtidos dentro e fora da FCSH, é evidente que embora as percentagens de estudantes que fazem parte dum círculo de amigos sejam fora, mais altas nos grupos dos inquiridos que falam bem ou muito bem e mal ou muito mal, no grupo dos inquiridos que falam suficiente o valor é ligeiramente mais alto dentro da FCSH.

Resumindo é de destacar que tanto fora como dentro da FCSH as habilitações linguísticas são significantes para a pertença a um círculo de amigos. (Dentro: V de Cramer=0,236;p=0,005/Fora: V de Cramer=0,268;p=0,001)

Pertença a um círculo de amigos por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH (Tabela 2.5.6 anexo)

Observa-se que quanto melhor é julgada a disposição dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH, tanto maior a quota dos estudantes estrangeiros a fazer parte dum círculo de amigos. Assim pode ser registada uma quota de 79,0% no grupo dos estudantes que avaliam a disponibilidade dos portugueses como boa ou muito boa, uma de 56,6% no grupo dos estudantes que a avalia de suficiente e uma de 48,7% para aqueles que a acham má ou muito má.

Segundo o teste χ^2 ($p=0,001$) as variáveis disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH e a pertença a um círculo de amigos são dependentes.

5.3.4 País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos

Para analisar o país de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos foram postas as seguintes perguntas:

“A que país de origem pertence a maioria dos membros do seu círculo de amigos dentro da FCSH¹¹?” e “A que país de origem pertence a maioria dos membros do seu círculo de amigos fora da FCSH¹²?”

Categorias de resposta foram: Na maioria pessoas do mesmo país de origem./Na maioria portugueses./Na maioria pessoas doutros países de origem.

A maioria dos estudantes (59,8%) que têm um círculo de amigos dentro da FCSH, dizem que esse círculo é constituído maioritariamente por membros portugueses. 26,0% indica, que no seu círculo de amigos a maioria dos membros são do seu país de origem e meramente 14,2% afirma que os membros do seu círculo de amigos são de outros países.

Fora da FCSH 45,0% dos inquiridos faz parte dum círculo de amigos constituído na sua maioria por portugueses, 40,4% pertence a um círculo de amigos formado especialmente por pessoas do país de origem e 14,6% são membros dum círculo de amigos com elementos de outros países.

Confrontando a situação dentro e fora da FCSH, podemos concluir que o círculo cujos membros são na sua maioria portugueses, é dentro da FCSH maior do que fora, por sua vez o círculo cujos elementos na maioria provêm do país de origem, é mais pequeno dentro do que fora da FCSH e aquele em que na sua maior parte é formado por pessoas de outros países é tanto dentro como fora o mais pequeno.

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por ciclo de estudo (Tabela 2.6.0 anexo)

¹¹ ou seja um círculo de amigos a que pertencem na maioria estudantes da FCSH

¹² ou seja um círculo de amigos a que pertencem na maioria pessoas que nada têm a ver com a FCSH

A maior parte dos estudantes de licenciatura, ou seja 69,1 % que têm um círculo de amigos dentro da FCSH diz, que ele é constituído na sua maioria por portugueses e só 20,2% afirma pertencer a um círculo de amigos cujos membros com pessoa são em maior número do país de origem. Uma situação diferente é observada entre os alunos de mestrado e doutoramento, assim enquanto 42,4% têm um círculo de amigos principalmente formado por pessoas do país de origem, só 33,3% fazem parte dum círculo de amigos com elementos essencialmente portugueses. A quota daqueles que estão integrados num círculo de amigos cujos membros são pessoas de outros países é maior entre os estudantes da Pós-Graduação (24,2%) do que entre os de licenciatura (10,6%).

Existe uma associação significativa entre as variáveis “ciclo de estudo” e “país de origem da maioria dos membros do círculo de amigos” (V de Cramer=0,321;p=0,001).

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por grupos de países de origem (Tabela 2.6.1 anexo)

Comparando os grupos de países de origem pode-se observar que a quota daqueles que têm na FCSH um círculo de amigos constituído na maioria por portugueses é maior com 84,2% entre os estudantes do grupo de países de origem europeus, e seguidamente com 73,7% entre os estudantes norte-/sul-americanos. Só 50% dos africanos e até somente 25% dos asiáticos fazem parte dum círculo de amigos cuja maioria é portugueses.

Este esquema parece dar uma reviravolta, quando observamos que as percentagens daqueles que pertencem a um círculo de amigos constituído principalmente por compatriotas, são entre os asiáticos de 70,0%, entre os africanos de 30%, entre os sul-/norte-americanos 15,8% e entre os europeus meramente de 2,6%.

A pertença a círculo de amigos na sua maioria com pessoas de outros países têm uma quota de 20% entre os africanos, 13,2% entre os europeus, 10,5% entre os sul-/norte-americanos e somente 5,0% entre os asiáticos.

Existe uma associação significativa entre as variáveis “Grupo de países de origem” e “país de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro da FCSH”, pois o coeficiente de V de Cramer monta a um valor de 0,375. ($p=0,000$)

Ao mesmo tempo fora da FCSH têm um círculo de amigos maioritariamente portugueses, 66,7% dos europeus, 58,6% dos sul-/norte-americanos, 39,1% dos asiáticos e só 26,7% dos africanos. A um círculo de amigos constituído no seu maior número por compatriotas pertencem 58,3% africanos, 47,8% asiáticos, 27,6% norte-sul americanos e somente 17,9% europeus. A quota dos inquiridos que fazem parte dum círculo de amigos cujos membros são na maioria de outros países é entre todos os grupos de países de origem semelhante (AF:15%, EU:15,4%, AS:13%, SNA:13,8%). (V de Cramer=0,264; $p=0,002$)

Se pusermos em paralelo os valores obtidos fora e dentro da FCSH chegamos à conclusão, que os estudantes asiáticos são uma exceção, porque a quota daqueles que têm um círculo de amigos constituído maioritariamente por portugueses é mais elevada dentro do que fora da FCSH para todos os grupos (africanos, europeus, norte-/sul-americanos), mas para eles, os asiáticos, mais baixa. Além disso a quota dos inquiridos integrados num círculo de amigos, formado essencialmente por compatriotas é para todos os grupos (africanos, europeus, norte-/sul-americanos) mais baixa dentro da FCSH do que fora, enquanto os asiáticos apresentam uma percentagem mais elevada dentro do que fora.

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por dupla nacionalidade (Tabela 2.6.2 anexo)

Visando os estudantes com nacionalidade dupla, sendo uma delas a portuguesa, e os estudantes sem nacionalidade dupla. É notável, que entre os inquiridos com dupla nacionalidade a quota de inquiridos com um círculo de amigos especialmente portugueses é de 83,3%, enquanto o valor atingido pelos inquiridos sem dupla nacionalidade é só de 42,6%. Por outro lado a quota dos questionados que pertencem a um círculo de amigos cujos elementos são principalmente compatriotas é entre os estudantes sem nacionalidade dupla com 41,2% muito maior do que o valor entre os

estudantes com dupla nacionalidade com 7,1%. Os valores referentes à pertença a um círculo de amigos de pessoas essencialmente de outros países são para os estudantes sem dupla nacionalidade com 16,2% ligeiramente mais elevados do que entre os estudantes com nacionalidade dupla de 9,5%.

Entre as variáveis “Dupla nacionalidade” e “país de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro da FCSH” existe segundo o coeficiente de V de Cramer ($=0,415$; $p=0,000$) uma associação significativa.

Fora da FCSH a situação é idêntica, assim também é entre os estudantes sem nacionalidade dupla que a quota da pertença a um círculo de amigos, especialmente do país de origem é mais alta com 50,6% do que entre os estudantes com nacionalidade dupla com 20,9% e vice-versa em relação à quota de pertença a um círculo de amigos, na sua maioria constituído por portugueses, que regista 65,1% entre os estudantes com nacionalidade dupla e só 36,0% sem ela. Referentemente à integração num círculo de amigos doutros países a quota é quase igual para ambos os grupos (Sem=13,5%, Com=14,0%).

A associação entre as variáveis (V de Cramer=0,297) “dupla nacionalidade” e “país de origem da maioria de membros do círculo de amigos fora da FCSH” é mais fraca do que entre a “dupla nacionalidade” e “país de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro da FCSH”. ($p=0,003$)

Comparando os valores fora e dentro da faculdade, observamos que ambos os grupos tendem a pertencer a um círculo de amigos portugueses, mais dentro da FCSH do que fora, e a um círculo de amigos compatriotas, mais fora do que dentro da FCSH

.

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por ascendência portuguesa (Tabela 2.6.3 anexo)

Observando os estudantes com e sem ascendência lusófona notamos o facto de que é precisamente entre os inquiridos com ascendência lusófona, que há uma quota de pertença a um círculo de amigos essencialmente portugueses maior (79,2%) que aquela atingida (50%) entre os inquiridos sem ascendência lusófona. Em contrapartida, a quota dos questionados que têm um círculo de amigos principalmente constituído

por compatriotas, é mais alta no grupo daqueles sem ascendência lusófona (30,3%) e mais baixa entre os estudantes com ascendência portuguesa (11,3%). Também a taxa da pertença a um grupo de amigos com elementos de outros países é mais alta entre os estudantes sem ascendência (19,7%) do que com ela (9,4%). Portanto parece que os estudantes com ascendência portuguesa tendem mais fortemente a juntar-se com portugueses num círculo de amigos dentro da FCSH.

Há uma associação significativa (V de Cramer=0,302; $p=0,004$) entre as variáveis “ascendência portuguesa” e “país de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro da FCSH”.

Fora da FCSH entre os estudantes sem ascendência portuguesa há uma maior tendência em pertencer a um círculo de amigos compatriotas (48,3%) do que a um círculo de portugueses (32,6%). Em contrapartida entre os estudantes com ascendência lusófona a quota de pertença a um círculo de amigos é mais alta com portugueses (67,3%) do que com compatriotas (23,6%). (V de Cramer=0,338; $p=0,000$)

Comparando o comportamento de ambos os grupos dentro e fora da FCSH destaca-se que a taxa de pertença a um círculo de amigos maioritariamente portugueses diminui especialmente entre os estudantes sem ascendência lusófona e aumenta mais notavelmente entre estes, no que diz respeito a um círculo de amigos constituído principalmente por compatriotas.

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por Idade de chegada a Portugal (Tabela 2.6.4 anexo)

Focando os escalões etários de chegada a Portugal para tentar observar relações com a pertença a um círculo de amigos dentro da FCSH verificamos, que os estudantes com uma idade de chegada inferior a 18anos juntam-se sobretudo a um círculo de amigos na sua maior parte de portugueses (80,4%) enquanto só 8,9% fazem parte dum círculo de amigos compatriotas. Entre os estudantes com idade de chegada de 18 ou mais anos, a quota da pertença a um grupo de amigos é muito semelhante seja este grupo formado por portugueses (43,7%) ou por pessoas do país de origem (39,4%). A

associação entre as variáveis é significativa, assim o coeficiente de Cramer V monta a um valor de 0,388 ($p=0,000$).

Fora da FCSH enquanto o grupo de estudantes com uma idade de chegada inferior a 18 anos a quota de pertença a um círculo de amigos portugueses com 57,8% é maior que aquela obtida em relação a um grupo de pessoas compatriotas 23,4%, os estudantes com uma idade de chegada de 18 anos ou superior pelo seu lado atingem uma quota mais elevada na posse dum círculo de amigos compatriotas (52,9%) e menor com um círculo de amigos portugueses (35,6%). (Cramer's $V=0,296, p=0,001$)

Confrontando os valores dentro e fora da FCSH é notório, que em ambos os casos as percentagens de pertença a um grupo de amigos portugueses na sua maioria é mais elevada dentro da FCSH e as percentagens de pertença a um grupo com pessoas do país de origem por sua vez mais elevada fora da FCSH.

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por duração de estadia em Portugal (Tabela 2.6.5 anexo)

A quota daqueles que pertencem na FCSH a um grupo de amigos, cujos membros na sua maior parte são portugueses é entre os estudantes, que estão em Portugal há mais do que 4 ou mais anos, é mais elevada (4-11 anos:66,7%, 12 ou mais anos:81,3%), enquanto esta quota entre os estudantes com uma estadia mais curta é menor (menos de um ano: 42,9%,1-3 anos:42,9%). A situação é oposta em relação à percentagem daqueles que fazem parte dum círculo de amigos compatriotas, é com menos de um ano 50,0%, com um a três anos 38,1%, de 4 a 11 anos 20,5%, com ou maior que 12 anos 6,3%). (V de Cramer 0,262, $p=0,008$)

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por planos migratórios depois de completar os estudos (Tabela 2.6.6 anexo)

A percentagem daqueles que dentro da FCSH pertencem a um círculo de amigos, formado principalmente por compatriotas é maior com 50,0% entre os estudantes que tencionam voltar ao país de origem. A quota é de 18,2% entre aqueles que planeiam

ficar em Portugal, de 16,3% entre os inquiridos que ainda não sabem quais os seus planos migratórios e de 0% entre os que pretendem imigrar para outro país.

Em relação à quota dos inquiridos que fazem parte de um círculo de amigos constituído na maioria por portugueses, a menor regista-se com 37,0% entre os estudantes que pretendem voltar ao seu país de origem e a maior com 81,8% entre os alunos que tencionam ficar em Portugal. Esta quota monta a 68,4% entre os que pensam em imigrar para outro país e a 72,1% entre aqueles que ainda não sabem quais os seus planos.

É interessante observar que a quota daqueles que pertencem a um círculo de amigos com elementos de outros países, é entre os que planeiam ficar em Portugal de 0%, entre os que tencionam voltar ao seu país de origem de 13,0%, entre os que não sabem os planos migratórios futuros de 11,6% e entre os que projectam imigrar para outro país de 31,6%.

O coeficiente de V de Cramer tem um valor de 0,346, existe portanto uma associação significativa entre as variáveis em análise. (Teste χ^2 : $p=0,000$)

Fora da FCSH os que pretendem ficar em Portugal obtêm uma quota de 42,9%, os que tencionam regressar ao seu país de origem 58,8%, os que planeiam imigrar para outro país 27,3%, os que ainda não sabem 25,5%, na pertença a um círculo de amigos compatriotas.

Entre os que têm um grupo de amigos na maior parte de portugueses a quota é de 50,0% para os que ficam em Portugal, 31,4% para os que voltam, 50,1% para os que imigram para outro país, 66,8% para os que ainda não sabem.

O coeficiente de V de Cramer está neste âmbito um pouco mais fraco e monta a 0,235. (Teste χ^2 : $p=0,018$)

Confrontando os valores obtidos dentro e fora da FCSH, pode-se reconhecer que a tendência de todos os grupos de ter um círculo de amigos maioritariamente português se destaca especialmente dentro da FCSH, enquanto que a inclinação a pertencer a um círculo de amigos formado fundamentalmente por compatriotas, é mais notória fora da FCSH. Especialmente marcante é esta diferença nos grupos de alunos que pretendem ficar em Portugal ou voltar para o país de origem.

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por habilitações linguísticas (Falar) (Tabela 2.6.7 anexo)

Considerando as habilitações linguísticas (falar) há que notar que o escalão muito mal/mal está sub-representado com um único estudante e por isso fica neste caso fora da análise.

A quota mais alta de pertença a um círculo de amigos na maioria portugueses é tida entre os estudantes que falam bem ou muito bem português (66,0%), os que falam suficientemente bem atingem 22,2%. Em contrapartida, no que diz respeito à pertença a um círculo de amigos formado primariamente por pessoas do país de origem é entre os estudantes com habilitações suficientes que uma quota de 61,1% é atingida. Entre os estudantes que falam bem ou muito bem português ela é só de 20,4%. A pertença a um círculo de amigos com elementos de outros países alcança só 16,7% para o escalão suficiente e 13,6% para o escalão bom/muito bom. (V de Cramer=0,265, p=0,002)

Fora da FCSH as variáveis são segundo o teste χ^2 p=0,532 independentes.

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH (Tabela 2.6.8)

Enquanto entre os estudantes que avaliam a disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH, como bom ou muito bom só alcançam uma taxa de 11,5% para a pertença a um círculo de amigos compatriotas, os que a acham suficiente têm uma taxa de 44,8% e os que a ajuízam de mal ou muito mal, uma de 55,6%. A quota da pertença a um círculo de amigos constituído na maioria por portugueses cresce em paralelo com uma melhor avaliação (Muito mal/mal:16,7%, Suficiente: 34,5%, Bom/muito bom:79,5%). Notável é também que os valores da pertença a um círculo de amigos com elementos provenientes de outros países decrescem conforme uma melhor avaliação (Muito mal/mal:27,8%, Suficiente 20,7%, Muito bom/bom:9,0%).

Segundo o coeficiente de V de Cramer =0,373 existe uma associação significativa entre as variáveis em análise. (Teste χ^2 :p=0,000)

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por existência de muitos estudantes com o país de origem dentro da FCSH (Tabela 2.6.9 anexo)

Mais de metade (57,6%) dos estudantes que têm muitos compatriotas na FCSH faz parte de um círculo de amigos formado essencialmente por pessoas do seu país de origem. A quota de participação a um círculo de amigos com elementos maioritariamente do país de origem é mais baixa entre os estudantes que têm mais ou menos compatriotas na FCSH com 28,9% e entre os estudantes que não têm muitas compatriotas na FCSH, com meramente 2,9%.

Quanto menos compatriotas presentes na FCSH, tanto mais os estudantes estrangeiros tendem a pertencer a um círculo de amigos portugueses. (Não muitos compatriotas:82,9%, Mais ou menos: 55,6%, Muitos: 30,3%)

Na categoria de círculo de amigos de outros países as quotas para todos os três grupos é semelhante. (Não muitos compatriotas:14,3%, Mais ou menos: 15,6%, Muitos: 12,1%)

As variáveis em análise estão significativamente associadas (V de Cramer= 0,399; teste $\chi^2=0,000$)

País de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos por existência de comunidade étnica (Tabela 2.7.0)

No caso de fazer parte duma comunidade étnica registamos uma quota na pertença a um círculo de amigos formado essencialmente por portugueses, maior dentro da FCSH (56,8%) do que fora (34,0%) e uma quota mais elevada (58,0%) na posse dum círculo de amigos compatriotas fora da FCSH do que dentro (27,0%).

CONCLUSÃO

Chegámos à altura de voltar a colocar a pergunta: Até que ponto a faculdade como espaço social, tem um impacto significativo no alcance de relações interétnicas pelos alunos estrangeiros, ou seja em práticas de relacionamento destes com os demais estudantes de origem portuguesa.

Depois de uma análise pormenorizada dos padrões de relacionamento (contactos quotidianos e redes de amizade feitos com membros do país de origem, de outros países e com portugueses), é de relevo lembrar que os contactos e as amizades com portugueses e a pertença a um círculo de amigos compostos na sua maioria de portugueses são vistos como indicadores da integração social, tendo em conta que o capital social específico do país de acolhimento disponível através deste encastramento é condição necessária para uma integração geral bem-sucedida.

Os resultados das análises bivariadas deixam-nos chegar às seguintes conclusões acerca das determinantes, que apontam para uma integração social dos estudantes estrangeiros dentro da FCSH:

As determinantes: **estudante/estudante trabalhador, duração de ocupação, género, idade, estado civil e religião** não foram significativas para a análise.

Grupos de países de origem: Os grupos de países de origem africanos, europeus e norte-/sul- americanos indicaram uma maior frequência de contacto com portugueses dentro da FCSH, enquanto o grupo asiático mostrou uma maior frequência de contacto com pessoas do país de origem.

Também no que diz respeito a amizades dentro da FCSH, os três primeiros grupos mostram uma maior tendência em travar amizades com portugueses, muito embora no grupo africano se acentue também uma preferência pelos PALOP's. O grupo asiático neste âmbito inclina-se a ter ligeiramente mais amigos chineses. Parece não haver tendencialmente homofilia mas sim multiculturalismo, visto que em todos os

grupos de países de origem indicaram em média pelo menos três países de origem dos amigos.

A pertença a um círculo de amigos na sua maioria portugueses não só confirma as afirmações anteriormente feitas em relação às amizades, como intensifica no caso asiático as suas ligações mais fortes com o país de origem.

Uma maior frequência de contacto com portugueses, um número médio de amigos mais elevado, amizades mais frequentes com portugueses, uma pertença a um círculo de amigos e uma pertença a um círculo de amigos maioritariamente formado por membros portugueses estão implicadas com:

A dupla nacionalidade:

Já Esser (2001:9) apontou a importância de “Plazierung” ou seja a concessão de certos direitos ao indivíduo, tal como a nacionalidade no processo de integração. Tendo em mente as condições que são necessárias para obter o estatuto de cidadania, fica bem realçada a interdependência ascendência portuguesa, duração de estadia e o acesso à nacionalidade. Malheiros (2011:48) “...a posse de uma situação de cidadania plena é uma condição inerente à integração...”. Isto é um facto inerente da minha análise bivariada.

A ascendência portuguesa:

Esser (2001:8) tinha distinguido duas formas de “Kulturation”. A “Enkulturation” significa a “Kulturation “ das pessoas no início da sua vida, assim os estudantes estrangeiros com ascendência lusófona tiveram já contacto com a cultura portuguesa através de uma ou ambas as partes paternas. Segundo Haug (2005:81) eles aprendem normas étnico-culturais específicas do país de acolhimento no decorrer da socialização que lhes facilitará o travar de relações com portugueses. Portanto eles além de herdarem a sua ascendência lusófona também herdam o capital social do país de acolhimento e deste modo um potencial mais elevado de integração social. Será de apontar a possível interdependência entre as habilitações linguísticas, neste caso provavelmente já adquiridas, o conhecimento das regras mais importantes para situações típicas, obtidas através duma educação talvez parcialmente lusófona e a

ascendência. Segundo a análise bivariada a ascendência empenha um papel positivo para a integração social.

As habilitações linguísticas:

Competências e habilitações linguísticas constituem um capital humano e uma vertente fundamental para a integração na medida em que são a base para uma acção e interacção bem-sucedida. (Esser 2000:207). Quanto maior o domínio da língua portuguesa, tanto maior a possibilidade de se integrar socialmente, ou seja ter contactos e amizades com portugueses. Vice-versa são precisamente estes contactos o melhor meio para adquirir o conhecimento da língua. A direcção destes efeitos causais não pode ser aqui determinada.

Idade de chegada a Portugal:

A idade de entrada constitui uma determinante para a integração como Esser (2001:9) acentua, quando aponta a “Akkulturation” tardia a um novo ambiente social como um processo tanto mais difícil, quanto mais tarde ele ocorrer depois da “Enkulturation”. Também a minha análise provou que é com uma idade inferior a 18 anos que se nota uma maior tendência de sociabilidade e relacionamento com os nativos.

Disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH:

Segundo Esser (2001:11) para a formação de interacções socio-integrativas é preciso que haja a disponibilidade e as aptidões dos outros respectivos actores, também aceitarem as respectivas ofertas de amizade. A dimensão de tolerância e a ausência de distâncias sociais por parte dos membros do país de acolhimento são pontos importantes para integração social dos imigrantes.

A duração de estadia:

A significância desta determinante é verificada especialmente nas categorias de duração superior a quatro anos, sendo a integração social um fenómeno de encastramento, ou seja de aprendizagem de recursos que são necessários para os contactos interétnicos.

Planos migratórios depois de completar os estudos

A intenção inicial de permanência ou retorno é um factor chave para a motivação individual e para o sucesso da integração. (Diehl, Preisendörfer 2007:5). Segundo Esser (2001:21) no caso da estadia de curto prazo ou limitada no tempo, só são feitos os investimentos interétnicos considerados necessários para a finalidade de estadia. Assim uma estadia de longo prazo constitui uma condição primária para uma integração social eficaz. Nesta determinante não pode ser observada uma diferença significativa no número médio de amigos, frequência de contacto com portugueses e pertença a um círculo de amigos.

Como já foi afirmado contactos e amizades com portugueses, pertença a um círculo de amigos composto na sua maioria por portugueses, são vistos como indicadores da integração social, uma vez que é através deles que se podem adquirir os recursos úteis ou até necessários para a integração geral no país de acolhimento. A dupla nacionalidade portuguesa, a ascendência lusófona, uma idade de chegada a Portugal inferior a 18 anos, uma melhor disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH, melhor habilitações linguísticas e uma maior duração de estadia contribuem tendencialmente para uma maior sociabilidade e para laços mais fortes em forma de contactos quotidianos frequentes, amizades e pertença a um círculo de amigos com portugueses.

Seguidamente vamo-nos concentrar nos resultados da análise bivariada, na **comparação dos padrões de relacionamento dentro e fora da FCSH** para tentar elucidar o papel da FCSH na integração social dos estudantes estrangeiros. Para este fim foi feito um quadro comparativo (quadro 3.0) com a intenção de facilitar uma visão geral sobre os dados de variáveis mais significativos, obtidos dentro e fora da FCSH. De um modo muito breve pode-se afirmar, que as frequências de contacto com portugueses são quase para todas as categorias mais intensivas dentro da FCSH. Enquanto a posse de amigos portugueses é semelhante dentro e fora da FCSH, a pertença a um círculo de amigos maioritariamente português destaca-se mais dentro que fora da FCSH. Também tinha sido analisado o número médio de amigos e a

perença a um círculo de amigos mas na medida, em que penso serem estes dados mais importantes para a avaliação de sociabilidade, não os considere para estes fins.

Lembrando Bourdieu (1983:190) ele define o capital social como o conjunto de recursos, efectivos e potenciais relacionados com a posse de uma rede durável de relações de interconhecimento e reconhecimento, ou seja recursos que têm como base a pertença a um grupo. Tanto ele como outros sociólogos já por mim citados, assim por exemplo Portes (1999:17), compreendem o capital social como um producto do encastramento. Os contactos com membros da sociedade de acolhimento, por assim dizer o encastramento numa rede de relações com nativos, podem ser definidos como capital social específico do país de acolhimento. A composição das redes sociais pode servir como indicador para o "stock" de recursos sociais ou seja "capital de relações" (Esser 2000:241) e base da integração social no país de acolhimento. (Esser 2001:21)

No nosso caso é a FCSH o campo social onde os contactos, amizades e círculo de amigos tomam lugar e onde se realiza um intercâmbio de capital social, através dos laços tendencialmente mais fortes, tomando em conta a frequência do contacto, possibilitando a aquisição de um capital social específico do país de acolhimento. Isto permite-me em certa medida afirmar que a FCSH contribui por isso para a integração social dos estudantes estrangeiros.

Quadro 3.3 - Panorama da comparação dos resultados bivariadas dentro e fora da

FCSH

	Frequência de contactos com portugueses dentro da FCSH	Amigos portugueses dentro da FCSH	Pertença a um círculo de amigos maioritariamente português dentro da FCSH
Em total:	+	=	+
Grupos de países de origem:			
África	+	+	+
Europa	+	-	-
Ásia	+	=	+
Sul-/Norte- América			
Dupla Nacionalidade:			
Com	+	=	+
Sem	+	=	+
Ascendência Portuguesa:			
Com	+	+	+
Sem	=	=	+
Idade de chegada a Portugal:			
<18anos	+	+	+
≥18anos	+	=	+
Duração de estadia:			
<1ano	+	-	=
1-3anos	+	=	+
4-11anos	+	+	+
≥12anos	+	=	+
Habilitações linguísticas (falar):			
Muito mal/mal	=	-	-
Suficiente	+	=	+
Bom/Muito bom			
Planos migratórios depois de completar os estudos:			
Ficar em Portugal	+	+	+
Voltar ao país de origem	+	-	+
Imigrar para outro país	+	+	+
Ainda não sabe			
Pertença a comunidade étnica existente:			
Sim			+

*categoria não considerada por sub-representação; + significa maior do que fora da FCSH; - significa menor do que fora da FCSH; = significa igual ou muito semelhante dentro e fora da FCSH

BIBLIOGRAFIA:

Beer, M.; Liebe, U.; Haug, S.; Kropp P.(2002): „Ego-zentrierte soziale Netzwerke beim Berufseinstieg. Eine Analyse der Homophilie, Homogenität und Netzwerkdichte anhand der Leipziger Absolventen der Fakultät für Sozialwissenschaften und Philosophie“, Leipzig: Arbeitsbericht des Instituts für Soziologie. *In: Haug, S. (2003): p.113*

Bierschock, Kurt P. (1996): „Familien und soziale Netzwerke: methodologische Überlegungen zu den Beziehungen zwischen Familien unterschiedlicher ethnischer Herkunft“; Quelle: Staatsinstitut für Familienforschung an der Universität Bamberg - ifb-; [Forschungsbericht]; *disponível online: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-116829> [Consult. 10.9.2010]*

Bourdieu, P. (1980): „Le capital social. Notes provisoires“; Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 31, 2-3. *In: Portugal, S. (2007): p.17*

Bourdieu, P. (1983): „Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital“. *In: Kreckel, Reinhard (Hg.): Soziale Ungleichheiten, Göttingen, Soziale Welt Sonderband 2, p.183-198.*

Bourdieu, P. (1985): „The forms of capital“. In Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education, ed. JG Richardson, New York: Greenwood. pp. 241-58. *In: Portes, A. (1998): p.3*

Brosius, F. (2010): „SPSS 18 für Dummies“. WILEY-VCH Verlag GmbH & Co. KGaA, Weinheim

Burt, R. (1992): „Structural Holes. The Social Structure of Competition“, Cambridge: Harvard University Press. *In: Haug, S. (1997): p. 13*

Coleman, J. (1988): „Social Capital in the Creation of Human Capital“, in: American Journal of Sociology, 94 Supplement, p.95-p.120.

Coleman, J.S. (1990): „Foundations of Social Theory“. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press. *In: Portugal, S. (2007): p. 18*

Coleman, J.S. (1991): „Grundlagen der Sozialtheorie“, Band 1: Handlungen und Handlungssysteme; München: Oldenbourg. *In: Haug, S. (2003): p. 98*

Degenne, A.; Forsé, M. (1994): „Les réseaux sociaux“; Paris: Armand Colin. *In: Portugal, S. (2007): p.7*

Dekker, P. (2004): „Social Capital of Individuals: Relational Asset or Personal Quality“, in Sanjeev Prakash; Per Selle (orgs.): “Investigating Social Capital. Comparative Perspectives on Civil Society, Participation and Governance”, New Delhi: Sage, pp.88-110. *In: Portugal, S. (2007): p. 20*

Diehl, C.; Preisendörfer, P. (2007): “Gekommen um zu bleiben? Bedeutung und Bestimmungsfaktoren der Bleibeabsicht von Neuzuwanderern in Deutschland”, Soziale Welt 58 S. 5 – 28; *disponível online: http://www.soziale-welt.nomos.de/fileadmin/soziale-welt/doc/Aufsatz_SozWelt_07_01.pdf*[Consult. 12.9.2010]

Diekmann, A. (1993): „Sozialkapital und das Kooperationsproblem in sozialen Dilemmata“. Analyse und Kritik 15: 22–35. *In Haug, S.; Pointner, S. (2008): 383*

Esser, H. (1980): „Aspekte der Wanderungssoziologie: Assimilation und Integration von Wanderern, ethnischen Gruppen und Minderheiten; eine handlungstheoretische Analyse. Darmstadt.

Esser, H. (1990): „Interethnische Freundschaften“, in: Esser, Hartmut/Friedrichs, Jürgen (Hg.): Generation und Identität. Theoretische und empirische Beiträge zur Migrationssoziologie, Opladen: Westdeutscher Verlag, 185-206. *In Haug, S. (2003):p.113*

Esser, H. (2000): „Soziologie. Spezielle Grundlagen“, Band 4: Opportunitäten und Restriktionen; Frankfurt/M.: Campus. *In: Haug, S. (2003): p.98*

Esser, H. (2001): „Integration und ethnische Schichtung“, Mannheimer Zentrum für Europäische Sozialforschung (MZES), Arbeitsbericht Nr. 40.

Esser, H. (2003): „What Substance Is There to the term ‘Leitkultur’“. In: R. Cuperus, K. Duffek & J. Kandel (eds.), The Challenge of Diversity. European Social Democracy Facing Migration, Integration and Multiculturalism. Innsbruck etc.: StudienVerlag, pp. 47-58. *In: Michalowski, I.; Snel, E. (2005):p.45*

Esser, H. (2004): „Welche Alternativen zur ‘Assimilation’ gibt es eigentlich?“ In: K. Bade & M. Bommers (eds.), Migration – Integration – Bildung. Grundfragen und Problembereiche. IMIS-Beiträge 23, pp. 41-59. *In: Michalowski, I.; Snel, E. (2005):p.45*

Esteves, M. C. (1991): “Portugal país de Imigração, Lisboa, Instituto de Estudos para o desenvolvimento”. *In: Paixoto, J. (2004): “País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal”.*

Eve, M. (2002): “Is Friendship a Sociological Topic?” Archives Européennes de Sociologie XLIII(3):386-409. *In: Grätz, T.; Meier, B.; Pelican, M. (2004):” Freundschaftsprozesse in Afrika aus sozialanthropologischer Perspektive. Eine Einführung.”p.11*

Faist, T. (1995): "Sociological Theories of International Migration: The Missing Meso-Link", Paper presented at the Meeting of the Theory Group of Migration and Development (MAD) Project, Hamburg. In: *Haug, S. (1997): p.8, 9*

Faist, T. (1997): „Migration und der Transfer sozialen Kapitals oder: Warum gibt es relativ wenige internationale Migranten?“, in: Pries, Ludger (Hg.): *Transnationale Migration. Soziale Welt, Sonderband 12*, p. 63-84.

Flap, H. (2002): "No Man is an Island." In: *E. Lazega und O. Favereau (Hg.), Conventions and Structures. Oxford: University Press* [primeiro 1995: No Man is an Island. The Research Program of a Social Capital Theory, Workshop on Rational Choice and Social Networks, 26-28.01.1995, Nias, Wassenaar]. In: *Haug, S.; Pointner, S. (2008): p. 369*

Flap, H.; Völker, B. (Hg.) (2003): "Creation and Returns of Social Capital." London: Routledge. In: *Haug, S.; Pointer, S. (2008): p. 367*

Fleuri, R. M. (2005): "Intercultura, Educação e movimentos sociais no Brasil" in Palestra Proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire. *Disponível online: www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf. In: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf> [Consult. 30.8.2011]*

Friedrich, L. (2008): „Wohnen und innerstädtische Segregation von Zuwanderern in Deutschland“. Working Paper Nr. 21, Integrationsreport Teil 4, Nürnberg: Bundesamt für Migration und Flüchtlinge. *Disponível online: <http://www.bamf.de/SharedDocs/Anlagen/DE/Migration/Publikationen/Forschung/WorkingPapers/wp21-wohnen-innerstaedtsche-segregation,templateId=raw,property=publicationFile.pdf/wp21-wohnen-innerstaedtsche-segregation.pdf> [Consult. 12.11.2010]*

Gonçalves, S. (2009): "Internacionalização em casa: a experiência da ESEC", *exedra* (1), Junho 2009, p.139-166. *Disponível online: <http://www.exedrajournal.com> [Consult. 30.8.2011]*

Gordon, M. M. (1964): "Assimilation in American life: the role of race, religion, and national origins". New York, Oxford University Press. In: *Malheiros, J.M. (2011) "Promoção da Interculturalidade e da integração de proximidade"*

Granovetter, M. (1973): "The Strength of Weak Ties", in: *American Journal of Sociology*, 78, 6, p.1360-1380.

Granovetter, M. (1974): "Getting a Job", Cambridge, Mass. In: *Portes, A. (1998): p.12 e Haug, S. (2003): p.98*

Grätz, T.; Meier, B.; Pelican, M. (2004): "Freundschaftsprozesse in Afrika aus sozialanthropologischer Perspektive. Eine Einführung." In: *afrika spectrum* 39 (2004) 1:9-39, Institut für Afrika-Kunde, Hamburg

Hall, S. (2000): „Conclusion: The Multi-cultural Question“ in Hesse, B. (ed.) *Un/settled Multiculturalisms*. Londres, Zed Books. In: *Malheiros, J.M. (2011) "Promoção da Interculturalidade e da integração de proximidade"*.

Haug, S. (1997): „Soziales Kapital: Ein kritischer Überblick über den aktuellen Forschungsstand.“ Mannheimer Zentrum für Europäische Sozialforschung (MZES); Arbeitsbereich II / Nr.15; Mannheim, *disponível online*:
<http://www.mzes.uni-mannheim.de/publications/wp/wp2-15.pdf> [Consult. 30.4.2010]

Haug, S. (2000): „Soziales Kapital und Kettenmigration. Italienische Migranten in Deutschland“, Opladen: Leske + Budrich. In: *Haug, S. (2010): p.14*

Haug, S. (2003): „Die soziale Integration junger italienischer und türkischer Migranten in Deutschland.“ In: Swiaczny, F.; Haug, S. (Hrsg.): „Migration-Integration-Minderheiten“; Materialien zur Bevölkerungswissenschaft Bd. 107, Wiesbaden, p.97-127.

Haug, S. (2004): „Binationale Ehen und interethnische Partnerschaften in Deutschland – Datenlage und Erklärungsfaktoren“, in: Zeitschrift für Familienforschung, 16(3), 305-329. In: *Haug (2010): p.14*

Haug, S. (2006): „Interethnische Freundschaftsbeziehungen und Partnerschaften als Indikator der sozialen Integration“, in: Diskurs Kindheits- und Jugendforschung, 1(1), p.75-91.

Haug, S.; Pointner, S. (2008): „Sozialkapital und Migration“. In: *Franzen, Axel/Freitag, Markus (Hg.): Sozialkapital. Grundlagen und Anwendungen*. In: *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Psychologie, Sonderheft 47, 367-396* *Disponível online*:
http://www.sociologie.uni-koeln.de/fileadmin/user_upload/download/personen/pointner/publikationen/KZSH47_17_Haug.pdf [Consult. 21.4.2010]

Haug, S. (2010): „Interethnische Kontakte, Freundschaften, Partnerschaften und Ehen von Migranten in Deutschland“. WorkingPaper 33, Integrationsreport Teil 7, Nürnberg: Bundesamt für Migration und Flüchtlinge. *Disponível online*:
http://www.bamf.bund.de/cln_180/nn_1026360/SharedDocs/Anlagen/DE/Migration/Publikationen/Forschung/WorkingPapers/wp33-interethnische-kontakte,templateId=raw,property=publicationFile.pdf/wp33-interethnische-kontakte.pdf [Consult. 30.4.2010]

Horstmann, A.; Schlee, G. (2001): „Integration durch Verschiedenheit. Lokale und globale Formen interkultureller Prozesse“. Bielefeld, Transcript. In: *Grätz, T.; Meier, B.; Pelican, M. (2004): "Freundschaftsprozesse in Afrika aus sozialanthropologischer Perspektive. Eine Einführung."* p.24

International Organization for Migration (IOM) (2008): “Student Mobility, Internationalization of higher Education and Skilled Migration”. In: World Migration Report (2008) Managing Labour Mobility in the Evolving Global Economy”; Chapter 4; Switzerland. *Disponível online:*
http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/studies_and_reports/WMR2008/Ch4_WMR08.pdf [Consult. 10.6.2010]

IOM - International Organization for Migration (2010):“World Migration Report (2010): The future of Migration: Building capacities for change”. *Disponível online:*
<http://www.iom.int/jahia/Jahia/world-migration-report-2010> [Consult. 2.7.2010]

Jansen, D. (1999):“ Einführung in die Netzwerkanalyse: Grundlagen, Methode, Anwendungen. Opladen: Leske und Budrich. In: *Haug(2003): p.97, 113*

Klein, T. (2000): „Binationale Partnerwahl – Theoretische und empirische Analysen zur familialen Integration von Ausländern in die Bundesrepublik“. p. 303–346 in: Sachverständigenkommission 6. Familienbericht (Hg.), Familien ausländischer Herkunft in Deutschland. Empirische Beiträge zur Familienentwicklung und Akkulturation, Band 1. Opladen: Leske + Budrich. In: *Haug, S.; Pointner, S. (2008): p.384*

Knight, J. (2004): “Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. Journal of Studies in International Education 8 (1), 5-31. In: *Gonçalves, S. (2009): “Internacionalização em casa: a experiência da ESEC”*

Kuptsch, C. (2003): „Die Migration von Studenten aus Entwicklungs- und Transformationsländern nach Westeuropa: einfache Fahrt oder Hin- und Rückfahrkarte?“; In: „ Brain Drain oder Brain Gain? Die Migration Hochqualifizierter“, Migration and Development, Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH. p. 40-42, *Disponível online:*
<http://www.gtz.de/en/dokumente/gtz2003de-braindrain.pdf> [Consul. 4.12.2010]

Latecheva, R; Obermann, J.; Herzog- Punzenberger, B. (2006):“Between Equal Opportunity and Marginalisation. A Longitudinal Perspective on the Social Integration of Migrants.” New orientations for democracy in Europe; >node< research Austria, bm :bwk April 2006; *disponível online:* http://www.equi.at/dateien/3Endbericht_SiM.pdf [Consult. 10.11.2010]

Lin, N.; Cook, K. ; Burt, R. (Hg.) (2001): “Social Capital: Theory and Research.” New York: De Gruyter. In: *Haug, S.; Pointer, S. (2008), pp. 367*

Lin, N. (2001): “Building a Network Theory of Social Capital”. p. 3–30 in: Nan Lin, Karen Cook und Ronald Burt (Hg.), Social Capital: Theory and Research. New York: De Gruyter. In: *Haug, S.; Pointner, S. (2008): p.369*

Machado, F. L. (2002):“Contrastes e Continuidades — Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal“, Oeiras, Celta Editora, 2002. In: *Malheiros, J.M. (2011) “Promoção da Interculturalidade e da integração de proximidade”*

- Malheiros, J. M. (2011):** “Promoção da Interculturalidade e da integração de proximidade”; Alto Comissariado para a imigração e diálogo intercultural (Acidi, I.P.): Disponível online: <http://www.acidi.gov.pt/cfn/4d00d10bc323f/live/Ver+Manual+para+a+Promo%C3%A7%C3%A3o+da+Interculturalidade+e+da+Integra%C3%A7%C3%A3o+de+Proximidade> [Consult. 4.9.2011]
- Mangold, T.(2009):** “Die Auswirkungen des sozialen Kapitals aus intra-und interethnischen Freundschaften auf die Akkulturationsabsichten türkischer Jugendlicher.” Inauguraldissertation zur Erlangung des akademischen Grades einer Doktorin der Sozialwissenschaften der Universität Mannheim. Disponível online: http://madoc.bib.uni-mannheim.de/madoc/volltexte/2009/2495/pdf/Diss_Tanja_Mangold.pdf [Consult. 4.12.2010]
- Marques, Rui (2005):** “Imigração em Portugal. Uma visão humanista.” Cidade Solidária. Disponível online: ww3.scm.pt/media/revista/ver_14/Imigraçao.pdf [Consult. 4.9.2011]
- Mercklé, P. (2004):** „Sociologie des réseaux sociaux. Paris: La Découverte. In: Portugal, S. (2007): p.9
- Michalowski, I.; Snel, E. (2005):** „Kann man Integration messen?“, Vortrag zur Fachtagung „Zuwanderer integrieren“ am 22.4.2005, Universität Münster und Universität Twente, disponível online: http://www.muenster.de/stadt/zuwanderung/pdf/2005doku_michalowski-snel.pdf [Consult. 16.11.2010]
- Moura, M. (2005):** “Diversidade Cultural e Democracia: Breve Reflexão sobre os Desafios da Pluralidade. Textos e Contextos, Salvador, v 3, n 3, p. 29-38. In: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf> [Consult. 4.9.2011]
- Münch, R. (1995):**“ Elemente einer Theorie der Integration moderner Gesellschaften: eine Bestandsaufnahme“. In: Berliner Journal für Soziologie, Jg.5, H.1, S. 5-24
- Nauck, B.; Kohlmann, A. (1998):** „Verwandtschaft als soziales Kapital. Netzwerkbeziehungen in türkischen Migrantenfamilien. S. 203–235 in: Michael Wagner und Yvonne Schütze (Hg.), Verwandtschaft: sozialwissenschaftliche Beiträge zu einem vernachlässigten Thema. Stuttgart: Enke. In: Haug, S.; Pointner, S. (2008):384
- Niessen, J.; Huddleston, T.; Chaoimh, E. N.; White, E. (2011):** “Migrant Integration Policy Index III”. Disponível online: <http://www.mipex.eu/> [Consult. 4.9. 2011]
- Ostrom, E.;Ahn, T. (2003):** “Foundations of Social Capital.” Cheltenham: Elgar. In: Haug, S.; Pointner, S. (2008), pp. 367

Paixoto, J. (2004): “País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal”. SOCIUS-Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, N°2

Perotti, A. (1994): “Plaidoyer pour l’Interculturel. Estrasburgo, Les Editions du Conseil del’Europe”. (versão em português de 1997 pelo Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural). In: *Malheiros, J.M. (2011) “Promoção da Interculturalidade e da integração de proximidade”*

Pohjola, A. (1991): “Social Networks – Help or Hindrance to the Migrant?” *International Migration* 29: 435–444. In: *Haug, S.; Pointner, S. (2008): p. 372*

Portes, A. (1995): “The Economic Sociology of Immigration: Essays on Networks, Ethnicity, and Entrepreneurship”; New York: Russell Sage Foundation.

Portes, A. (1998): „Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology”, *Annual Review of Sociology*, Vol. 24. (1998), pp. 1-24. *Disponível online:*
<http://links.jstor.org/sici?sici=0360-0572%281998%2924%3C1%3ASCIOAA%3E2.0.CO%3B2-D> [Consult. 25.4.2010]

Portes, A. (1999): “Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação”; Oeiras: Celta

Portes, A. (2000): “The Two Meanings of Social Capital”. *Sociological Forum* 15: 1–12.

Portes, A.; Rumbaut, R. (1990): “Immigrant America: A Portrait”. University of California Press. Berkeley. In: *Zhou, M. (2004): “Revisiting Ethnic Entrepreneurship: Convergencies, Controversies, and Conceptual Advancements”, International Migration Review* 38 (3), pp. 1040-1074 (pág. 1046)

Portes, A.; Sensenbrenner, J. (1993): “Embeddedness and Immigration. Notes on the Social Determinants of Economic Action”, in: *American Journal of Sociology*, 98, 1320-1350.

Portugal, S. (2007): “Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica”; Oficina do CES n.º 271, Março de 2007; *disponível online:*
<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf> [Consult. 12.10.2010]

Preisendörfer, P. (2003): „Soziale Integration und Erfahrungen mit Fremdenfeindlichkeit von Ausländer/innen in Rostock und Mainz“. *Soziale Welt* 54: 519–540. In *Haug, S.; Pointner, S. (2008): p.384*

Quivy, R.; Van Campenhoudt, L. (2005): “Manual de investigação em Ciências Sociais”; 4ª edição; Gradiva Publicações

Reinders, H. (2004): „Entstehungskontexte interethnischer Freundschaften in der Adoleszenz.“ In: Zeitschrift für Erziehungswissenschaft, 7. Jg., H. 1, S. 121-146. In: *Haug, S. (2006): p.81*

Resolução do Conselho de Ministros (2007): „Plano para a integração dos imigrantes“. n°63-A/2007. *Disponível online:*
<http://www.gep.mtss.gov.pt/planeamento/pimigrantes.pdf> [consult. 4.9.2011]

Rocha-Trindade, M. B. (1993), “Perspectivas Sociológicas da Interculturalidade” in *Análise Social*, vol.28, nº123/124, pp. 869-887. In: *Malheiros, J.M. (2011) “Promoção da Interculturalidade e da integração de proximidade”*

Sandercock, L. (2004):“Reconsidering Multiculturalism: towards an intercultural project” in Wood, Ph. (ed.) *Intercultural City Reader (book 1)*. Bournes Green, Comedia, pp. 16-25. In: *Malheiros, J.M. (2011) “Promoção da Interculturalidade e da integração de proximidade”*

Schenk, M. (1995): “Soziale Netzwerke und Massenmedien”; Tübingen: Mohr. In: *Haug, S. (1997): p.13,15*

Schenk, M. (1984): „Soziale Netzwerke und Kommunikation“; Tübingen: Mohr. In: *Haug, S. (1997): p.15*

Schnell, R.; Hill, P.; Esser, E. (1999): “Methoden der empirischen Sozialforschung”. 6., völlig überarbeitet und erweiterte Auflage. R. Oldenbourg Verlag München Wien

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2008): “Relatório de imigração, fronteiras e asilo”. Departamento de Planeamento e Formação. *Disponível online:*
<http://www.sef.pt/documentos/59/RIFA2008ReVIII.pdf#1> [consult. 12.11.2010]

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2010): “Relatório de imigração, fronteiras e asilo – 2010”. *Disponível online: sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2010.pdf* [consult. 4.9.2011]

Thieme, S. (2006): “Social Networks and Migration: Far West Nepalese Labour Migrants in Delhi”. *Culture, Society, Environment; South Asian and South East Asian Studies*. Münster p. 49-56

Universidade Nova de Lisboa (2009): “Relatório de actividades”. *Disponível online:*
<http://www.unl.pt/universidade/relatoriounl-2009.pdf> [consult.13.2.2011]

Varela, L. M. (2005): “El referente de la internacionalización y sus inherencias para la educación superior pública.” *Revista Educación*, 29 (2), 11-33. In: *Gonçalves, S. (2009): “Internacionalização em casa: a experiência da ESEC”*

Wellman, B.; Berkowitz, S. D. (1991): „Social Structures. A Network Approach“; Cambridge: Cambridge University Press. In: *Portugal, S. (2007): p.6*

Wolf, C. (1993): „Egozentrierte Netzwerke. Datenorganisation und Datenanalyse“; ZA-Information, 32: 72- 94. *In Haug, S. (2003): p.113*

Woolcock, M. (2003): “Social Capital”, in: Christensen, K.; Levinson, D. (Editors), Encyclopedia of Community: From the Village to the Virtual World. Sage, Thousand Oaks et al., pp. 1258-1262. *In: Thieme, S. (2006): p. 53, 54*

<http://blogsocinova.fcsh.unl.pt/djustino/files/CapHumano2.pdf> [consult. 12.4.2010]

<http://www.fcsh.unl.pt/faculdade/do-director> [consultado 9.7.2011]

<http://www.wikipedia.org/w/index.php?oldid=26664378> [consultado 25.6.2011]

ANEXO

Contactos e Relações de amizade dos estudantes estrangeiros na FCSH

QUESTIONÁRIO

Antes de mais, agradeço a sua disponibilidade para participar neste questionário, ajudando-me assim a realizar este estudo.
Este questionário destina-se a conhecer melhor os seus contactos e relações de amizade estabelecidos dentro e fora da FCSH.
Garanto completo anonimato e confidencialidade das suas respostas.

MP- MOTIVOS DE MIGRAÇÃO PARA PORTUGAL

MP1: Quais foram os motivos que o levaram a estudar em Portugal?

(Há possibilidade de respostas múltiplas)

- Política de imigração:
 - Especifique: Facilidade de obter um visto
 - Possibilidade de trabalhar durante o estudo
 - Possibilidade de permanecer no país depois dos estudos completados

- Probabilidade de encontrar um trabalho depois dos estudos completados.
- Habilitações adquiridas oferecem mais vantagens no mercado de trabalho do meu país de origem.
- Graus e qualificações obtidos, têm um melhor reconhecimento internacional.
- Custos (propinas e custos de vida) são mais baixos do que noutros países.
- Bolsa de estudo
- Presença de: amigos/conhecidos
 - família
 - comunidade étnica
- Recomendação
- actividades oferecidas
- clima
- atracções culturais e turísticas
- cultura
- religião

- língua
- Porque fiquei a seguir do ano de Erasmus
- Outras razões. Quais?

MF- MOTIVOS PARA A AQUISIÇÃO DA LICENCIATURA NA FCSH

MF1: Quais foram os motivos que o levaram a escolher a FCSH?

(Há possibilidade de respostas múltiplas)

- Reputação e suposta qualidade
- Recomendação
- Presença de amigos
- Oferta de cursos
- Possibilidade de acesso
- Continuação da permanência a seguir do Erasmus
- Outras razões. Quais?

IDE-INTENÇÃO DE DECURSO DE ESTADIA

IDE1: Quais os planos do seu decurso de estadia depois de completar os estudos?

- Ficar em Portugal
- Voltar ao meu país de origem
- Imigrar para outro país
- Ainda não sei

HL-HABILITAÇÕES LINGUÍSTICAS

HL: Como avalia as suas habilitações linguísticas dentro de uma escala de -2 até 2?
(-2= muito mal, -1 mal, 0=suficiente, 1=bom, 2=muito bom)

Perceber: -2 -1 0 1 2

Falar: -2 -1 0 1 2

IAP- INFORMAÇÃO ACERCA DE ACTIVIDADE PROFISSIONAL

IAP1: É estudante trabalhador?

- Sim
- Não

CE-PREEXISTENCIA DE COMUNIDADE ÉTNICA

Entende-se por comunidade étnica um grupo de pessoas numa área geográfica, cujos membros identificam uns com os outros, através duma herança comum consistindo em língua, cultura e tradição em comum.

CE1: Há uma comunidade étnica do seu país de origem?

- Sim ➡ Passe para CE2
- Não ➡ Passe para CQF
- Não sei ➡ Passe para CQF

CE2: Faz parte desta comunidade étnica?

- Sim
- Não

CQDF- CONTACTOS QUOTIDIANOS DENTRO DA FCSH

Entende-se aqui por contacto, contactos com estudantes da FCSH ou com pessoas conhecidas através de colegas da FCSH. Não se fala de meras saudações, mas de encontros pessoais.

CQDF1: Com que frequência tem contactos com portugueses?

- Diariamente
- Várias vezes na semana
- Uma vez na semana
- Várias vezes no mês
- Raramente
- Nunca

CQDF2: Com que frequência tem contactos com pessoas do seu país de origem?

- Diariamente
- Várias vezes na semana
- Uma vez na semana
- Várias vezes no mês
- Raramente
- Nunca

CQDF3: Com que frequência tem contactos com pessoas de outros países (que não seja ou seu, nem Portugal)?

- Diariamente
- Várias vezes na semana
- Uma vez na semana
- Várias vezes no mês
- Raramente
- Nunca

CQFF- CONTACOS QUOTIDIANOS FORA DA FCSH

Entende-se aqui por contactos, os contactos tidos com pessoas, que não pertencem a FCSH e pessoas que não conheceu através de colegas da FCSH. Não se fala de meras saudações, mas de encontros pessoais.

CQFF1: Com que frequência tem contactos com portugueses?

- Diariamente
- Várias vezes na semana
- Uma vez na semana
- Várias vezes no mês
- Raramente
- Nunca

CQFF2: Com que frequência tem contactos com pessoas do seu país de origem?

- Diariamente
- Várias vezes na semana
- Uma vez na semana
- Várias vezes no mês
- Raramente
- Nunca

CQFF3: Com que frequência tem contactos com pessoas de outros países (que não seja ou seu, nem Portugal)?

- Diariamente
- Várias vezes na semana
- Uma vez na semana
- Várias vezes no mês
- Raramente
- Nunca

DRA- DIMENSÃO DA REDE DE AMIZADES

DRA1: Quantos amigos tem dentro da FCSH (ou seja amigos que também são estudantes da FCSH, ou amigos conhecidos através da FCSH)? _____

DRA2: Quantos amigos tem fora da FCSH (ou seja amigos que não são estudantes da FCSH ou amigos que não conheceu através da FCSH)? _____

POADF: PAÍS DE ORIGEM DOS AMIGOS DENTRO DA FCSH

POADF1: Quais os países de origem dos seus amigos dentro da FCSH (ou seja amigos também estudantes da FCSH ou conhecidos através de estudantes da FCSH)

(Há possibilidade de respostas múltiplas)

- Alemanha Cabo Verde Estados Unidos Marrocos Roménia
- Angola China França Portugal Senegal
- Brasil Espanha Moçambique Reino Unido Outros, quais? _____

POAFF: PAÍS DE ORIGEM DOS AMIGOS FORA DA FCSH

POAFF1: Quais os países de origem dos seus amigos fora da FCSH (ou seja amigos que não são estudantes da FCSH e que não conheceu através de colegas da FCSH)

(Há possibilidade de respostas múltiplas)

- Alemanha Cabo Verde Estados Unidos Marrocos Roménia
 Angola China França Portugal Senegal
 Brasil Espanha Moçambique Reino Unido Outros, quais?

CADF - ENCASTRAMENTO SOCIAL EM CIRCULOS DE AMIGOS DENTRO DA FCSH

CADF1: Pertence dentro da FCSH a um círculo de amigos (na maioria estudantes da FCSH), onde todos se conhecem?

- Sim
 Não ➔ passe para CAFF

CADF2: Qual o país de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos dentro da FCSH?

- Na maioria pessoas com meu país de origem
 Na maioria portugueses
 Na maioria pessoas com outros países de origem, quais? _____

CAFF- ENCASTRAMENTO SOCIAL EM CIRCULOS DE AMIGOS FORA DA FCSH

CAFF1: Pertence fora da FCSH a um círculo de amigos (na maioria pessoas que não pertencem a FCSH), onde todos se conhecem?

- Sim
 Não ➔ Passa para OCNF

CAFF2: Qual o país de origem da maioria dos membros dos círculos de amigos dentro da FCSH?

- Na maioria pessoas com meu país de origem
- Na maioria portugueses
- Na maioria pessoas com outros países de origem, quais? _____

OCNF- OPORTUNIDADES DE CONTACTOS DENTRO DA FCSH

OCDF1: Existem muitos estudantes com o seu país de origem na FCSH?

- Sim
- Mais ou menos
- Não
- Não sei

OCDF2: Na sua opinião qual é a disponibilidade dos estudantes portugueses em estabelecer consigo contactos e amizades (-2= muito mal, -1 mal, 0=suficiente, 1=bom, 2=muito bom)

- 2 -1 0 1 2

OCFF- OPORTUNIDADES DE CONTACTOS FORA DA FCSH

OCFF1: Existem muitas pessoas com o seu país de origem fora da FCSH?

- Sim
- Mais ou menos
- Não
- Não sei

OCFF2: Na sua opinião qual é a disponibilidade dos estudantes portugueses em estabelecer consigo contactos e amizades (-2= muito mal, -1 mal, 0=suficiente, 1=bom, 2=muito bom)

- 2 -1 0 1 2

CD- CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

CD1: Qual é o seu curso? _____

CD2: Género: feminino masculino

CD3: Idade: _____

CD4: País de origem: _____

CD5: Nacionalidade: _____

CD6: Dupla nacionalidade? Sim, qual? _____

Não

CD7: Ascendência Portuguesa: Sim Não

CD8: Estado civil: solteiro(a)

casado(a)

separado(a)

divorciado(a)

viúvo(a)

CD9: Religião: Nenhuma

Católica

Protestante

Islâmica

Budista

Judaica

Outra: _____

CD10: Com que idade chegou em Portugal? _____

Tabela 1.1 - Número de estudantes de Erasmus, CIEE, Universidade Dalian e outros programas universitários na FCSH em 2001-2011

Programa universitário	2001-02	2002-03	2003-04	2004-05	2005-06	2006-07	2007-08	2008-09	2009-10	2010-11
Socrates/Erasmus	149	190	204	239	274	245	302	227	230	248
CIEE							16	26	30	37
Universidade Dalian									14	36
Outros		8	15	56	102	105	40	44	34	39
Total	149	198	219	295	376	350	358	297	308	360

Fonte: Divisão académica FCSH

Tabela 1.2 - Número de estudantes estrangeiros (nacionalidade africana/europeia/asiática/sul-/norte-americana) inscritos em licenciaturas na FCSH em 2001-2011

Grupo de nacionalidades	2001-02	2002-03	2003-04	2004-05	2005-06	2006-07	2007-08	2008-09	2009-10	2010-2011
Africana	106	120	124	129	114	107	120	112	107	106
Europeia	32	38	41	51	52	51	54	46	46	60
Asiática	10	15	9	9	10	8	10	7	7	7
Norte-/Sul-americana	27	36	36	35	35	39	47	44	53	60
Portuguesa	3862	3515	3254	2930	2599	2631	2398	2426	2561	2637
Não especificada	6	7	5	94	47	3	4	0	0	0
Total	4043	3731	3469	3248	2857	2839	2633	2635	2774	2869

Fonte: Divisão académica FCSH

Tabela 1.3 - Número de estudantes estrangeiros (nacionalidade africana/europeia/asiática/sul-/norte-americana) inscritos em Pós-graduações na FCSH em 2001-2011

Grupo de nacionalidade	2001-02	2002-03	2003-04	2004-05	2005-06	2006-07	2007-08	2008-09	2009-10	2010-2011
Africana	14	13	22	37	42	31	65	71	89	95
Europeia	13	9	14	21	28	28	57	63	80	117
Asiática	1	0	1	2	1	3	5	6	3	2
Norte-/Sul-americana	6	13	28	33	41	32	83	104	137	148
Portuguesa	575	608	964	1021	942	756	1718	1814	2055	2189
Não especificada	0	0	1	1	3	6	5	1	5	0
Total	609	643	1030	1115	1057	856	1933	2059	2369	2551

Fonte: Divisão académica FCSH

Tabela 2.1 - Grupos de país de origem por países de origem dos inquiridos

Grupo de país de origem	País de origem	N	%
África	Angola	28	37,8
	Cabo Verde	20	27,0
	Guiné-Bissau	6	8,1
	Marrocos	1	1,4
	Moçambique	11	14,9
	São Tomé e Príncipe	7	9,5
	Senegal	1	1,4
	Total	74	100
Europa	Alemanha	3	6,3
	Áustria	1	2,1
	Bélgica	4	8,3
	Bulgária	1	2,1
	Croácia	1	2,1
	Dinamarca	1	2,1
	Espanha	2	4,2
	Finlândia	1	2,1
	França	5	10,4
	Hungria	1	2,1
	Inglaterra	3	6,3
	Itália	3	6,3
	Moldávia	4	8,3
	Portugal	8	16,7
	Reino Unido	1	2,1
	Roménia	2	4,2
	Rússia	3	6,3
	Suécia	1	2,1
	Suíça	2	4,2
	Ucrânia	1	2,1
Total	48	100	
Ásia	China	37	84,1
	Indonésia	1	2,3
	Timor-Leste	5	11,4
	Macau	1	2,3
	Total	44	100
América do Norte/Sul	Brasil	29	82,9
	Canadá	1	2,9
	Estados Unidos	3	8,6
	Venezuela	2	5,7
	Total	35	100

Tabela 2.2 - Frequência de contacto com portugueses, pessoas do país de origem e pessoas de outros países dentro/fora da FCSH em percentagem

	Frequência de contacto com portugueses (dentro da FCSH)		Frequência de contacto com portugueses (fora da FCSH)		Frequência de contacto com pessoas do país de origem (dentro da FCSH)		Frequência de contacto com pessoas do país de origem (fora da FCSH)		Frequência de contacto com pessoas de outros países (dentro da FCSH)		Frequência de contacto com pessoas de outros países (fora da FCSH)	
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
Diariamente	72,5	145	61,7	121	54,0	108	54,9	107	26,5	53	21,5	42
Várias vezes por semana	12,0	24	19,9	39	17,5	35	19	37	31	62	24,1	47
Uma vez por semana a várias vezes por mês	5,0	10	8,2	16	10,0	20	11,3	22	14,5	29	21	41
Raramente	10,5	21	10,2	20	18,5	37	14,9	29	28	56	33,3	65
Total	100	200	100	196	100	200	100	195	100	200	100	195

*Dados baseiam-se nas percentagens válidas

Tabela 2.2.1 – Frequência de contacto com portugueses dentro/fora da FCSH por ciclo de estudo em percentagem

	Dentro da FCSH	
	1º ciclo	2º e 3º ciclo
Diariamente	80,4	52,6
Várias vezes por semana	7,0	24,6
Uma vez por semana a várias vezes durante o mês	2,8	10,5
Raramente ou nunca	9,8	12,3
Total	100	100

* Valores baseiam-se em 200 casos válidos /Cramer's V=0,316/Teste-Chi²,p=0,000

Tabela 2.2.9 – Frequência de contacto com portugueses pessoas do país de origem/pessoas de outros países dentro da FCSH por grupo de países de origem em %

	Contacto com portugueses				Contacto com pessoas do país de origem				Contacto com pessoas de outros países			
	Af.	Eu.	Ásia	Am. do N/S	Af.	Eu.	Ásia	Am. do N/S	Af.	Eu.	Ásia	Am. do N/S
Diariamente	73,0	91,7	46,5	77,1	66,2	37,5	65,1	37,1	27,0	37,5	11,6	28,6
Várias vezes por semana	17,6	4,2	16,3	5,7	12,2	16,7	20,9	25,7	32,4	37,5	18,6	34,3
Uma vez por semana a várias vezes durante o mês	1,4	4,2	9,3	8,6	6,8	18,8	4,7	11,4	17,6	12,5	11,6	14,3
Raramente ou nunca	8,1	0	27,9	8,6	14,9	27,1	9,3	25,7	23,0	12,5	58,1	22,9
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

* Valores se baseiam em 200 casos válidos na frequência de contacto com portugueses dentro da FCSH, em 200 casos válidos na frequência de contacto com pessoas do país de origem dentro da FCSH e em 200 casos válidos na frequência de contacto com pessoas de outros países dentro da FCSH, em 196 casos válidos na frequência de contacto com portugueses fora da FCSH, em 195 casos válidos na frequência de contacto com pessoas do país de origem dentro da FCSH e em 195 casos válidos na frequência de contacto com pessoas de outros países dentro da FCSH

Tabela 2.2.10 – Frequência de contacto com portugueses/pessoas do país de origem/pessoas de outros países dentro da FCSH por dupla nacionalidade portuguesa em %

	Contacto com portugueses			Contacto com pessoas do país de origem			Contacto com pessoas de outros países		
	Sem DN Portuguesa	Com DN Portuguesa	Total	Sem DN Portuguesa	Com DN Portuguesa	Total	Sem DN Portuguesa	Com DN Portuguesa	Total
Diariamente	62,4	92,5	71,3	62,4	37,7	55,1	24,0	30,2	25,8
Várias vezes por semana	14,4	5,7	11,8	16,8	15,1	16,3	32,8	32,1	32,6
Uma vez por semana a várias vezes durante o mês	8,0	0	5,6	8,8	17	11,2	14,4	11,3	13,5
Raramente ou nunca	15,2	1,9	11,2	12,0	30,2	17,4	28,8	26,4	28,1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

* Valores baseiam em 178 casos válidos por cada frequência de contacto com portugueses /pessoas do país de origem/pessoas de outros países. Os casos em falta são reduzidos a filtração dos estudantes com posse de só uma nacionalidade que seja a portuguesa. Contacto com portugueses: Cramer's V=0,311, Teste χ^2 :p=0,001/Contacto com pessoas do país de origem: Cramer's V=0,275, Teste χ^2 :p=0,004/Contacto com pessoas de outros países: Cramer's V=0,71, Teste χ^2 :p=0,827 (não significativo)

Tabela 2.2.11 - Frequência de contacto com portugueses / pessoas do país de origem / pessoas de outros países dentro da FCSH por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH em %

	Contacto com portugueses			Contacto com pessoas do país de origem			Contacto com pessoas de outros países		
	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom
Diariamente	48,7	68,5	85,1	61,5	63,0	47,5	20,5	25,9	27,7
Várias vezes por semana	15,4	14,8	9,9	17,9	22,2	13,9	17,9	38,9	33,7
Uma vez por semana a várias vezes durante o mês	2,6	9,3	3,0	7,7	7,4	11,9	17,9	7,4	17,8
Raramente ou nunca	33,3	7,4	2,0	12,8	7,4	26,7	43,6	27,8	20,8
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

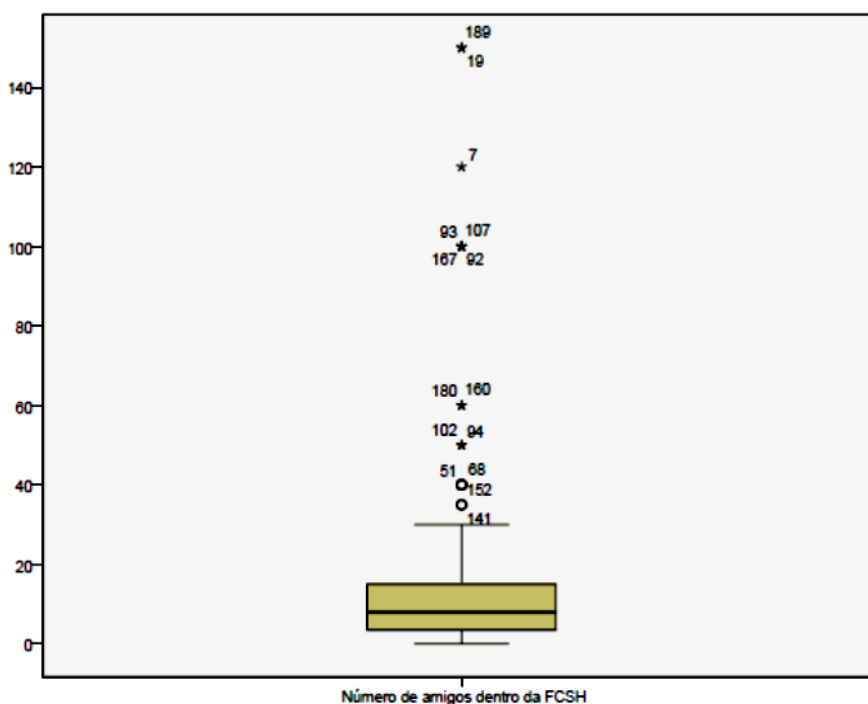
* Valores baseiam-se em 194 casos válidos por cada frequência de contacto com portugueses /pessoas do país de origem/pessoas de outros países. Contacto com portugueses: Kendall's Tau b=-0,316, Nível de significação p=0,000/ Contacto com pessoas do país de origem: Kendall's Tau b=0,164, Nível de significação p=0,009/ *Contacto com pessoas de outros países: Kendall's Tau b=-0,123, Nível de significação p=0,054 (Não significativo)*

2.2.12 - Frequência de contacto com portugueses/pessoas do país de origem/pessoas de outros países dentro da FCSH por existência de muitos estudantes do país de origem dentro da FCSH em %

	Contacto com portugueses				Contacto com pessoas do país de origem				Contacto com pessoas de outros países			
	Não	Sim	Mais ou menos	Total	Não	Sim	Mais ou menos	Total	Não	Sim	Mais ou menos	Total
Diariamente	89,4	57,6	72,7	72,1	40,4	72,9	59,1	58,7	40,4	23,7	24,2	28,5
Várias vezes por semana	6,4	18,6	10,6	12,2	10,6	16,9	19,7	16,3	27,7	30,5	30,3	29,7
Uma vez por semana a várias vezes durante o mês	2,1	8,5	3,0	4,7	14,9	6,8	10,6	10,5	17,0	15,3	10,6	14,0
Raramente ou nunca	2,1	15,3	13,6	11,0	34,0	3,4	10,6	14,5	14,9	30,5	34,8	27,9
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

* Valores baseiam-se em 172 casos válidos por cada frequência de contacto com portugueses /pessoas do país de origem/pessoas de outros países. A categoria de resposta “não sabe” foi tirada da análise. Contacto com portugueses: Cramer’s V=0,207, Teste χ^2 :p=0,023/Contacto com pessoas do país de origem: Cramer’s V=0,274, Teste χ^2 :p=0,000/ Contacto com pessoas de outros países: Cramer’s V=0,156, Teste χ^2 :p=0,212 (não significativo)

Quadro 2.3.1 – Dimensão de rede de amizade dentro/fora da FCSH



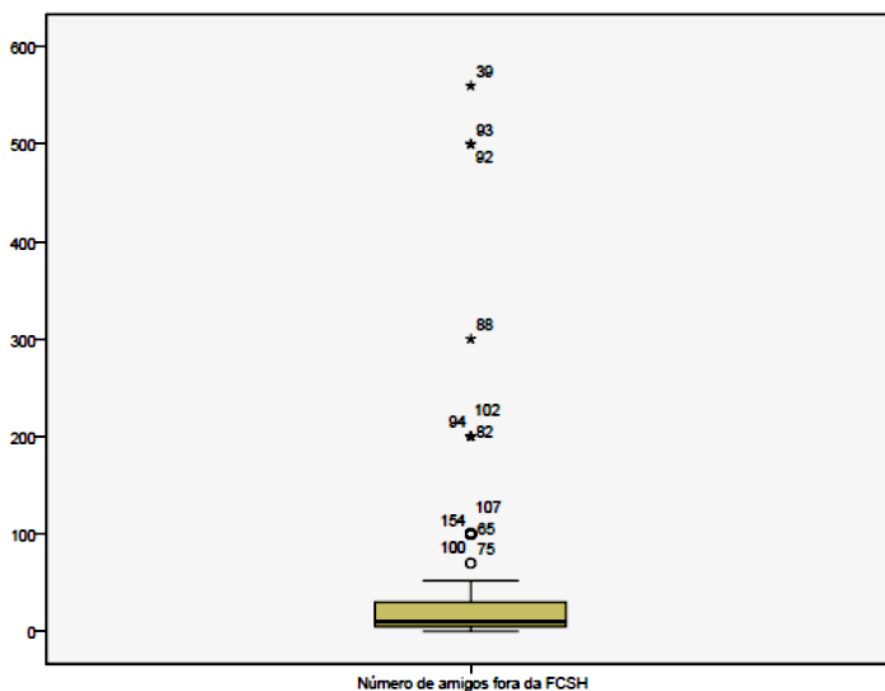


Tabela 2.3.2 – Número de amigos dentro /fora da FCSH por nacionalidade dupla portuguesa

	Número de amigos dentro da FCSH		Número de amigos fora da FCSH	
	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa
N	114	48	108	45
Média	10,27	23,46	20,11	35,58
Mediana	6	10	10	12
Máximo	150	150	560	500
Mínimo	0	0	0	2
Desvio Padrão	16,071	34,302	55,355	75,851

Tabela 2.3.3 – Número de amigos dentro/fora da FCSH por ascendência lusófona

	Número de amigos dentro da FCSH		Número de amigos fora da FCSH	
	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona
N	110	65	103	61
Média	10,43	22,65	20,21	55,56
Mediana	6	10	10	16
Máximo	150	150	200	560
Mínimo	0	0	0	0
Desvio Padrão	16,721	31,565	32,305	117,144

Tabela 2.3.4 – Número de amigos dentro/fora da FCSH por idade de chegada a Portugal

	Número de amigos dentro da FCSH		Número de amigos fora da FCSH	
	Idade de chegada <18 anos	Idade de chegada ≥ 18 anos	Idade de chegada <18 anos	Idade de chegada ≥ 18 anos
N	66	117	61	111
Média	21,77	10,85	61,69	16,28
Mediana	10	7	20	10
Máximo	150	150	560	300
Mínimo	0	0	2	0
Desvio Padrão	31,425	16,633	114,853	31,504

Tabela 2.3.5 – Número de amigos dentro/fora da FCSH por duração de estadia em Portugal

	Número de amigos dentro da FCSH					Número de amigos fora da FCSH				
	<1 Ano	1-3 Anos	4-11 Anos	≥12 Anos	Total	<1 Ano	1-3 Anos	4-11 Anos	≥12 Anos	Total
N	23	74	42	44	183	21	71	41	39	172
Média	9,83	8,55	17,69	25,09	14,79	10,62	19,1	40,24	60,03	32,38
Mediana	7	5,50	10	10	8	10	9	15	30	10
Máximo	35	60	150	150	150	30	560	500	500	560
Mínimo	0	0	2	0	0	0	0	2	2	0
Desvio Padrão	10,684	9,602	27,325	35,107	23,594	8,669	66,360	81,811	95,907	75,774

Quadro 2.3.6 – Número do amigos dentro da FCSH por habilitações linguísticas (falar) – Post-Hoc Tamhane-Test

Multiple Comparisons

Número de amigos dentro da FCSH
Tamhane

(I) Habilitações linguísticas Falar N	(J) Habilitações linguísticas Falar N	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
1	2	-5,833 [*]	1,341	,000	-9,21	-2,45
	3	-15,738 [*]	2,174	,000	-20,99	-10,49
2	1	5,833 [*]	1,341	,000	2,45	9,21
	3	-9,905 [*]	2,464	,000	-15,85	-3,96
3	1	15,738 [*]	2,174	,000	10,49	20,99
	2	9,905 [*]	2,464	,000	3,96	15,85

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

1=Habilitações linguísticas más/muito más, 2= habilitações linguísticas suficientes, 3=habilitações linguísticas boas/muito boas

Quadro 2.3.7 – Número do amigos fora da FCSH por habilitações linguísticas (falar) – Post-Hoc Tamhane-Test

Multiple Comparisons
Número de amigos fora da FCSH
Tamhane

(I) Habilitações linguísticas Falar N	(J) Habilitações linguísticas Falar N	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
1	2	-6,330	1,842	,006	-11,05	-1,61
	3	-36,336*	7,059	,000	-53,39	-19,28
2	1	6,330	1,842	,006	1,61	11,05
	3	-30,006*	7,194	,000	-47,38	-12,64
3	1	36,336	7,059	,000	19,28	53,39
	2	30,006*	7,194	,000	12,64	47,38

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

1=Habilitações linguísticas más/muito más, 2= habilitações linguísticas suficientes, 3=habilitações linguísticas boas/muito boas

Quadro 2.3.8 – Número do amigos dentro da FCSH por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro da FCSH – Post-Hoc Tamhane-Test

Multiple Comparisons
Número de amigos dentro da FCSH
Tamhane

(I) Disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades (dentro da FCSH)	(J) Disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades (dentro da FCSH)	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
1	2	-,426	4,614	1,000	-11,91	11,05
	3	-9,663	5,121	,180	-22,24	2,91
2	1	,426	4,614	1,000	-11,05	11,91
	3	-9,237*	3,113	,011	-16,76	-1,71
3	1	9,663	5,121	,180	-2,91	22,24
	2	9,237*	3,113	,011	1,71	16,76

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

1=disponibilidade má/muito má, 2=disponibilidade suficiente, 3=disponibilidade má/muito má

Quadro 2.3.9 – Número do amigos dentro da FCSH por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades fora da FCSH – Post-Hoc Tamhane-Test

Multiple Comparisons

Número de amigos fora da FCSH
Tamhane

(I) Disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades fora da FCSH	(J) Disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades fora da FCSH	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
1	2	-2,926 [*]	4,695	,899	-14,38	8,53
	3	-34,332 [*]	11,459	,010	-62,18	-6,49
2	1	2,926 [*]	4,695	,899	-8,53	14,38
	3	-31,405 [*]	11,631	,024	-59,64	-3,17
3	1	34,332 [*]	11,459	,010	6,49	62,18
	2	31,405 [*]	11,631	,024	3,17	59,64

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

1=disponibilidade má/muito má, 2=disponibilidade suficiente, 3=disponibilidade má/muito má

Tabela 2.4.1 – Amigos portugueses dentro/fora da FCSH por grupo de países de origem

	Amigos portugueses dentro da FCSH				Amigos portugueses fora da FCSH			
	África	Europa	Ásia	América do Norte /Sul	África	Europa	Ásia	América do Norte /Sul
N	58	41	25	26	55	39	27	26
%	80,6	87,2	61,0	81,3	76,4	83,0	67,5	83,9

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,226, Teste chi²:p=0,021/Fora da FCSH: Cramer's V=0,142, Teste chi²:p=0,277 (não significativo)

Tabela 2.4.2 – Amigos portugueses dentro/fora da FCSH por dupla nacionalidade portuguesa

	Amigos portugueses dentro da FCSH		Amigos portugueses fora da FCSH	
	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa
N	83	49	83	48
%	69,2	96,1	70,9	94,1

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,293, Fisher's Exact Test: p=0,000/ Fora da FCSH: Cramer's V=0,257, Fisher's Exact Test: p=0,001

Tabela 2.4.3 – Amigos portugueses dentro/fora da FCSH por ascendência lusófona

	Amigos portugueses dentro da FCSH		Amigos portugueses fora da FCSH	
	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona
N	80	63	83	58
%	73,4	92,6	74,8	87,9

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,238, Fisher's Exact Test: $p=0,001$ / Fora da FCSH: Cramer's V=0,157, Fisher's Exact Test: $p=0,052$ (Não significativo)

Tabela 2.4.4 – Amigos portugueses dentro/fora da FCSH por idade de chegada

	Amigos portugueses dentro da FCSH		Amigos portugueses fora da FCSH	
	Idade de chegada <18anos	Idade de chegada ≥ 18 anos	Idade de chegada <18anos	Idade de chegada ≥ 18 anos
N	64	86	59	88
%	92,8	69,9	85,5	72,7

Dentro da FCSH: Cramer's V= 0,388, Fisher's Exact Test: $p=0,000$ /Fora da FCSG: Cramer's V=0,147, Fisher's Exact Test: $p=0,048$

Tabela 2.4.5 – Amigos portugueses dentro/fora da FCSH por planos depois de completar os estudos

	Amigos portugueses dentro da FCSH				Amigos portugueses fora da FCSH			
	Ficar em Portugal	Voltar ao meu país de origem	Imigrar para outro país	Ainda não sabe	Ficar em Portugal	Voltar ao meu país de origem	Imigrar para outro país	Ainda não sabe
N	14	48	22	56	14	44	25	51
%	87,5	64,9	78,6	93,3	82,4	62,9	86,2	86,4

Dentro da FCSH: Cramer's V= 0,346, Teste chi²: $p=0,000$ /Fora da FCSH: Cramer's V=0,266, Teste chi²: $p=0,006$

Tabela 2.4.6 – Amigos portugueses dentro/fora da FCSH por habilitações linguísticas (falar)

	Amigos portugueses dentro da FCSH			Amigos portugueses fora da FCSH		
	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom
N	1	17	127	1	18	124
%	14,3	58,6	84,7	16,7	64,3	82,7

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,265, Teste chi²: $p=0,002$ / Fora da FCSH: Cramer's V=0,312, Teste chi²: $p=0,000$

Tabela 2.4.7 – Amigos portugueses dentro/fora da FCSH por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro/fora da FCSH

	Amigos portugueses dentro da FCSH			Amigos portugueses fora da FCSH		
	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom
N	17	39	90	17	43	82
%	48,6	75	91,8	53,1	78,2	86,3

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,373, Teste chi²: p=0,000/Fora da FCSH: Cramer's V=0,291, Teste chi²: p=0,000

Tabela 2.4.8 – País de origem dos amigos dentro da FCSH por grupos de países de origem do inquirido em %

País de origem dos amigos	Grupos de países de origem dos inquiridos			
	África	Europa	Ásia	América do Sul/Norte
Alemanha	19,4	34	26,8	12,5
Angola	68,1	19,1	9,8	28,1
Brasil	44,4	44,7	24,4	65,9
Cabo Verde	77,8	29,8	9,8	46,9
China	5,6	2,1	65,9	3,1
Moçambique	47,2	12,8	14,6	18,8
Portugal	80,6	87,2	61,0	81,3

* Só foram considerados os países de origem dos amigos com mais percentagens

Tabela 2.4.9 – País de origem dos amigos fora da FCSH por grupos de países de origem em %

Países de origem dos amigos	Grupos de países de origem do inquirido			
	África	Europa	Ásia	África do Norte/Sul
Angola	65,3	21,3	17,5	38,7
Brasil	45,8	46,8	30	80,6
Cabo Verde	63,9	19,1	15	38,7
China	9,7	4,3	60	0
Espanha	20,8	42,6	12,5	32,3
Moçambique	38,9	17	12,5	19,4
Portugal	76,4	83,0	67,5	83,9

* Só foram considerados os países de origem dos amigos com mais percentagens

Tabela 2.5.0 Pertença a um círculo de amigos dentro/fora da FCSH por grupo de país de origem

	Pertence a um círculo de amigos dentro da FCSH				Pertence a um círculo de amigos fora da FCSH			
	África	Europa	Ásia	América do Norte/Sul	África	Europa	Ásia	América do Norte/Sul
N	52	38	20	20	61	39	23	30
%	71,2	80,9	45,5	57,1	82,4	81,3	52,3	85,7

*Dados baseiam-se em 199 casos válidos dentro e 201 casos válidos fora da FCSH. Dentro da FCSH: Cramer's V=0,273, Teste chi²: p=0,002/Fora da FCSH: Cramer's V=0,298, Teste chi²: p=0,000

Tabela 2.5.1 – Pertença a um círculo de amigos dentro/fora da FCSH por dupla nacionalidade portuguesa

	Pertence a um círculo de amigos dentro da FCSH		Pertence a um círculo de amigos fora da FCSH	
	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa
N	70	43	90	44
%	56,0	82,7	71,4	83

*Dados baseiam-se em 177 casos válidos dentro e 179 casos válidos fora da FCSH. Dentro da FCSH: Cramer's V=0,253, Fisher's Exact Test: p=0,001/Fora da FCSH: Cramer's V=0,122, Fisher's Exact Test: 0,131 (não significativo)

Tabela 2.5.2 – Pertença a um círculo de amigos dentro/fora da FCSH por ascendência lusófona

	Pertence a um círculo de amigos dentro da FCSH		Pertence a um círculo de amigos fora da FCSH	
	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona
N	67	55	90	56
%	58,8	78,6	77,6	80,0

*Dados baseiam-se em 184 casos válidos dentro e 186 casos válidos fora da FCSH. Dentro da FCSH: Cramer's V=0,203, Fisher's Exact Test: p=0,006/Fora da FCSH: Cramer's V=0,028, Fisher's Exact Test: p=0,854 (não significativo)

Tabela 2.5.3 – Pertença a um círculo de amigos dentro/fora da FCSH por Idade de chegada a Portugal

	Pertence a um círculo de amigos dentro da FCSH		Pertence a um círculo de amigos fora da FCSH	
	Idade de chegada <18anos	Idade de chegada ≥18anos	Idade de chegada <18anos	Idade de chegada ≥18anos
N	57	73	65	88
%	80,3	57,0	90,3	68,2

*Dados baseiam-se em 199 casos válidos dentro e 201 casos válidos fora da FCSH. Dentro da FCSH: Cramer's V=0,234, Fisher's Exact Test: p=0,001/Fora da FCSH: Cramer's V=0,248, Fisher's Exact Test: p=0,000

Tabela 2.5.4 – Pertença a um círculo de amigos dentro/fora da FCSH por duração de estadia em Portugal

	Pertence a um círculo de amigos dentro da FCSH				Pertence a um círculo de amigos fora da FCSH			
	<1 Ano	1-3 Anos	4-11 Anos	≥12 Anos	<1 Ano	1-3 Anos	4-11 Anos	≥12 Anos
N	14	44	40	32	17	54	40	42
%	53,8	55,0	85,1	69,6	65,4	66,7	85,1	89,4

*Dados baseiam-se em 199 valores válidos dentro e 201 valores fora da FCSH. Dentro da FCSH: Cramer's V=0,263, Teste chi²: p=0,003/Fora da FCSH: Cramer's V=0,247, Teste chi²: p=0,007

Tabela 2.5.5 – Pertença a um círculo de amigos dentro/fora da FCSH por habilitações linguísticas (falar)

	Pertence a um círculo de amigos dentro da FCSH			Pertence a um círculo de amigos fora da FCSH		
	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom
N	1	18	106	4	16	128
%	12,5	60,0	68,4	50,0	53,3	81,5

*Dados baseiam-se em 193 valores válidos dentro e 195 valores válidos fora da FCSH. Dentro da FCSH: Cramer's V=0,236, Teste chi²: p=0,005/Fora da FCSH: Cramer's V=0,268, Teste chi²: p=0,001

Tabela 2.5.6 – Pertença a um círculo de amigos dentro/fora da FCSH por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro/fora da FCSH

	Pertence a um círculo de amigos dentro da FCSH			Pertence a um círculo de amigos fora da FCSH		
	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom
N	19	30	79	28	39	82
%	48,7	56,6	79,0	80,0	66,1	83,7

*Dados baseiam-se em 192 valores válidos dentro e 192 valores válidos fora da FCSH. Dentro da FCSH: Cramer's V=0,279, Teste chi²: p=0,001/Fora da FCSH: Cramer's V=0,187, Teste chi²: p=0,035

Tabela 2.6.0 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por ciclo de estudo em %

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH		Fora da FCSH	
	1º ciclo	2º e 3º ciclo	1º ciclo	2º e 3º ciclo
Pessoas com o país de origem do inquirido	20,2	42,4	35,8	52,4
Portugueses	69,1	33,3	49,5	33,3
Pessoas com outros países de origem	10,6	24,2	14,7	14,3
Total	100	100	100	100
N	94	33	109	42

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,321, Teste qui²: p=0,001/Fora da FCSH: Cramer's V=0,159, Teste qui²: p=0,147 (não significativo)

Tabela 2.6.1 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por grupo de países de origem em %

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH				Fora da FCSH			
	África	Europa	Ásia	América do Norte/Sul	África	Europa	Ásia	América do Norte/Sul
Pessoas com o país de origem do inquirido	30,0	2,6	70,0	15,8	58,3	17,9	47,8	27,6
Portugueses	50,0	84,2	25,0	73,7	26,7	66,7	39,1	58,6
Pessoas com outros países de origem	20,0	13,2	5,0	10,5	15,0	15,4	13,0	13,8
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
N	50	38	20	19	60	39	23	29

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,375, Teste qui²: p=0,000/Fora da FCSH: Cramer's V=0,264, Teste qui²: p=0,002

Tabela 2.6.2 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por dupla nacionalidade portuguesa em %

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH		Fora da FCSH	
	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa	Sem dupla nacionalidade portuguesa	Com dupla nacionalidade portuguesa
Pessoas com o país de origem do inquirido	41,2	7,1	50,6	20,9
Portugueses	42,6	83,3	36,0	65,1
Pessoas com outros países de origem	16,2	9,5	13,5	14,0
Total	100	100	100	100
N	68	42	89	43

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,415, Teste qui²: p=0,000/Fora da FCSH: Cramer's V=0,297, Teste qui²: p=0,003

Tabela 2.6.3 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por ascendência lusófona em percentagem

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH		Fora da FCSH	
	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona	Sem ascendência lusófona	Com ascendência lusófona
Pessoas com o país de origem do inquirido	30,3	11,3	48,3	23,6
Portugueses	50,0	79,2	32,6	67,3
Pessoas com outros países de origem	19,7	9,4	19,1	9,1
Total	100	100	100	100
N	66	53	89	55

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,302, Teste qui²: p=0,004/Fora da FCSH: Cramer's V=0,338, Teste qui²: p=0,000

Tabela 2.6.4 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por idade de chegada a Portugal

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH		Fora da FCSH	
	Idade chegada <18 anos	Idade de chegada ≥18anos	Idade chegada <18 anos	Idade de chegada ≥18anos
Pessoas com o país de origem do inquirido	8,9	39,4	23,4	52,9
Portugueses	80,4	43,7	57,8	35,6
Pessoas com outros países de origem	10,7	16,9	18,8	11,5
Total	100	100	100	100
N	56	71	64	87

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,388, Teste qui²: p=0,000/Fora da FCSH: Cramer's V=0,296, Teste qui²: p=0,001

Tabela 2.6.5 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por duração de estadia em Portugal em percentagem

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH				Fora da FCSH			
	<1 Ano	1-3 Anos	4-11 Anos	≥12 Anos	<1 Ano	1-3 Anos	4-11 Anos	≥12 Anos
Pessoas com o país de origem do inquirido	50,0	38,1	20,5	6,3	47,1	47,2	48,7	21,4
Portugueses	42,9	42,9	66,7	81,3	41,2	37,7	38,5	61,9
Pessoas com outros países de origem	7,1	19,0	12,8	12,5	11,8	15,1	12,8	16,7
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
N	14	42	39	32	17	53	39	42

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,262, Teste qui²: p=0,008/Fora da FCSH: Cramer's V=0,175, Teste qui²: p=0,162 (não significativo)

Tabela 2.6.6 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH planos depois completar os estudos

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH				Fora da FCSH			
	Ficar em Portugal	Voltar ao país de origem	Imigrar para outro país	Ainda não sabe	Ficar em Portugal	Voltar ao país de origem	Imigrar para outro país	Ainda não sabe
Pessoas com o país de origem do inquirido	18,2	50,0	0	16,3	42,9	58,8	27,3	25,5
Portugueses	81,8	37,0	68,4	72,1	50,0	31,4	50,0	60,8
Pessoas com outros países de origem	0	13,0	31,6	11,6	7,1	9,8	22,7	13,7
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
N	11	46	19	43	14	51	22	51

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,346, Teste qui²: p=0,000/Fora da FCSH: Cramer's V=0,235, Teste qui²: p=0,018

Tabela 2.6.7 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por habilitações linguísticas (falar)

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH			Fora da FCSH		
	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom
Pessoas com o país de origem do inquirido	100	61,1	20,4	75,0	56,3	37,3
Portugueses	0	22,2	66,0	25,0	37,5	46,0
Pessoas com outros países de origem	0	16,7	13,6	0	6,3	16,7
Total	100	100	100	100	100	100
N	1	18	103	4	16	126

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,265, Teste qui²: p=0,002/ Fora da FCSH: Cramer's V=0,104, Teste qui²: p=0,532 (não significativo)

Tabela 2.6.8 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por disponibilidade dos portugueses em estabelecer contactos e amizades dentro/fora da FCSH

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH			Fora da FCSH		
	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom	Muito mal/mal	Suficiente	Bom/muito bom
Pessoas com o país de origem do inquirido	55,6	44,8	11,5	82,1	42,1	25,9
Portugueses	16,7	34,5	79,5	7,1	36,8	60,5
Pessoas com outros países de origem	27,8	20,7	9,0	10,7	21,1	13,6
Total	100	100	100	100	100	100
N	18	29	78	28	38	81

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,373, Teste qui²: p=0,000/Fora da FCSH: Cramer's V=0,328, Teste qui²:p=0,000

Tabela 2.6.9 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por existência de muitas pessoas do país de origem dentro/fora da FCSH em %

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH			Fora da FCSH		
	Não existem muitas pessoas do país de origem	Existem muitas pessoas do país de origem	Existem mais ou menos muitas pessoas do país de origem	Não existem muitas pessoas do país de origem	Existem muitas pessoas do país de origem	Existem mais ou menos muitas pessoas do país de origem
Pessoas com o país de origem do inquirido	2,9	57,6	28,9	15,4	51,0	22,2
Portugueses	82,9	30,3	55,6	69,2	35,3	55,6
Pessoas com outros países de origem	14,3	12,1	15,6	15,4	13,7	22,2
Total	100	100	100	100	100	100
N	35	33	45	13	102	27

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,338, Teste qui²: p=0,000/Fora da FCSH: Cramer's V=0,207, Teste qui²: p=0,016

Tabela 2.7.0 – País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos dentro/fora da FCSH por pertença à comunidade étnica do país de origem existente em Portugal em %

País de origem da maioria dos membros do círculo de amigos	Dentro da FCSH		Fora da FCSH	
	Não pertence à comunidade étnica existente	Pertence à comunidade étnica existente	Não pertence à comunidade étnica existente	Pertence à comunidade étnica existente
Pessoas com o país de origem do inquirido	18,4	27,0	31,0	58,0
Portugueses	68,4	56,8	52,4	34,0
Pessoas com outros países de origem	13,2	16,2	16,7	8,0
Total	100	100	100	100
N	38	37	42	50

Dentro da FCSH: Cramer's V=0,123, Teste qui²: p=0,566 (não significante) / Fora da FCSH: Cramer's V=0,274, Teste qui²: p=0,032

